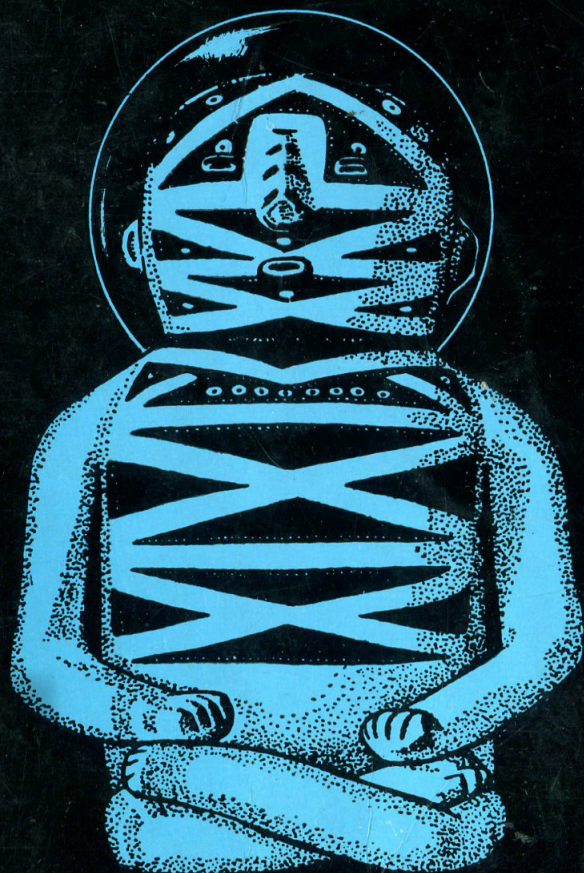
JACQUES BERGIER GEORGES H. GALLET

ENIGMAS DE TODOS OS TEMPOS

O Livro dos Antigos Astronautas

Livraria Bertrand

O Livro
dos
Antigos Astronautas

JACQUES BERGIER e GEORGES H. GALLET

O Livro dos Antigos Astronautas

Tradução
de
EDUARDO CAMBEZES

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

Título da edição original:
LE LIVRE DES ANCIENS ASTRONAUTES

Capa de José Cândido

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand (Imprensa Portugal-Brasil). Rua João de Deus — Venda Nova — Amadora
Acabou de imprimir-se em Outubro de 1979

PREFÁCIO

Em *Le Livre de l'Inexplicable*, prestámos as nossas homenagens a Charles Fort. Há quase meio século que esse americano, sereno, míope e de grandes bigodes desapareceu. Deixou apenas quatro livros[1], outras tantas pedras que não pararam de agitar o charco estagnado da ortodoxia científica.

A filosofia de Charles Fort nada tem a ver com a estranha mania de coleccionar e catalogar factos insólitos recolhidos um pouco por toda a parte. Este herético quis tão-só aproveitá-los para afirmar a sua crença na existência de um traço fundamental entre todos esses acontecimentos «inexplicáveis» e denunciar também a atitude, a maior parte das vezes dogmática, da ciência oficial.

«O desfile desses "factos malditos"», dizia ele, «é mais importante do que os próprios factos.»

E a filosofia contida nas suas obras é simultaneamente uma interrogação sobre a capacidade de muitas explicações «científicas» e uma forma de fazer sobressair a falta de qualquer coisa no quadro respectivo.

É um lugar-comum afirmar que só os heréticos, os contes-

[1] *Le Livre des Damnés, Les Talents sauvages, Et voilà!, Des Pays nouveaux*, quase ignorados em francês. A excelente biografia de Charles Fort *Prophet of the Unexplained* («Profeta do Inexplicado»), de Damon Knight (1971), não foi traduzida.

tatários, fazem avançar o conhecimento (e não os ortodoxos, amarrados à sua fé incondicional nos dogmas), mas não é de mais repeti-lo. E Charles Fort teve, talvez por isso, a sua influência na atitude nova que surge entre numerosos sábios.

Pretender debater, há uns anos atrás, uma questão como a possível intervenção de extraterrestres que trouxeram a civilização aos homens da Idade da Pedra teria provocado nos meios científicos uma perfeita convulsão.

No fundo, não é senão um novo episódio de uma velha querela. No século XIX, o grande físico inglês Lord Kelvin não aceitava a teoria da evolução de Darwin e sustentava que o aparecimento do homem se devia a uma intervenção externa.

Kelvin e Darwin odiavam-se cordialmente, e o afável Darwin empregou, ao referir-se a Kelvin, expressões totalmente impossíveis de serem incluídas num livro destinado ao grande público.

Na verdade, Kelvin, quando falava de uma «intervenção externa», pensava mais numa divindade semelhante aos deuses das religiões reveladas do que em extraterrestres vindos em máquinas.

Mas é sempre o mesmo conflito entre uma história «fechada», que explica todos os acontecimentos através de leis unicamente terrestres, e uma história «aberta», que admite intervenções externas. Intervenções tanto mais fáceis de admitir quanto se situam num passado distante.

A hipótese de que a civilização humana deve muito a visitantes — os Antigos Astronautas, como muitas vezes são chamados — vindos das estrelas parece-nos de um interesse perturbador e estimulante.

Antes de avançarmos, citaremos as declarações de um sábio soviético, o Dr. Vladimir I. Avinsky [1], que nos parecem situar particularmente bem o estádio actual do problema:

[1] Geólogo e mineralogista de Kuibychev (a antiga Samara, no Volga), prossegue actualmente investigações a fim de encontrar vestígios de visitas de extraterrestres ao nosso planeta (*Moscovo News*, I. 1975).

Pergunta. — *Não há muito tempo, a possibilidade de um contacto de extraterrestres com habitantes da Terra era considerado como um tema de ficção científica. Actualmente, um número crescente de sábios interessa-se seriamente por este assunto. Ao mesmo tempo, a hipótese tem numerosos opositores cujos argumentos parecem convincentes.*

Avinsky. — No campo da ciência encontram-se inúmeros casos onde as mais improváveis teorias se tornam verdades. As gravuras rupestres feitas ao longo das épocas paleolítica e neolítica são por vezes atribuídas à fantasia dos artistas primitivos. Mas a fantasia não se baseia ela própria na realidade? Além disso, as pinturas rupestres não podem ser consideradas sob o ponto de vista da arte actual. O eminente sábio austríaco Ch. Krüger defende que essas gravuras e pinturas são expressão «mais da experiência directa de um grupo de homens do que da de um só indivíduo». Existe também a questão da semelhança das imagens encontradas em diferentes partes do mundo. E, finalmente, como explicar tal explosão, de uma fantasia admirável, no homem pré-histórico?

P. — *Não poderia tudo isso ser apenas eco de uma civilização bastante avançada que tivesse existido no nosso planeta num passado muito recuado? De facto, há sábios que acreditam nesta hipótese, corroborando lendas e textos antigos.*

A. — O principal argumento contra a hipótese dessa protocivilização é o estado intacto das fontes de energia e matérias-primas, sem as quais uma sociedade industrial é impensável. Depois, nunca foram encontrados na camada arqueológica da Terra vestígios de qualquer antigo complexo industrial, ao passo que inúmeros deles aí foram deixados por culturas primitivas.

P. — *E a Atlântida?*

A. — A lendária Atlântida, isolada como estava e dispondo de recursos limitados de energia e matérias-primas, não pôde

atingir o nível industrial. Poderia ter sido «aprovisionada» do exterior, mas então haveria vestígios disso noutras partes do mundo, o que não se verifica [1].

P. — A arqueologia e a etnografia modernas sustentam que as gravuras rupestres de «cabeças redondas», no Sara, e todo o género de desenhos semelhantes a antenas ou a foguetões têm uma origem ritual, religiosa.

A. — Tal teoria é apenas válida para o período posterior ao aparecimento de ritos religiosos. As fontes e os protótipos dos vestígios culturais continuam ainda por esclarecer. Os etnógrafos reconhecem-no.

Por conseguinte, seria mais justo dizer que esses desenhos têm uma aplicação, mas não uma origem ritual.

Assim, a origem das máscaras, dos trajos e dos desenhos rituais permanece do outro lado da barreira, que ainda não conseguimos transpor, partindo de posições tradicionais. Por outras palavras, as descobertas etnográficas deveriam ser tomadas em consideração na busca de uma solução.

P. — Não houve praticamente investigações sérias no domínio de um contacto extraterrestre. Resulta daí que esse vazio foi preenchido com hipóteses fantásticas, muitas vezes completamente infundadas. Daí a rejeição por parte de numerosas pessoas da teoria do contacto. O seu argumento primordial consiste no seguinte: se vieram até nós extraterrestres, por que razão não deixaram melhores vestígios?

A. — Um contacto directo poderia ter sido acompanhado de diferentes manifestações de actividade tecnológica, biológica e social por parte dos Extraterrestres, e os participantes

[1] Notemos contudo que o investigador francês Marc Dem demonstrou em *Mégalithes et Routes secrètes de l'uranium* (Albin Michel, 1976) que jazigos de urânio na Europa e alhures teriam já sido explorados na Pré-História, talvez por uma civilização desaparecida. Por outro lado, se, como alguns propõem, a Atlântida se situava na ilha de Tera, no Mediterrâneo, a destruição desta ilha não deve ter resultado de qualquer explosão vulcânica natural.

primitivos nesse contacto podem, em numerosos casos, ter ficado inconscientes.

Alguns julgam que a prova indubitável de um contacto só poderia ser um «milagre cósmico», deixado pelos Extraterrestres.

Eu proporia dois critérios para identificar fenómenos supostos de origem extraterrestre.

O primeiro é tecnológico: certos elementos técnicos ou tecnológicos encontrados em vestígios antigos são incompatíveis com o nível de desenvolvimento da sua época específica na História. Tais elementos são qualificados como «tecnicismos historicamente incongruentes» [1]. Reproduzem a realidade quase fotograficamente, são praticamente independentes das correntes religiosas e sociais e prestam-se à análise mecânica e tecnológica.

O segundo critério é geográfico: permite escolher factos idênticos que coincidem em minúsculos pormenores, factos que foram localizados em diferentes épocas, em povos diferentes e em contextos físico-geográficos e sociais dissemelhantes.

Artigos de marfim de morsa, qualificados como «objectos alados», foram encontrados na península de Tchukotski. Foram interpretados de diversas maneiras: como figuras estilizadas de aves ou borboletas, ornamentos de bastões de feiticeiro ou decorações de barcos. Mas a análise aerodinâmica e estrutural desses objectos suscita uma outra interpretação: reproduções de engenhos voadores.

Claro que, se nos pomos a interpretar todas as descobertas históricas como sendo de origem extraterrestre, podemos chegar ao ponto de atribuir aos Extraterrestres as coisas mais estranhas. Para evitarmos isso, os factos disponíveis devem ser examinados de muito perto, com o maior cuidado e em todos os pormenores.

[1] Um caso deste género é o fabrico pelos Chineses, no século II, de um bronze de alumínio. Cf. capítulo 10, «Técnicas avançadas provenientes do passado».

P. — Faz constantemente alusão a pormenores técnicos que se relacionam com engenhos espaciais. Há outros sinais que indiquem um paleocontacto?

A. — Sim. Por exemplo, as figuras parecidas com fatos espaciais. Entre elas, acham-se os famosos *dogus* do Japão antigo e os seus análogos, «as cabeças redondas» do Tassili, os desenhos até aqui pouco conhecidos dos aborígenes australianos, dos índios da América do Norte, dos povos de África e uma série de vestígios maias[1]. Um estudo atento dessas figuras e desses desenhos revela os elementos essenciais de um escafandro espacial. O *codex* maia de Madrid mostra numerosas personagens mitológicas transportanto pretensas «mochilas» identificáveis a «sistemas individuais de sobrevivência», a julgar pelos numerosos pormenores específicos, tais como a mochila rígida, os tubos flexíveis e os dispositivos de direcção e de iluminação no capacete...

Mais de uma dezena de desenhos de elementos semelhantes a antenas colocadas na cabeça de figuras antropomórficas foram encontrados em diferentes partes do mundo. A classificação desses desenhos, segundo as suas características geométricas, coincide no essencial com a classificação dos tipos conhecidos ou possíveis de antenas. Os desenhos semelhantes a antenas prestam-se a uma análise que mostra os seus parâmetros de funcionamento e usos fundamentais. Servindo-se dessas «especificações», propomo-nos delinear modelos que funcionem.

P. — Não acha que toda essa tecnologia espacial «estranha» (foguetões banais, sistemas de sobrevivência rudimentares) é muito primitiva? Que a tecnologia dos extraterrestres que chegaram até nós deve ter sido muito mais sofisticada?

A. — Exactamente. Muitos sábios com quem tenho discutido este problema do contacto dizem que essas pinturas

[1] Cf. *Ces Dieux venus d'ailleurs*, de Christine Dequerlor (Albin Michel, 1977).

e figuras são, de facto, muito estranhas, que de uma maneira geral imitam foguetões e engenhos espaciais, mas «que não seria possível ir longe com tais "coisas"». E chegam à conclusão absolutamente ilógica de que os Extraterrestres nada têm a ver com o assunto. Porque dizem eles isso? Possivelmente, acham-se influenciados pela ideia tradicional de que somos os únicos habitantes do sistema solar. Contudo, não está ainda provado que não existam «bases» implantadas pelos Extraterrestres no sistema solar. A este respeito, a descoberta de redes artificiais de canais dessecados no planeta Marte não deixa de ter interesse. Outra conclusão seria mais lógica. Os Extraterrestres que possuíam esse género de tecnologia dispunham de recursos energéticos muito limitados, de um pequeno raio de acção, e o seu *habitat* não ia além do sistema solar.

P. — Então, em sua opinião, que forma tomou o contacto dos Extraterrestres com os habitantes da Terra?

A. — O estudo da cronologia dos «testemunhos» indica que o paleocontacto foi um facto real que se repetiu diversas vezes num período de vinte mil a trinta mil anos.

P. — Não acha estranho que, tendo-nos os Extraterrestres contactado temporariamente durante um período de vinte mil a trinta mil anos, não o tenham feito desde há vários milénios? [1]

A. — A situação é singular. Tendo encarado o problema do paleocontacto, somos confrontados com o problema do «não-contacto» moderno. É o termo geralmente aceite. Este problema do não-contacto é sobretudo estudado pelo escritor científico francês Aimé Michel. Ele considera evidente que os Extraterrestres se acham presentes no nosso mundo, mas

[1] Se admitirmos que a velocidade da luz é uma velocidade-limite, pode calcular-se, a partir da distância média das estrelas, com a ajuda de uma equação de difusão, a frequência média das visitas. Essa frequência é da ordem dos cinco mil anos.

que evitam o contacto. Poder-se-ia dizer que este jogo das escondidas é absurdo... É certo, mas apenas do ponto de vista dos humanos. Os Extraterrestres «não têm uma lógica comum». As suas motivações situam-se além da inteligência humana. Os seres inteligentes do sistema «X» podem ser criaturas como nós, mas num estádio superior de psicoevolução e com uma organização psíquica completamente diferente, não apenas quanto à natureza. Para Aimé Michel, se uma inteligência atingiu esse estádio, os voos serão executados por bio-*robots* cujo programa não supõe o contacto.

Não se deve tomar a sério o receio de que a descoberta de vestígios dos Extraterrestres no nosso planeta apagará a história da civilização. Pelo contrário, tal descoberta aumentará a nossa compreensão do passado e do futuro e estimulará o progresso social, científico e tecnológico.

O que realmente importa são os homens, não os estranhos.

Que seres de uma inteligência superior, vindos de algures — Extraterrestres ou mais propriamente os «Antigos Astronautas» —, tenham trazido, literalmente, a civilização «numa bandeja de prata», aos homens da Idade da Pedra, parece um pouco forte [1].

Na verdade, muita gente recua perante o que qualifica de louca especulação. Alguns recusam-se mesmo a discutir. Outros, pelo contrário, lançam-se perdidamente num entusiasmo por vezes delirante.

Ponhamos um pouco de ordem nas ideias. Quer queiramos quer não, a História mostra que povos primitivos adquiriram inexplicavelmente uma repentina e espantosa «cultura». As civilizações de Sumer e do Egipto, prósperas, bem

[1] Pode-se, efectivamente, salientar que parece praticamente impossível, pela dificuldade de comunicação, «trazer a civilização», pois o nível cultural é muito diferente. Tal pôde ser feito com o Japão, mas não com a maior parte dos países do Terceiro Mundo actual. Todavia, os Antigos Astronautas dispunham talvez de meios de ensino que nos são desconhecidos.

organizadas, de uma extraordinária riqueza (escrita, arquitectura, artes, ofícios), parecem, assim, ter surgido «de parte nenhuma», três mil e quatrocentos anos antes da nossa era. Isto não significa que não tenham existido outras anteriormente. Sabemos que é assim, mas não encontramos rastos. Quanto mais recuamos no passado longínquo, mais tudo se torna estranho, mais nos encontramos em face de mistérios, e os enigmas avolumam-se de tal maneira que já não podemos dizer nada de certo.

Há vinte anos, ninguém ou quase ninguém se dispunha a aceitar que pudessem existir inúmeras civilizações extraterrestres mais avançadas do que a nossa e cuja tecnologia lhes permitia viajar por entre os astros.

Hoje, a atitude de espírito que pretendesse que o homem fosse o único ser inteligente num universo de dimensões incomensuráveis e de possibilidades infinitas seria francamente inaceitável. Chegou o tempo de admitir a existência de outras formas de vida inteligente no espaço.

Qualquer especulação neste sentido conduz inevitavelmente à possibilidade de que um «contacto» tenha já sido efectuado por seres com uma civilização altamente desenvolvida e vindos das estrelas, com a forma de vida e os sinais de inteligência existentes no nosso planeta, ou seja, a espécie humana.

Se um tal contacto pode ter acontecido e dele é possível encontrar vestígios nas nossas mais antigas civilizações, então estas afiguram-se mais estranhas do que se pensa.

A hipótese de uma intervenção extraterrestre suscitou um interesse crescente nos últimos anos. Não apenas nos autores de ficção científica, mas sobretudo entre sábios e investigadores que consideram que o problema bem poderia tornar-se uma tarefa urgente para a ciência mundial.

Recolhemos e reunimos neste *Livro dos Antigos Astronautas* as opiniões de duas dezenas de cientistas de todos os sectores, tanto do Ocidente como do Leste, do Norte como do Sul. Como nas obras precedentes, *Le Livre de l'Inexpli-*

cable e *Le Livre du Mystère*, esforçámo-nos por apresentá-las com um certo método, simples e claro.

1. *A teoria.* Uma abundante literatura existe já sobre o assunto. Mas — a César o que é de César — o escritor suíço Erich von Däniken é o chefe de fila daquilo a que hoje se chama a «astro-arqueologia». A sua tese é simples. Extraterrestres — os Antigos Astronautas — vieram à Terra, há alguns milénios. Foram observados por populações dessa época longínqua, que deles fizeram os «deuses» de todas as suas religiões. Os elementos de informação em favor desta teoria não deixam de acumular-se. E o fantástico êxito das obras de Erich von Däniken (mais de trinta milhões de exemplares vendidos em todo o mundo) mostra que esta tese toca de perto as forças profundas do inconsciente colectivo, da «memória racial».

2. *A objecção.* Os nossos «visitantes» — os Antigos Astronautas — teriam vindo das estrelas. No ponto em que nos encontramos, a perspectiva da viagem interstelar oferece-se com uma probabilidade ainda muito longínqua. Isto devido às distâncias enormes e ao tempo necessário para as percorrer. Mesmo à velocidade da luz. É este o ponto de vista «oficial»: «"Eles" não vieram, porque "eles" não podiam vir.» Esta atitude é falsa e injustificada. Segundo Einstein, a relatividade tem, simultaneamente, «proibido» e tornado possível a viagem interstelar. E tal paradoxo é apenas aparente.

Por outro lado, Einstein, Rosen e Planky anunciaram, a partir de 1937, a possibilidade de «encurtamentos» no espaço. A descoberta, ainda recente, dos «buracos pretos» parece mostrar que esses encurtamentos existem.

3. *A herança.* Encontra-se um número impressionante de relatos de intervenções celestes nos textos antigos, bíblicos, sumérios, egípcios, hindus, chineses, e nas lendas e mitos dos mais diversos povos do mundo. E verificam-se muitas

semelhanças, muitas concordâncias, entre essas tradições de «visitantes vindos do céu», geralmente benfazejos. À ciência oficial apraz-lhe ignorar — ou talvez recusar —, em bloco, toda essa massa de «informações» convergentes, atribuindo-as à efabulação ou a alucinações. Indiscutivelmente, existe conflito entre a ciência e a lenda. É, de facto, difícil confrontar conhecimentos científicos com «recordações» lendárias.

Será uma banalidade, mas não poderemos deixar de repeti-la: «Não há fumo sem fogo...»

4. *Os vestígios.* Por toda a parte do mundo se encontram monumentos, muitas vezes gigantescos, estelas, desenhos nos interiores das cavernas, nas rochas, que representam «seres» sobrenaturais com trajos diferentes, com capacetes munidos de antenas, com as suas máquinas, os seus «carros voadores» [1]. Os arqueólogos não souberam — não quiseram — ver aí vestígios de visitantes extraterrestres. Não aceitam, por definição, nenhuma «prova». Parafraseando um dito de espírito de Sax Rohmer, «se metêssemos todos os arqueólogos numa retorta e os destilássemos, não obteríamos uma gota de imaginação».

Contrariamente, os defensores da astro-arqueologia possuem um espírito mais aberto. Observando melhor esses «vestígios», conseguiram descobrir neles restos técnicos de civilizações avançadas — ou de intervenções exteriores. Verificaram extraordinárias aproximações com a nossa actual tecnologia. Mais ainda, conseguiram construir um motor muito interessante a partir de uma gravura maia e criar inventos inspirados em textos bíblicos.

Foram mais longe ainda, chegaram ao ponto de procurar vestígios de uma acção biológica dos visitantes extraterrestres para melhoria da espécie humana. Isto simplesmente porque

[1] Encontram-se também objectos insólitos que não poderiam ter existido na época a que arqueológica e geologicamente parecem ter pertencido. Por exemplo, o «objecto de Coso». (Cf. a nossa obra *Le Livre de l'Inexplicable*, Albin Michel, 1975.)

os Antigos Astronautas teriam saboreado largamente as delícias do amor das filhas da Terra. O que, finalmente, faria de nós seus descendentes!

Digamos, para já, que o presente livro não pretende trazer qualquer julgamento definitivo sobre o assunto. A astro-arqueologia é uma ciência singular, não reconhecida pela maioria do pensamento oficial e até ridicularizada. Trata-se de uma imitação de ciência, mas de uma excelente imitação. Portanto, se lhe são conferidos direitos, é preciso não esquecer que ela tem também os seus deveres: respeito pela coerência, pela noção de «prova» e preocupação de rigor.

Sejam-nos consentidas algumas notas pessoais:

1. Misturar «discos voadores» com realidades da astro-arqueologia é causar um gravoso prejuízo a esta jovem ciência.

2. Parece não terem existido no passado civilizações tecnológicas que se assemelhem à nossa. Nunca, nas escavações, foram encontrados automóveis ou máquinas de escrever fósseis.

3. Dito isto, permanece nos monumentos, como nos mitos, um tal desfasamento em relação ao nível cultural da época em que tais monumentos foram erguidos e tais mitos foram criados que a ideia de uma intervenção exterior não é de rejeitar *a priori*.

Procurar imaginar para onde vamos sem saber de onde viemos não tem sentido. E o estudo do nosso passado longínquo revela-nos ainda, provavelmente, grandes surpresas. Há sábios que põem em pé de igualdade a nossa ignorância presente e a definição do impossível. Mas se pudermos determinar, por forma positiva, a realidade das visitas dos Antigos Astronautas, obteremos então resposta para um grande número de questões que — somos obrigados a admiti-lo — ainda hoje a não têm.

A própria ciência, por mais séria, não pode opor-se a esta conclusão.

Jacques Bergier e Georges H. Gallet
Paris, 1975 — Cassis, 1977

PRIMEIRA PARTE

A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

1

A LÓGICA DA TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

PELO DR. LUÍS E. NAVIA

Nascido a 28 de Janeiro de 1940, em Cali, na Colômbia. Professor de Filosofia no New York Institute of Technology. Recebeu diversas distinções pelo seu talento de educador, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra. Autor de numerosas obras filosóficas e científicas, nomeadamente sobre Miguel de Unamuno, Schopenhauer, a cosmologia e a Atlântida.

A asserção de que a Terra foi visitada por seres inteligentes vindos de outras regiões do universo tem sido nos últimos anos objecto de grande controvérsia, especialmente depois do aparecimento da obra de Däniken *Chariots des dieux*. O número de publicações neste domínio tem aumentado constantemente. A reacção do grande público foi aparentemente favorável, mas a de certos meios académicos e científicos foi, a maioria das vezes, negativa. Uma das mais importantes revistas científicas americanas falou recentemente da teoria dos Antigos Astronautas como de uma espécie de veneno intelectual, para o qual era imperioso encontrar o antídoto apropriado. Outras revistas e jornais, entre os quais se contam os de maior prestígio, não perderam o

seu tempo a assinalar os erros e a superficialidade atribuídos a esta teoria, tendo ridicularizado os princípios e optado até pelo habitual argumento *ad hominem*, com o qual a personalidade e a reputação de alguns dos seus partidários foram atacadas.

Em certo sentido, nada há nisto de surpreendente. A história das ideias está cheia de casos semelhantes, em que o grande público, desejoso de quebrar as barreiras das formas tradicionais do pensamento, abraça apressadamente novas concepções, enquanto a comunidade científica mostrou um grau excessivo de conservantismo e, consequentemente, tenta abafar pontos de vista novos. Casos como os de Bruno, Galileu, Kant, Darwin e Freud são alguns dos muitos que poderiam citar-se a este respeito. A história da astronomia contém exemplos patentes deste fenómeno. Todos sabemos como a comunidade científica acolheu as ideias cosmológicas de Emmanuel Kant. Em 1755, Kant conjecturou que a Via Láctea podia ser apenas uma parte insignificante de um vasto conjunto de «universos-ilhas», de que certos objectos, classificados por Messier como nebulosas elípticas, eram outros componentes. Foram precisos quase duzentos anos para aceitar finalmente a hipótese kantiana, que as investigações de Hubble e Baade consolidaram. Sabemos, hoje, que Andrómeda não é uma nebulosa, mas um verdadeiro «universo-ilha», a uma distância de nós superior a dois milhões de anos-luz. É possível estabelecer a comparação entre a visão de Kant e a dos partidários de visitas de «astronautas» no passado longínquo. Ambas assentam numa base especulativa, para a qual não dispomos, à partida, de confirmação empírica decisiva; ambas têm imensas consequências filosóficas e científicas, que apenas com o tempo começam a ser compreendidas, e ambas foram — cada uma na sua época — rejeitadas por representantes prestigiados da comunidade científica.

Parece-me que o essencial, presentemente, é submeter a teoria dos Antigos Astronautas à análise lógica, a fim de ver quais as exactas implicações, quais os seus fundamentos, qual

o seu valor lógico, e como se adapta ao conjunto dos conhecimentos astronómicos que geralmente aceitamos. Em ciência, as teorias não devem ser aceites ou rejeitadas por razões frívolas. A personalidade, o comportamento e os antecedentes dos seus partidários não deveriam ter qualquer influência sobre a sua aceitação ou rejeição; e, sobretudo, deviam ser completamente postas de lado as suas posições face à ortodoxia política, religiosa e científica.

A asserção fundamental da teoria dos Antigos Astronautas sustenta que a Terra foi visitada por habitantes doutros mundos, mais especificamente doutros planetas, provavelmente situados fora do nosso sistema solar. Ora, quando falamos desta ideia como de uma *teoria*, determinados pontos devem estar presentes no espírito. Uma grande parte da confusão resulta da repugnância ou incapacidade dos críticos em estabelecerem a distinção entre asserções teóricas e afirmações positivas. Os factos e as teorias não pertencem ao mesmo plano de entendimento conceitual. Os factos são um estado de coisas ou acontecimentos, particulares e específicos, no mundo espácio-temporal. São expressos por formulações que são verdadeiras ou falsas, consoante as mesmas correspondem ou não a coisas ou acontecimentos reais. Dizer, por exemplo, «tenho duzentos anos» é exprimir uma asserção falsa, uma vez que, na realidade, não se tem essa idade. As afirmações positivas são verificáveis, pelo menos nas circunstâncias comuns, recorrendo a certos métodos empíricos. No meu caso, posso investigar o meu nascimento e chegar à conclusão provável de que não tenho duzentos anos.

Contudo, quando falamos de asserções teóricas, a situação é totalmente diferente. Os factos são-nos fornecidos pela experiência, mas o que a experiência nos não fornece é a relação entre um facto e outro. Perante uma enorme variedade de factos, somos nós que devemos estabelecer essa relação, e para o conseguir formulamos teorias. Uma teoria é pois uma tentativa de interpretação de uma multidão de factos. A essência da teoria é uma explicação. Através de uma teoria procura-

mos explicar a nossa experiência pessoal. Evidentemente que não se podem tratar asserções teóricas como se fossem afirmações positivas, e os critérios para estimar o valor das primeiras são diferentes dos destinados a estimar o das segundas. Assim, não falamos de uma teoria como sendo verdadeira ou falsa. Dizer, por exemplo, que a teoria da evolução é verdadeira é não compreender como a teoria funciona no campo da linguagem. Se a evolução é uma teoria, não pode ser verdadeira nem falsa, se bem que possa ser adequada ou inadequada, possível ou impossível, provável ou improvável. Se a teoria da evolução relaciona a multidão de factos invocados pelos sábios e se os explica melhor do que qualquer outra teoria, podemos então dizer que a evolução, enquanto teoria, é uma explicação adequada àquilo que, de outro modo, ficaria por explicar.

As teorias científicas devem obedecer a exigências estritas, sem as quais valerão apenas como exercícios de imaginação. Em primeiro lugar, não devem violar o princípio cosmológico que quer que as leis do universo sejam constantes e regulares. A não ser assim, não haveria qualquer esperança de explicar fosse o que fosse, o universo seria apenas uma sucessão de acontecimentos ininteligíveis e só nos restaria o mais desesperado cepticismo. Mas o universo é considerado como homogéneo e isótropo, o que significa que podemos presumir certas bases universais de explicação como sendo aplicáveis na generalidade. Em segundo lugar, as teorias devem ser construídas de tal maneira que não haja qualquer necessidade de apelar para domínios diferentes ou opostos dos que podemos verificar, mesmo que aproximadamente, por intermédio dos sentidos. As teorias que arrastam o espírito humano para vias que se afastam radicalmente do mundo espacial e temporal da nossa experiência não são científicas. Assim, as explicações religiosas do universo não são científicas e a ciência nada pode dizer a esse respeito. Que um Deus omnipotente, bondoso e transcendente tenha ou não criado o universo *ex nihilo* é coisa sobre que a ciência deve abster-se,

por mais que esta ideia empurre o espírito para além dos limites mais generosos do verificável. As asserções religiosas, avançadas como explicação de fenómenos, não podem ser verificadas nem dadas como falsas.

Além deste princípio cosmológico e das limitações que nos são impostas pela nossa experiência espacial e temporal, existem ainda dois outros critérios fundamentais na construção de teorias científicas. Uma teoria deve estar em total acordo com o conjunto de conhecimentos aceites e aos quais se reporta ou, pelo menos, não estar em desacordo frontal com as descobertas da ciência. Não há qualquer interesse em introduzir explicações teóricas que violem verificações ou hipóteses que resistiram a permanentes confirmações. Acresce que uma teoria deve ser construída por tal forma que preencha adequadamente a função que dela se espera, e que consiste na explicação de factos que doutra maneira não seriam explicáveis. Os factos, repetimos, apresentam-se ao espírito de um modo fragmentado e sem relação entre si. Uma teoria que é construída a partir de hipóteses subsidiárias coloca-as num arranjo sólido, razoável e lógico. Consoante o êxito que uma teoria alcança no cumprimento desta obrigação, a mesma é classificada de adequada ou inadequada. Naturalmente, existe em cada momento da história da ciência uma diversidade de teorias que procuram explicar o mesmo conjunto de fenómenos. Por exemplo: há três grandes explicações cosmológicas da origem do universo tal como hoje o conhecemos. Certos astrónomos defendem a teoria do estado estacionário, que supõe um universo constantemente pronto a criar-se a si próprio; outros defendem um modelo de universo no qual a actual organização da matéria é considerada como resultado de uma explosão cósmica cataclísmica; outros, por fim, falam de um universo em oscilação. Até ao presente, os dados obtidos pela observação não são suficientes para chegar a uma conclusão firme sobre a congruência de uma ou outra destas teorias, embora haja esperança de que, com o progresso das ciências astronómicas, o problema seja em

breve resolvido. Em todo o caso, estes três modelos cósmicos satisfazem aos três critérios atrás enunciados e podem, assim, ser classificados como teorias perfeitamente científicas.

Voltando à questão dos Antigos Astronautas, devemos examinar se tal teoria está ou não de acordo com os nossos critérios. É inegável que existem nesses critérios certos elementos subjectivos. No fim de contas, são hipóteses humanas para necessidades humanas. Não é absurdo conceber universos onde possam operar leis extremamente diferentes das do nosso. Podemos mesmo conceber um universo sem qualquer espécie de lei. Mas até um tal estranho universo ser descoberto, o ónus da prova incumbe aos que não aceitam a universalidade das explicações científicas. Devemos pois submeter a teoria dos Antigos Astronautas a uma análise que aceite os critérios da avaliação científica. No universo onde não há lei e onde tudo é possível, não existe nem verdade nem ciência. Se no mundo comum dos acontecimentos físicos a teoria dos Antigos Astronautas não estiver de acordo com os critérios científicos, somos obrigados, por honestidade intelectual, a relegá-la para as categorias da fantasia, do absurdo, do pueril e do pseudocientífico, como o fizeram já alguns sábios. Se, pelo contrário, ela mostra estar de acordo com as normas prescritas, devemos conferir-lhe um lugar importante entre as teorias científicas e proceder à reavaliação subsequente dos pontos de vista contrários.

A teoria dos Antigos Astronautas procura explicar um grande número de factos perturbadores ao admitir a presença na Terra de visitantes vindos de outras regiões do universo. Sustentam os partidários desta teoria que certos fenómenos arqueológicos, literários, religiosos, históricos e mesmo biológicos podem ser melhor explicados aceitando a intervenção de seres inteligentes extraterrestres ao longo da história humana. Esta ideia, lembremo-lo, não é inteiramente nova. Existem vários índices históricos de que ela foi seriamente considerada por eminentes sábios e filósofos do passado. Tem hoje grande publicidade, graças aos trabalhos do

sábio russo M. Agrest e às obras de Erich von Däniken. E, no entanto, a despeito de tudo isto, a ideia de que qualquer outra civilização tenha podido exercer uma acção sobre nós não é uma noção que os sábios se achem muito desejosos de adoptar. Tem todo o ar de sair de um romance de ficção científica; dá a impressão de qualquer coisa de altamente improvável, de qualquer coisa de ingénuo, de infantil, que não deveria ser tomada a sério; de qualquer coisa que, sobretudo, não é uma teoria científica. Pertence, dizem alguns, ao domínio da especulação gratuita, não ao domínio da ciência.

Parece-me, contudo, que, quando reflectimos sobre aquilo em que assenta a teoria dos Antigos Astronautas, um grande número de conclusões inevitáveis se nos impõe. Por exemplo, ela pressupõe que o universo é povoado, pelo menos, por mais de uma civilização galáctica, o que equivale a dizer que nós, a humanidade, não somos os únicos seres inteligentes no universo. Deve sublinhar-se que, presentemente, este aspecto já não é discutido entre os astronautas. Os cálculos astronómicos levam à conclusão inevitável de que não podemos estar sozinhos no universo. A Terra, como se sabe, é um planeta menor que gira em torno de uma estrela de tamanho médio e faz parte de um sistema planetário nascido há cerca de quatro mil e setecentos milhões de anos. O processo de formação planetária, tal como geralmente hoje o concebemos, é o resultado de condensações nebulares que são provavelmente responsáveis pela formação da maioria das estrelas da Via Láctea. O Sol pertence a um tipo verdadeiramente comum de estrelas, e podem contar-se por biliões as estrelas deste género. Acresce que os *processus* físicos que levaram à criação do nosso sistema planetário devem ter dado origem a inúmeros outros sistemas. Os planetas são mais numerosos do que as estrelas e o facto de conhecermos apenas duas famílias deles — o nosso, e o que acompanha a estrela de Barnard — em nada altera esta conclusão. A aceitação do

princípio cosmológico leva-nos a admitir a existência de inúmeros mundos.

O mesmo se segue quanto ao aparecimento da vida em geral e da vida inteligente em particular. Ambas são o produto final de uma longa cadeia de causalidade ligada a fenómenos físicos operando universalmente. A ideia de que somos únicos, quer pela nossa posição, quer pela nossa natureza, não pode ter sentido, dada a imensidade do universo e o postulado do princípio cosmológico. Civilizações semelhantes ou não à nossa devem estar espalhadas, não apenas por todo o nosso grupo galáctico local, mas também através do universo inteiro.

Além disso, a idade do nosso sistema solar é apenas de quatro mil e setecentos milhões de anos. Estrelas com uma idade muito maior podem encontrar-se em aglomerações globulares e para o centro da galáxia. Segue-se, consequentemente, que os planetas nessas regiões são muito mais velhos do que a Terra e que toda a vida inteligente que aí exista deve ter já atingido níveis de apuramento social e tecnológico que não podemos mesmo conceber. Nada existe de intrínseco que deva limitar a vida de uma civilização tecnológica a um número determinado de séculos, e é muito provável que algumas delas se possam ter desenvolvido desde há milhares de anos.

Se nos é permitido extrapolar partindo da nossa experiência terrestre, devemos então concluir que a deslocação planetária e a viagem interplanetária não devem apresentar óbices invencíveis para as civilizações avançadas. Após somente alguns decénios de exploração do espaço, atingimos já velocidades de quinze quilómetros por segundo. Prevê-se que estas velocidades dupliquem em breve e que, dentro de outros decénios, centupliquem. Dificilmente podemos imaginar os progressos neste domínio daqui a alguns séculos. É fisicamente possível atingir certas velocidades críticas, talvez acima dos duzentos e cinquenta mil quilómetros por segundo, onde o efeito da relatividade poderia começar a fazer-se sentir.

O espaço achar-se-á então reduzido de uma forma significativa, o tempo será alterado por dilatação e a galáxia, senão o universo, estará ao alcance de astronautas cósmicos.

Tendo isto presente, não podemos deixar de concluir que os contactos espaciais serão absolutamente correntes, e se aceitamos a evidência estatística da existência de civilizações mais antigas também não podemos deixar de concluir que esses contactos devem ter já sido muito frequentes. Onde está, então, o pretenso absurdo das bases da teoria dos Antigos Astronautas? Onde a sua pretendida puerilidade? Que leis físicas, que regras lógicas, que informação astronómica, que noções cosmológicas foram violadas ao admitir a presença de visitantes na Antiguidade? O que é importante é lembrarmo-nos que noções tais como possibilidade e falta de realidade são hoje incontestáveis. A oposição à teoria dos Antigos Astronautas resulta da incapacidade, para muitos, de compreenderem os sinais dos tempos e de procederem ao ajustamento necessário do seu quadro de referência conceitual. Há também preconceitos religiosos e psicológicos que vêm à superfície quando uma nova interpretação dos textos bíblicos ou de outras tradições humanas é proposta. As ideias de Agrest, Von Däniken, Blumrich, Drake e outros, perturbaram indubitavelmente numerosos espíritos, especialmente quando foi avançada a ideia de que certas tradições religiosas podem ser melhor interpretadas quando resultando de visitas espaciais.

Resta-me pôr uma última questão, talvez a mais difícil: a teoria dos Antigos Astronautas relaciona de uma maneira adequada um número suficiente de dados difíceis de compreender de outro modo. Além do mais, nós julgamos uma teoria não apenas pelo seu fundamento lógico e pelo seu acordo com a nossa concepção do universo, mas também pela sua capacidade de explicar factos. Responder a uma tal questão seria tarefa quase interminável, pois os factos que se pretendem explicar são muito heterogéneos. Uns pertencem à arqueologia, como os gigantescos desenhos de Nazca e os

frescos do Tassili, no Sara. Outros pertencem à exégese bíblica, como o relato de Ezequiel e as experiências dos Judeus durante o êxodo do Egipto. Outros, ainda, pertencem a fontes literárias e lendárias muito antigas, como as crónicas dos Sumérios. Parece-me que é sempre possível arquitectar uma explicação puramente terrestre para cada um destes factos sem ter de introduzir-lhe teorias religiosas, uma vez que, como atrás dissemos, estas não cabem no domínio da ciência. Os desenhos de Nazca foram explicados de muitas maneiras: como canais de irrigação, como desenhos rituais e ainda como indicações astronómicas; as figuras do Tassili — uma das quais é o famoso «grande deus marciano», assim denominado pelo arqueólogo Henri Lhote — como representação de máscaras e de trajos rituais; o relato de Ezequiel como a visão de um homem em estado de delírio; as crónicas dos Sumérios como deformações de acontecimentos humanos mais antigos. E assim por diante.

O que é, contudo, evidente é que somos forçados, em cada caso, a recorrer a hipóteses *ad hoc* a que faltam a coerência e a universalidade. Admitindo, pelo contrário, antigas visitas vindas do espaço, tais casos e numerosos outros vestígios perturbadores do nosso passado longínquo tomam de repente uma consistência sistemática e são vistos como manifestações de um único e mesmo facto pré-histórico.

É certo que, tanto quanto sei, nunca foi encontrado um só elemento material de prova empírica, uma antiga astronave, por exemplo, que confirmaria definitivamente a teoria. Se fosse encontrado um tal elemento de prova, não falaríamos de «teoria», mas de um «facto assente». Mas esta circunstância em nada altera a significação, a probabilidade e a congruência da teoria dos Antigos Astronautas. Esta continua a ser um quadro de explicação perfeitamente aceitável, que projecta abundante luz sobre um grande número de singularidades humanas, e a menor das quais não é a aparição de religiões antropomórficas. Fechar os olhos e abrigar-se atrás de noções científicas deformadas é, segundo penso, compreen-

der mal o movimento da ciência. Demonstrou-se finalmente que os sábios que rejeitaram a ideia kantiana do «universo-ilha», por causa da falta de prova empírica, e que, através de todo o século XIX, consideraram a Via Láctea como sendo a totalidade do universo, incorriam num erro grosseiro. Faltava-lhes ousadia, abertura de espírito, intuição, que constituem os ingredientes da evolução científica.

É possível que a teoria dos Antigos Astronautas só venha a ser confirmada daqui a muito tempo. Teremos todos desaparecido antes de a prova decisiva ser descoberta ou antes de se produzir um novo contacto público. Para nós, isso não é essencial. Nem em filosofia nem em ciência o momento presente é absoluto. A nossa tarefa consiste em esclarecer os espíritos e o pensamento, a fim de compreendermos exactamente o que a teoria de visitas, no passado longínquo, encerra e conseguir com ela uma maior compreensão do universo em geral e da Terra em particular. Trabalhamos somente para o futuro. O que consola é que, a despeito das agitações e da controvérsia, da difamação pessoal, das acusações de fraude, das críticas tacanhas, uma compreensão mais verdadeira do mundo será apanágio de um futuro mais feliz.

2

A CIÊNCIA E A ASTRO-ARQUEOLOGIA

Pelo Dr. JOSIP KOTNIK

Nascido em 1923, em Plaski, na Jugoslávia. Engenheiro electrotécnico em diferentes empresas do Leste e do Ocidente até à guerra e, depois, na NASA. Presentemente, investigador, conferencista, escritor e jornalista científico em diversos jornais e estações de rádio e televisão.

Os cientistas acham-se, por natureza, pouco inclinados a exprimir a sua opinião face a questões que possam ter implicações políticas.

Isto visa em primeiro lugar as questões ligadas a investigações que exigem enormes meios financeiros e uma grande reflexão quanto ao tipo de conduta pessoal e científica.

Se tais investigações não conduzem, num futuro próximo, a resultados concretos que provem o seu fundamento, é então muito arriscado emitir opiniões ou juízos públicos, uma vez que não existem meios financeiros e humanos suficientes para responderem às suas exigências.

A verificação das asserções e das descobertas de Von Däniken necessitaria de um aumento muito substancial de cientistas em diversos domínios, como a geologia, a paleontologia, a astronomia, a física, a biologia, a psicologia e a teologia.

Como se vê, trata-se sobretudo de ciências humanas acerca

das quais se pode concluir que, por causa dos problemas financeiros, são na maior parte dos países rechaçadas pelas ciências técnicas.

Tendo em conta as declarações de alguns sábios, segundo os quais investigações como as de Von Däniken exigiriam várias gerações para serem estudadas a fundo, facilmente se percebe a razão por que os cientistas se conservam prudentes e reservados nas suas opiniões.

Se analisarmos os contactos, as conversas e as polémicas de Von Däniken havidos até agora com alguns sábios eminentes, e especialmente com os que participaram no programa que preparou a descida do homem na Lua, compreender-se-á, então, a ansiedade destes últimos quanto ao regresso da tripulação depois de tão longos voos no espaço. A duração desses voos praticamente duplicou e, se encararmos a possibilidade de voos nas profundezas da nossa galáxia, chegamos então a valores de tempo enormes.

A ansiedade dos cientistas não pode causar estranheza, pois o sucesso do voo lunar dependia antes de mais do regresso, com êxito, dos astronautas à Terra. Caso contrário o Programa Apolo teria sido um malogro.

Hoje, já ninguém se atreve a pôr em dúvida a permanência indefinida de uma tripulação num corpo celeste qualquer, a possibilidade de um voo contínuo, de grande distância, abaixo do nível mínimo da velocidade da luz, nem a utilização de meios de propulsão, como radiações ou temperaturas cósmicas, moléculas pesadas, etc.

O nosso planeta é ele próprio uma enorme nave cósmica em voo há biliões de anos, percorrendo a sua órbita específica imposta pelo sistema planetário solar. Nave que é também habitada por astronautas que aí nascem e se sucedem de geração em geração.

O célebre astrónomo Dr. Zwicky concebe cientificamente a possibilidade do desvio de todo o sistema solar, o que provocaria automaticamente a alteração da órbita tradicional do nosso planeta, fixada há milhões de anos.

Este projecto, denominado "Pilgrim", que uniu, mais do que qualquer outro até hoje, imaginação e realizações técnicas e tecnológicas, encara a possibilidade de um voo prolongado no interior do sistema solar e da rendição da tripulação.

Isto exigiria porém que as condições agro-técnicas se achassem preenchidas; ora, existem já no cosmo probabilidades reais de que essas condições venham a verificar-se. Existe luz suficiente para a vegetação e, também, gás carbónico, que as plantas transformam em oxigénio indispensável ao organismo humano — ou, como pensa o professor Carl Sagan, o oxigénio poderia provir da introdução de algas azuis na atmosfera de gás carbónico que envolve os planetas Marte e Vénus. Estes exemplos mostram que o que não passava de imaginação, há apenas vinte anos, é hoje tecnicamente uma realidade.

Pode falar-se, assim, na possibilidade de visitar outros corpos celestes.

Se se considera a vinda ao nosso planeta de civilizações em expansão, ao longo da época pré-histórica, fecha-se o acesso à imaginação mesmo quando não se podem negar os testemunhos autênticos.

A avaliar pelas suas declarações, certos cientistas estariam dispostos a seguir Von Däniken se este lhes apresentasse, por exemplo, um rádio-transístor ou um gravador magnético, em vez de provas arqueológicas sob forma de figuras diversas gravadas na pedra.

Qualquer pessoa com formação técnica pode responder com rigor a esta questão.

Tomemos o exemplo do engenho espacial americano *Surveyor*. Depois de ter percorrido mais de trezentos e oitenta mil quilómetros, pousou no Mar das Tempestades e, num espaço de tempo muito curto, mudou inteiramente de aspecto. A tripulação da *Apollo 12*, que desceu mesmo junto do *Surveyor*, descobriu que aquela profunda alteração fora provocada pelo vento solar. Mais tarde, verificou-se que mi-

cróbios de um cabo eléctrico tinham morrido ao fim de dois anos.

Convém relembrar o velho ditado: «Em cem anos, nem carne nem osso; em duzentos, nem pregos nem caixão». E pode perguntar-se então a esses cientistas se alguma coisa ficaria de um transístor, de um gravador ou de qualquer outro aparelho técnico.

Suponhamos, agora, que um objecto desse género tinha sido encontrado; poderia não ter despertado qualquer interesse nas pessoas da época, que, possuindo um nível cultural muito baixo, não teriam prestado a menor atenção a tal achado e tê-lo-iam provavelmente deitado fora.

Numa hipótese como a presente, podemos nortear-nos por um princípio de que eu próprio já fui vítima, quando perdi recentemente um preciosíssimo rolo de películas ainda por revelar. Este foi apanhado por um camponês analfabeto que ignorava o que era um rolo de películas e o abriu para ver o que continha. Quando finalmente o rolo me foi entregue, depois de encontrado por outro camponês, estava completamente deteriorado.

A pedra é, devido à sua resistência à oxidação, um dos raros materiais que preserva os vestígios deixados pelas testemunhas da Pré-História. É impressionante o silêncio dos meios científicos quanto à análise feita por Blumrich dos versículos da Bíblia relativos a Ezequiel. No seu livro, cuja tradução no nosso país eu próprio prefaceei, Blumrich faz, com autoridade, a descrição da nave espacial referida por Ezequiel.

A um construtor actual de naves espaciais bastaria pegar na Bíblia, estudar tudo o que diz respeito à descrição de Ezequiel e transpor o resultado para a linguagem técnica dos nossos dias.

Um arqueólogo de reputação mundial exprimia recentemente a sua opinião sobre as asserções de Däniken. Rejeitava, bem entendido, qualquer possibilidade de considerá-las em contradição com afirmações científicas. E terminava a entre-

vista nestes termos: «É certo que não li nenhum dos livros de Däniken, mas as pessoas dizem-me que são muito interessantes; espero dispor de um pouco de tempo para poder folheá-los.» É este o comportamento típico e muito frequente de numerosos cientistas que se apresentam em público sem nada saberem acerca dos assuntos versados.

Uma análise completa de tudo o que se relacione, mesmo numa pequena parte, com factos pré-históricos causa a certos sábios dores de cabeça, insónias e inquietações, pois, como dissemos, todo o conhecimento mais avançado destes problemas conduz inevitavelmente a conflitos com os meios sociopolíticos, e nenhuma personalidade científica, mesmo das menos ambiciosas, se sujeita a que qualquer coisa desse tipo lhe aconteça.

Fizeram-se na Jugoslávia algumas descobertas arqueológicas muito importantes.

Por ocasião de profundos movimentos de terras destinados à construção de uma central eléctrica em Lepenski Vir, foram encontrados valiosíssimos vestígios de uma comunidade pré-histórica. Seriam, então, necessários enormes meios financeiros, bem como equipas de sábios especialmente aptos para procederem a investigações que determinassem a origem desses vestígios. Porém, tudo o que foi encontrado se acha cuidadosamente guardado, à espera não se sabe de quem, para vir, muito provavelmente, a cair no esquecimento. À medida que o tempo passa, o estudo vai sendo cada vez mais difícil, pois a atmosfera e o ambiente vão produzir os seus efeitos sobre o que até ali estivera envolvido num véu de mistério, tornando assim quaisquer novas análises mais laboriosas.

Um caso paralelo se passa com os vestígios pré-históricos recentemente descobertos em Brodski Drevonac. As figuras, ou melhor, as personagens representadas na pedra, têm traços na cabeça que se assemelham a um tipo clássico de antena de rádio. Segundo Däniken, certos sábios pensam que uma civilização técnica que dispunha de meios que lhe permitiam

viajar no espaço e pousar na Terra, na época pré-histórica, teria podido, por sua vez, conseguir uma forma avançada de antena individual. Como se sabe, hoje em dia, até a armação de um espelho retrovisor de automóvel pode funcionar como antena. Na realidade, a questão é pueril, pois a forma e a construção de qualquer antena corresponde a uma certa zona de ondas e de frequências; porém, quanto à construção propriamente dita, as antenas em pouco podem diferir.

Naturalmente, os aborígenes ou os que viviam na época pré-histórica não teriam podido diferenciar tais pormenores, apesar de terem gravado na pedra o que viram.

Existe um problema especial de discriminação, por parte de certas instituições sociais responsáveis, a favor de conhecidos sábios que não procuram resolver convenientemente os numerosos dilemas postos pelos factos pré-históricos.

No contexto da possível existência de «civilizações extraterrestres», algumas comunicações, versando este assunto, foram propostas por ocasião de diversas conferências mundiais da Federação Astronáutica Internacional. Porém, em virtude da sua divergência com o pensamento estatuído e também da sua relação com a possibilidade de visitas de civilizações vindas do espaço, ao longo da pré-história do nosso planeta, tais comunicações foram rejeitadas.

Se o tema dessas conferências permite encarar a possibilidade de existência, hoje, de civilizações em qualquer outra galáxia, por que razão há-de ser impossível imaginar essa existência na longínqua Pré-História?

Semelhante atitude não conduz à abordagem de muitos dos enigmas que devem ser desvendados e cuja explicação final é hoje aguardada por milhões de habitantes do nosso planeta.

3

AS PROVAS DA ASTRO-ARQUEOLOGIA

Por PETER KRASSA

Nascido a 29 de Outubro de 1938, em Viena de Austria. Jornalista e escritor científico, ocupa-se há mais de dez anos de astro-arqueologia, tendo feito investigações particularmente na URSS e na China, das quais extraiu duas obras em alemão: Quando os Deuses Amarelos Chegaram *e* Deus Veio das Estrelas.

Desde que os nossos engenhos espaciais têm a possibilidade de vencer a zona de atracção terrestre, a vontade de explorar os mistérios do universo aumentaram extraordinariamente.

Novos objectivos se propõem ao instinto de descobertas do homem que não abandona a perseguição rumo às origens. As perguntas-chave da nossa existência («Quem somos?»; «Donde vimos?»; «Para onde vamos?») aguardam a respectiva resposta. E uma dessas respostas — devíamos convencer-nos disso — deve ser procurada no nosso próprio planeta.

Ainda não sabemos se será o princípio ou o fim da «grande solução», mas quando tivermos conseguido apanhar uma ponta desse fio de Ariadne poderemos, com tenacidade, progredir às apalpadelas à procura da outra ponta. Tais esforços têm um único fim: acumular em pirâmide a multidão

de indícios sobre a nossa origem. No cimo dessa pirâmide deveria achar-se o coroamento do nosso trabalho de investigação, pois trata-se de obter uma prova. A prova, antes de mais, de que a espécie humana recebeu diversas vezes, ao longo da sua existência, a visita de extraterrestres, viajantes vindos de algures que, por razões ainda desconhecidas, nos deixaram uma herança. Talvez por acaso, mas talvez, também, intencionalmente. Influenciaram muitas das nossas civilizações e provavelmente muitos dos nossos comportamentos.

A sua identidade, que é ainda perceptível, foi caracterizada clara e nitidamente pelo Dr. Blumrich: «Estiveram cá; logo, devem ter vindo de qualquer sítio!»

Esta ideia da influência de visitantes vindos do espaço, numa longínqua época pré-histórica, é violentamente atacada. E contudo, quer se queira quer não, as provas multiplicam-se de dia para dia. Durante muitíssimo tempo as investigações especializadas passaram ao lado ou ignoraram indícios privilegiados.

Quem, na verdade, se interrogou até aqui sobre o que de surpreendente nos legou a China pré-histórica, e que nos parece hoje tão moderno? Por exemplo, sobre aquele baixo-relevo de um túmulo da província de Shan-Tung que simboliza visivelmente um engenho voador planando sobre as nuvens? Ou então sobre os desenhos e aguarelas da Alta Idade Média, provenientes de fontes muito mais antigas, e que narram a história do povo lendário dos Chi Kung, que, segundo os textos, vivia, há pelo menos quatro mil anos, no «Reino do Meio» e possuía engenhos voadores?

Também permaneceram durante muito tempo ignoradas as notáveis gravuras dos camafeus etruscos que exibem naves voando no céu, sem velas nem remos, mas providas de estranhas bolas donde saem raios.

Aliás, é preciso não colocar ao mesmo nível estas duas informações. As descobertas chinesas parecem, pelo menos, duvidosas. Os próprios Chineses não as reconhecem e a sua fonte parece ser uma revista alemã de... vegetarianos. Pelo

contrário, os camafeus etruscos existem realmente. Encontram-se no Museu de Leninegrado e o sábio e escritor russo Alexandre Kazantsev publicou as respectivas fotografias. Tais gravuras são evidentemente discutíveis, como qualquer representação vinda de povos que não têm a noção da perspectiva. Mas, pelo menos, elas existem.

Todavia, deve assinalar-se o facto, a que não parece prestar-se muita atenção, de que os Chineses tinham já, em tempos antigos, uma palavra — *fei chi* — que signfica «carro voador». Porquê semelhante designação, já que não devia haver nessa época recuada qualquer máquina voadora?

Não há dúvida que certas epopeias indianas falam, nos textos sânscritos, de naves celestes chamadas *vimanas*, poderosamente armadas, movidas pela desintegração do mercúrio. Contudo, mesmo aqui, devemos ser prudentes. Com efeito, não se possuem os textos antigos que contêm essas revelações; só existem textos relativamente modernos e mesmo estes não pretendem ser cópias de textos antigos, mas apenas revelações mediúnicas.

O engenheiro americano de origem austríaca Josef Blumrich, já citado, interessou-se especialmente pelas visitas de extraterrestres relatadas na Bíblia, no Livro de Ezequiel. Conseguiu, assim, reconstituir as naves espaciais que o profeta descreve. E, curiosamente, não foi o primeiro a fazê-lo; antigas ilustrações da Bíblia apresentam-nos essas naves, em representações ingénuas, que têm semelhanças impressionantes com as suas reconstruções técnicas. O historiador alemão Karl Mayer encontrou, depois, em Srinagar, em Caxemira, um templo onde os baixos-relevos exibem as «rodas» de que fala Ezequiel. O professor israelita Mosche Levin estabeleceu, com dois dos seus colaboradores, nos livros mosaicos, toda uma estrutura referencial sobre essas visitas. Seria interessante procurar iguais concordâncias nos Apócrifos.

As opiniões acerca destes livros acham-se extremamente divididas. Até há relativamente pouco tempo, os especialistas diziam que o Livro de Henoch não era verdadeiro, não

datando de além do fim do século XVIII. Declaram agora que o livro seria contemporâneo da Bíblia. Existem dezenas de outros Apócrifos muito conhecidos, a maioria deles publicada mas que não têm sido objecto de estudos sérios.

Não nos espantemos se um «objecto alado», encontrado em 1898, num túmulo, junto de Sakkarah, classificado de «ave» e exposto no Museu das Antiguidades Egípcias do Cairo, com o número 6347, entre outros similares, permaneceu meio século sem despertar o mínimo interesse. Só em 1969 o Dr. Khalil Messiha notou que essa «ave» era verdadeiramente interessante e a examinou de perto. O objecto é de madeira, em bom estado, pesa pouco mais de 30 gramas e mede 14 centímetros; o «nariz» ultrapassa em 3,2 centímetros as asas, que têm uma envergadura de 18 centímetros e uma forma nitidamente aerodinâmica (fig. 2). Tem as asas estendidas, horizontais, mas a «cauda» é vertical, perpendicular àquelas. O Dr. Messiha encontrou no objecto uma pequena inscrição em egípcio arcaico significando «Don Amon»; ora, Amon é o «Senhor do Vento». O objecto foi experimentado numa instalação aerodinâmica. Não só tinha perfeita aptidão para voar como as suas proporções eram «ideais». Toda a gente hoje está de acordo em considerar o objecto número 6347 como um modelo reduzido de avião — ou de planador. Não tem, efectivamente, «patas» para aterrar. A seguir, cerca de quinze outros objectos alados foram reconhecidos como modelos reduzidos de aviões e apresentados numa exposição especial em 1972.

Também um outro objecto alado mais pequeno (5 centímetros), de ouro, que figura na colecção do Museu do Ouro do Banco da Bolívia, em Bogotá, foi inicialmente classificado de «ornamento religioso» — peixe ou crocodilo voador —, datando do século V ao século XI, até que foi examinado pelo Aeronautical Institute, de Nova Iorque (figs. 3 e 4). Depois de um ensaio probatório em adequadas instalações aerodinâmicas, o escritor científico americano Ivan T. Sanderson declarou que ele não representa, de maneira nenhuma, qual-

quer animal voador; antes é, «com toda a evidência, a interpretação de um artista, de qualquer coisa que ele viu» e que «se assemelha inteiramente a um avião de combate a reacção, com a asa em delta, ultramoderno» (fig. 5). Melhor dizendo, semelhante a uma «navezinha espacial», tanto mais que a Bolívia, próxima como está do equador, oferece excelentes possibilidades de aterragem e descolagem para veículos espaciais. Foram encontrados dezoito outros pequenos «objectos alados» parecidos, em diversos museus e colecções particulares.

E que dizer do baixo-relevo da laje do sarcófago de Palenque? Representa uma personagem sentada, inclinada para a frente, e que foi intepretada, sem a mínima lógica, como sendo um «indiano frente a um altar de sacrifícios». De facto, a personagem tem vestido um «fato-macaco» que vai do pescoço às canelas, apertado com um grande cinto, e um capacete de onde saem dois tubos dirigidos para trás. Parece agir com as duas mãos sobre comandos colocados à sua frente. Tal atitude lembra irresistivelmente a de um astronauta pilotando um módulo de comando, e o engenheiro aeronáutico John Sanderson[1], perito da NASA, reconstituiu mesmo, segundo o referido baixo-relevo, a forma provável desse engenho espacial. De fazer estarrecer os arqueólogos oficiais!

Fui a Moscovo falar de tudo isto com o grande especialista russo Alexandre Kazantsev, membro da Academia das Ciências da URSS. No decurso das conversações, evocámos a formidável e inexplicável explosão ocorrida em 1908, acima do Tungutska, na Sibéria. Kazantsev atribui-a, com outros sábios soviéticos, à desintegração de uma nave espacial vinda de um outro mundo. A sua argumentação apoia-se nas correcções da trajectória do misterioso objecto celeste, observadas por testemunhas antes da explosão.

Segundo informações provenientes da Rússia, obtidas através de emigrados, igual fenómeno de explosão ter-se-ia repe-

[1] Não confundir com o escritor Ivan T. Sanderson, atrás citado.

tido em 1958, precisamente cinquenta anos depois! Os prejuízos seriam, como em 1908, consideráveis, e teria havido, desta vez, centenas de mortos. É de lamentar que as autoridades soviéticas pareçam ter feito um *black-out* sobre este acontecimento.

O sábio russo falou-me igualmente das estranhas estátuas de bronze encontradas no Japão e que se assemelham tão curiosamente a cosmonautas com capacetes (fig. 6). Foram talhadas por artistas primitivos da tribo Dogu e datam de há mais de cinco mil anos! Mas quem eram esses cosmonautas desconhecidos? E o mais extraordinário é que a NASA talvez se tenha inspirado no seu fato para aperfeiçoamento dos fatos espaciais dos astronautas americanos.

Estas figurinhas insólitas não são únicas. Von Däniken assinala também na sua obra *Em Busca dos Antigos Deuses* [1], com o subtítulo «As minhas provas fotográficas do impossível», as estatuetas de barro de cerca de 14 centímetros, que datam do IV milénio a. C., expostas no Museu de Bagdade (fig. 7). O corpo é humanóide, macho ou fêmea, mas com uma cabeça extraordinária, assemelhando-se pela forma, e sobretudo pelos olhos estranhos, à de um insecto. Que modelo desconhecido pôde, na realidade, inspirar o artista pré-histórico?

Pode citar-se uma estatueta de 17 centímetros, de pedra vermelha, que data pelo menos de há dois mil anos e se encontra, presentemente, no New York Metropolitan Museum of Art. A personagem humanóide que representa não corresponde a qualquer tipo étnico conhecido. E há outras descobertas na América Central e do Sul — o homem com a cabeça de peixe-gato, por exemplo —, cujos tipos são nitidamente diferentes de todas as raças humanas que se sabe terem existido. Acrescentaria que um pouco por toda a parte se encontram esqueletos de seres quase humanos cujos crânios são de uma dimensão totalmente insólita.

A propósito de crânios, mencionemos, de passagem, o

[1] Econ Verlag ed., Dusseldórfia, 1973.

extraordinário crânio de cristal de rocha puro, encontrado em ruínas maias, junto de Lubaantur, nas Honduras Britânicas. Pesa cerca de cinco quilos, mas não se lhe consegue encontrar o mínimo vestígio de utilização, pelo escultor, de qualquer instrumento nosso conhecido.

Descobrem-se, assim, por todo o mundo, «indícios» — senão provas — da passagem de visitantes vindos do espaço. Por volta de 1938, o arqueólogo alemão Wilhelm König achou, perto de Bagdade, diversas jarras de terra com o rebordo revestido de asfalto e contendo uma haste de ferro metida num cilindro de cobre. Pensou tratar-se de «pilhas eléctricas» fabricadas num passado longínquo (fig. 8). E de facto, depois da guerra, um engenheiro americano da General Electric conseguiu demonstrar que se tratava, na verdade, de um volt e meio. Acham-se agora preciosamente expostas numa vitrina do Museu de Bagdade, no Iraque.

Não faltam outros objectos anacrónicos, muito avançados em relação aos conhecimentos da época a que se julga terem pertencido. Objectos da mais variada natureza. Por exemplo, um prego de ferro de 18 centímetros descoberto no século XVIII, na rocha de uma mina, no Peru. Lembremos que os índios americanos não conheciam o ferro antes da chegada dos conquistadores espanhóis. Outros pregos foram igualmente encontrados: num bocado de quartzo aurífero, na Califórnia, em 1851; num bloco de pedra de uma pedreira escocesa, por volta da mesma época, medindo a cabeça 2,5 centímetros; e, mais recentemente, por Hubert Maltana, numa mina perto de Salisburgo. Todos estes pregos provinham de camadas geológicas com cerca de dez mil anos. Quem os fabricou?

Em 1900, pescadores de esponjas encontraram nos destroços de um barco grego afundado no século I a. C., a sessenta metros da superfície, junto da ilha de Anticitera (Cerigoto), curiosos fragmentos megalíticos que podem ver-se no Museu Arqueológico de Atenas. O seu aspecto lembra restos de peças mecânicas de bronze, gastas pela corrosão. E, na verdade, o

arqueólogo Valerios Stais conseguiu, em 1959, fazer com eles a reconstituição de um mecanismo de engrenagem diferencial muito complicado, com três eixos e quarenta rodas dentadas — uma das quais central, com duzentos e trinta dentes e nove escalas graduadas (fig. 9). O estudo destas rodas mostrou tratar-se de uma máquina de calcular as fases e posições da Lua e das constelações. Tudo com a dimensão de uma máquina de escrever portátil. A Grécia do século I a. C. não possuía nem os instrumentos nem os utensílios necessários para a construção de um mecanismo desta precisão. Nenhum texto contemporâneo menciona esta máquina, prodigiosa para a época. E porque não se encontram antecessores nem sucessores?

No mesmo museu existe uma pequena lente de cristal de rocha encontrada em Éfeso; o Museu Britânico exibe outra proveniente de um túmulo de Helwan, no Egipto, que foi provavelmente «polida mecanicamente», o que ninguém parece discutir. Existem outras em Istambul e outras ainda nas Honduras Britânicas.

Num sector diferente, no Peru, os trabalhos do professor Cabrera sobre o livro misterioso de Pizco mostram que a transfusão de sangue era conhecida de uma civilização pré--inca. E também uma forma de acupunctura bastante semelhante à técnica chinesa clássica, como a que sábios americanos e egípcios encontraram nos baixos-relevos da pirâmide de Sefer. As lendas peruanas e egípcias são de resto extraordinariamente concordantes.

Também ninguém pode explicar a incrível precisão do calendário maia, com o seu dia exacto, ou seja a 365,242.ª parte do ano solar, segundo as investigações levadas a cabo pelo alemão Hans Hening Pantel, que conclui por uma intervenção extraterrestre.

Na planície nua de Nazca, ao sul de Lima, no Peru, estão traçados imensos desenhos lineares, que foram estudados pela alemã Maria Reiche. É impossível, no solo, distinguir o que eles representam: aves, um lagarto, uma aranha, etc. Tal

só se consegue vendo-os de uma grande altura, do céu (fig. 10). E não é tudo. Outras linhas — «estradas incas» — seguem a direito durante quilómetros através dessas figuras, subindo mesmo pela montanha vizinha. Não vêm de parte nenhuma e terminam também abruptamente. Umas são praralelas, outras cruzam-se entre si. Mas vistas do céu — foram fotografadas por astronautas da NASA — (fig. 11) assemelham-se nitidamente a pistas de aeroporto — ou de astroporto?

Passemos agora à Turquia. Em 1929, quando o Museu Topkapi, de Istambul, estava em vias de se transformar em Museu das Antiguidades, ao director dos museus nacionais turcos depararam-se dois bocados de um mapa de cores delicadas sobre uma pele de gazela. Eram dois fragmentos do «mapa do mundo» levantado em 1513-1517 por Piri Reis, almirante, pirata e cartógrafo célebre. «Ninguém», escrevia ele no seu *Bahyre*, «tem presentemente um mapa como este.» Mapa que se julgava perdido. Bibliotecas e museus estrangeiros adquiriram algumas reproduções (fig. 12). O americano Mallery, especialista em cartas antigas, e o seu colega Walters, do Instituto Hidrográfico da Armada dos Estados Unidos, puderam então estudá-lo com apaixonado interesse.

Ele representa, com efeito, não apenas as costas americanas e africanas, mas também as do continente antárctico. Ora, no começo do século XVI, não existia nenhuma carta das Américas e o Antárctico ainda não tinha sido descoberto. Piri Reis diz na sua obra ter compilado o mapa de acordo com vinte mapas mais antigos. Isto não explica, contudo, a sua inverosímil precisão nem o facto de mostrar uma América do Sul que se prolonga por um istmo que a liga à Antárctida. Esta «ponte continental» existiu realmente, mas há onze mil anos! Além disso, o mapa de Piri Reis mostra também as costas, as ilhas e o relevo da Antárctida antes de este continente ser coberto pelo gelo. Como evitar então o juízo de que, originariamente, estes incríveis pormenores foram copiados segundo um mapa levantado por Antigos

Astronautas extraterrestres, em órbita em torno do nosso planeta nessa época longínqua?

Certamente que é preciso examinar à luz fria do método científico todos esses indícios — talvez provas —, mas a sua infinita enumeração não constitui, ela própria, a justificação das fascinantes investigações da astro-arqueologia? Também nós havemos de encontrar a nossa Tróia.

SEGUNDA PARTE

A VIAGEM INTERSTELAR

4

O VOO INTERSTELAR NAS LENDAS E NOS MITOS ANTIGOS

PELO PROF. DR. J. S. LISSIEVITCH

Akademija Nauk, URSS.

A conquista do espaço trouxe à humanidade um novo tipo de problemas, que influenciaram todos os ramos da ciência. Na busca de uma solução, os sábios não se voltam apenas para os seus contemporâneos, mas também para os escritores de gerações passadas, sem excluírem os antigos mitos, as sagas, as lendas e mesmo o folclore — coisas consideradas até aqui apenas como produto da imaginação colectiva. Hoje, tais fontes fornecem-nos material para novas reflexões. Não deve esquecer-se que foi a *Ilíada* de Homero que levou à descoberta de Tróia e que foi uma velha saga que ajudou a encontrar, na América, alguns vestígios das primeiras colónias dos antigos Vikings. E não temos nós consciência de que estamos, há muito, na posse de textos contendo informações com um significado mais estimulante ainda do que os que acabamos de mencionar? De qualquer modo, sabemos que já não é ridículo espiolhar todos esses velhos documentos, e fazê-lo com a visão de homens que pertencem a uma nova idade cósmica, a fim de procurar nos antigos escri-

tos descrições de viagens às estrelas, na busca de qualquer coisa que eventualmente ajude a estabelecer relações com um nível científico mais avançado; mesmo que o que descobrimos possa não estar de acordo com conceitos tradicionais que tanto prezamos nas civilizações primitivas da Antiguidade. Que nos seja definitivamente consentido considerar como desusado o nosso método hipotético normal de interpretação e tentar, em seu lugar, não perder a mínima possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos actuais, por mais improváveis que certas relações nos possam parecer. É o que fazem já, como se sabe, certos investigadores.

Deveria, por exemplo, ser dada grande importância aos trabalhos de investigação na Etiópia, sobre acontecimentos muito antigos, como os narrados no livro apócrifo do profeta Henoch [1] — relato da «viagem nos céus de Henoch». Contém uma curiosa descrição da Terra vista «sob um ângulo» que nos lembra, de maneira surpreendente, a impressão que os nossos cosmonautas tiveram! É igualmente admirável descobrir em velhos manuscritos indianos a descrição de enormes «naves aéreas» muito espaçosas e movidas por uma maquinaria sofisticada. Também os nossos historiadores se voltam frequentemente para descrições de um tal Beroso, antigo sacerdote da Babilónia, que nos narra encontros com os mais espantosos seres extraterrestres, na antiga região de Sumer. Mas preferia chamar a vossa atenção para uma tradição cultural com a qual o leitor comum não se acha talvez tão familiarizado — a tradição chinesa. Os seus manuscritos mostram nitidamente, por um lado, que a China não pode, pura e simplesmente, ser excluída do nosso trabalho de investigação e, por outro, que esses manuscritos são muito susceptíveis de fornecer dados que completem e precisem os de que dispomos. Há numerosos documentos da China antiga e pré-medieval que mal foram estudados. Muitos nunca chegaram

[1] Cf. J. BERGIER e G. H. GALLET: *Le Livre du Mystère*, p. 89 e segs., Albin Michel, 1975.

até nós e alguns só fragmentadamente. No entanto, um cuidado estudo analítico fornece uma imagem extraordinariamente interessante das capacidades manifestadas por pacíficos estrangeiros humanóides, chamados «filhos do Céu», e que, segundo os textos, visitaram a Ásia do Extremo Oriente, no III milénio a. C., talvez mesmo antes da época em que Beroso foi conhecido dos Sumérios. Sabe-se também que o aparecimento de «heróis», como os de que falam os mitos e os poemas épicos antigos, era muitas vezes anunciado através de factos miraculosos e que, com uma regularidade impressionante, as aparições de «filhos do Céu» eram a maioria das vezes precedidas por sinais celestes.

Existe, por exemplo, uma narrativa segundo a qual, antes do aparecimento de um deles, Huang-Ti, se vê um raio girar em torno da estrela Chi da constelação da Ursa Maior. E precisamente antes do aparecimento do seu sucessor, Chi Yu, vê-se uma estrela descer «como um arco-íris» (ou «uma enorme estrela em forma de taça ou pires desceu sobre a ilha em flor»). E, ainda, antes do aparecimento do «filho do Céu» seguinte, Chuan Hsu, uma mancha resplandecente percorreu a superfície da Lua como um arco-íris. Esta narração provém do velho livro *Recordações dos Soberanos e dos Reis*, publicado no século III, mas tendo as suas fontes em documentos muito anteriores.

Todos estes antigos textos históricos chineses se acham apoiados por um curioso mito fragmentário pertencente à antiga religião pré-búdica do Tibete («Bon»), que nos fala de um poderoso amigo «do Bem e dos Artífices do Bem»:

> Um ovo, criado
> pelos processos mágicos dos deuses Sah e Bal,
> caiu sob o peso da sua gravidade intrínseca,
> do seio divino do céu vazio...
> A casca era como uma couraça brilhante,
> o branco servia aos heróis de substância para a sua força,
> o interior da casca era a cidadela
> dos que viviam dentro...

E mesmo do centro do ovo
surgiu um homem, senhor de energias mágicas...

Estas observações antigas de objectos voadores que desceram do céu servem para esclarecimento de numerosos outros casos. Claro que podem ser todos simplesmente considerados como fruto da imaginação ou como símbolos psicológicos que, em si próprios, representam também uma realidade. Contudo, esta repetição obstinada de factos similares, observados ao longo das épocas, até à nossa própria, mostra, pelo menos, que laboraríamos totalmente em erro se não aceitássemos outras explicações.

É também curioso saber que, segundo os antigos mitos chineses, o aparecimento de «filhos do Céu» era muitas vezes acompanhado de um ruído formidável. O primeiro de entre eles, Fu Tsé, pois «não tinha predecessor», surgia no meio de um ruído de trovão. A propósito do mais conhecido, Huang-Ti, existe uma descrição que nos diz que «ele transgredia (violava?) mesmo a substância do trovão». O sentido desta asserção é difícil de apreender, a não ser que recordemos a concepção moderna do estado plásmico da matéria, cuja exploração começa precisamente a ser encarada como utilização cinética.

E pode pôr-se uma outra reflexão apaixonante: como representavam os antigos artistas chineses os ruídos do trovão? É infelizmente verdade que nem uma só representação pictorial chegou até nós. Mas um autor do século I, Wang Chung, descreveu uma série de desenhos existentes ainda durante a sua vida. Tais ilustrações não podiam deixar de o intrigar e de o excitar, dada a sua total incredibilidade. «O trovão era representado sob a forma de coisas empilhadas umas nas outras, fazendo-me lembrar vagamente tambores ligados uns aos outros... Como é possível representar o som e a atmosfera através de uma série de tambores ligados uns aos outros?», exclamava o velho filósofo, que tinha por hábito

examinar todas as ilustrações com um espírito eivado de um raciocínio subtil.

É pena que essas imagens, examinadas atentamente por Wang Chung, não possam estar mais à nossa disposição. Contudo, ainda existem algumas imagens dos mais antigos tambores conhecidos da China, dos II e III milénios a. C. São alongados, em forma de charuto, com mossas nas duas extremidades. E outra coisa também chegou até nós: a antiga representação ideográfica da palavra «trovão» encontrada numa olaria, gravada nos degraus de uma espécie de escada e impressa no dicionário *Chuen Tsétsé*. Estes ideogramas, se bem que simplificados e esquematizados, devem ser aceites como imagens.

Existe também uma velha cerâmica que mostra um tambor como aqueles de que fala Wuang Chung. Vêem-se os quatro círculos que se entrecruzam. Cada círculo é interceptado por quatro secções transversais. No entanto, este desenho não tem, na realidade, a menor semelhança com a construção de qualquer tambor e deveria ser francamente posto de lado, pois em nada interessa saber que espécie de divisão impediria a difusão do som. Seria, em minha opinião, muito mais lógico, ao observarmos essas imagens, não pensar em instrumentos de música e antes procurar nelas representações de «máquinas» estranhas — o que poderia ser facilitado pelo exame de outras imagens de «máquinas» similares, mesmo que provindas de partes completamente distintas do mundo.

Sei perfeitamente que pode parecer arbitrário comparar um desenho muito antigo com um módulo de aterragem actual. Mas voltemos à Antiguidade. Encontramos aí um estranho acontecimento descrito na Bíblia, pelo profeta Ezequiel. Se compararmos agora as representações do trovão com certos pormenores da máquina voadora, reconstituída, segundo o texto do mesmo Ezequiel, por Josef Blumrich[1], engenheiro da NASA, podemos verificar algumas estranhas

[1] Cf. cap. 13.

parecenças. Lá se encontram os tambores alongados, ligados entre si, bem como a um elemento central. Encontram-se igualmente as quatro linhas verticais, tal como se vêem na imagem do velho sinal ideográfico. E tudo isto encontra assim a sua explicação.

Recordemos, agora, o curioso «deus Trovão» dos mitos chineses, que comandava uma nave aérea semelhante, formada por quatro tambores. Wang Chung, ao analisar as representações iconográficas do seu tempo e ao compará-las com esses «deuses do trovão», julgava ter caído numa grave contradição. «Não há dúvida», concluía ele, o «deus Trovão ou não podia voar ou a sua descrição estava mal feita.» Porém, esses deuses eram sempre representados sem asas, como que planando no Espaço, «a cabeça não estava suspensa no céu nem os pés poisados no solo». A incompreensão de Wang Chung pode parecer-nos natural, se bem que nos deva chamar a atenção para uma figura, de todos conhecida, planando no espaço: vimo-la pela última vez na televisão quando observávamos o voo de *Soyouz-Apollo*!

As passagens de velhas lendas chinesas, que nos contam que o «deus Trovão» tinha uma habitação permanente na Terra, são também muito interessantes. Dizia-se que era proprietário do famoso lago do Trovão, situado alhures nas planícies de areias movediças da Ásia Oriental. A acreditarmos nestas antigas lendas, passavam-se ali coisas prodigiosas. Mas prefiro deter-me no relato que descreve o voo de um ser celeste.

No cânone sagrado taoista, acha-se a seguinte descrição: «Feng-Tsé incinerou-se a si próprio num feixe de chamas e, com o fumo, ergueu-se no ar. Uma manhã, voou sobre aquelas planícies de areias movediças onde o lago do Trovão está situado.»

Segue-se depois uma passagem do texto, muito sujeita a controvérsia: «Depois de ali chegar, onde viu o deus Trovão, Feng-Tsé serviu-se de um *Feyiu*» (a tradução deste ideograma

torna-se fácil, pois *iu* significa «peixe» e *fei* significa «para voar»). Este Feyiu, porém, nada tem a ver com a nossa espécie marinha peixe-voador. E foi por mero acaso que, numa velha enciclopédia, o *Taiping Julian* medieval, encontramos um fragmento de um manuscrito muito mais antigo, *O Livro das Montanhas e dos Mares*, contendo uma descrição especial de um tal «peixe para voar». Para completo esclarecimento, esse «peixe-voador» não tinha asas e era descrito da seguinte forma: «O peixe-voador parecia-se mais com um porco e tinha uma inscrição (ou decoração) a vermelho. Estava protegido com armas, contra qualquer ataque, e não tinha o menor temor do trovão.»

Contenhamos o sorriso e experimentemos antes adivinhar o que os nossos longínquos predecessores tentaram fazer compreender com tais declarações contraditórias. O peixe é, sem dúvida nenhuma, um ser «aerodinâmico», mas aquele estava coberto com um arreio elástico, brilhante como prata. A sua comparação com um porco não é completamente descabida se considerarmos que possuía quatro extremidades e um corpo volumoso, desproporcionado, no qual, como sabemos, figuravam letras ou uma inscrição a vermelho. O conjunto assemelhava-se mais a uma máquina destinada a voar sem asas e garantida contra os ataques e também contra qualquer dano causado pelo seu próprio e inerente ruído. É, porventura, a mesma forma de peixe descrita por Beroso na sua narrativa respeitante àqueles seres maravilhosos que apareciam perante os Sumérios? Recordemos que Beroso descreve um deles como humanóide, capaz de falar a língua humana e chamado Oanes. «Todo o seu corpo se assemelhava ao de um peixe; por debaixo da cabeça de peixe tinha uma segunda cabeça, e por debaixo da cauda de peixe viam-se pernas.» Raymond Drake e outros autores consideram esta descrição como sendo caracteristicamente a de um fato de mergulhador.

É perfeitamente possível. E não há, porventura, nos nossos textos, outras passagens semelhantes? Poder-se-ia, por exem-

plo, encontrar uma certa corroboração numa passagem proveniente da mesma fonte, segundo a qual Feng-Tsé, depois de ter descido no lago do Trovão, utilizou um engenho para voo a longa distância em regiões longínquas, um engenho que lhe poderia ter servido igualmente de protecção contra certas influências nefastas, permitindo-lhe ficar em estado de sono letárgico. E então o espírito volta-se, naturalmente, para o estado de anabiose, encarado como possível para resolver o problema do tempo durante as nossas próprias viagens no cosmo.

Não foram encontrados, nos documentos chineses, outros pormenores sobre este voo de Feng-Tsé. Mas há a história de um outro «filho do Céu», um contemporâneo do Gilgamesh sumério, que, segundo se pretendia, tinha à sua disposição a «substância do trovão». Alguns autores consideram-no como um discípulo de Feng-Tsé. Este «filho do Céu» era Huang-Ti, que, segundo a lenda, conhecia o Tao, o Princípio Primeiro, ou a Lei Fundamental, assim como a energia motora do universo, e era, por conseguinte, capaz de «viajar no ilimitado». A velocidade que atingia parece ter estado em relação com aquelas enormes distâncias. Iguais pensamentos nos vêm à mente ao lermos uma narrativa respeitante a um dragão chamado Tscheng-Chuan, às costas do qual Huang-Ti — diz-se — teria sido levado para o Sol. Segundo textos antigos, este espantoso veículo vinha daquelas regiões «onde o Sol se ergue» e julga-se ter sido extremamente velho — cerca de mil anos. Para nós, contudo, o facto principal pareceria ser a velocidade, de proporções gigantescas, deste veículo, parecendo influenciar a passagem do tempo, e com ela a demora no envelhecimento do organismo humano. «Tscheng-Chuan percorre miríades de milhas num só dia. O homem que transportava às costas atingiu a idade de dois mil anos.»

Parece-me, todavia, que a informação mais interessante que pode colher-se nas fontes chinesas se situa numa indi-

cação da região do céu de onde vinham provavelmente os visitantes. Segundo lendas antigas, Huang-Ti e os seus companheiros de viagem chegaram da constelação de Sian Yuan e aí voltaram. A posição das estrelas desta constelação é bastante bem conhecida. As variações respeitam no máximo a duas ou três estrelas diferentes. A constelação é composta de dezassete estrelas de diversas grandezas e a sua forma evoca um dragão sinuoso, como se vê num fragmento do mais antigo de todos os mapas celestes chineses, achado numa estela da província de Kiang Su. A constelação Sian Yuan tem uma ascensão recta entre nove e dez horas, aproximadamente, com uma declinação norte de dez a quarenta graus (correspondente mais ou menos à nossa constelação do Leão, devendo ter-se em conta que na astronomia chinesa a delimitação das constelações pode diferir da nossa). Há boas razões para pensar que os autores antigos, ao falarem de Sian Yuan, não queriam designar toda a constelação mas apenas a sua estrela mais brilhante, Regulus (a estrela mais brilhante do Leão), uma estrela que, segundo as mais recentes descobertas, é, na realidade, formada por quatro estrelas que giram em torno de um centro de gravidade comum [1].

Do ponto de vista dos astrofísicos actuais, a Regulus não pertence às «esperanças» nos planos de investigação de civilizações extraterrestres. Não está contudo excluído que na região da Regulus possam existir planetas.

A grande questão permanece: tais visitas aconteceram realmente? A resposta é muito controversa. Os textos antigos e pré-medievais são muitas vezes ambíguos e consentem toda a espécie de interpretações. É, por conseguinte, da maior importância comparar aqueles textos e os documentos chineses com descrições provenientes de outras regiões culturais. Mas, pelo menos, dispomos ali de algumas indicações corroborativas quanto ao sector celeste de onde aparentemente

[1] Cf. cap. 8.

vieram os Extraterrestres. E este simples facto aumenta extraordinariamente o interesse na decifração das informações daquelas fontes chinesas. Pode, pelo menos, pensar-se que temos um bom ponto de partida para um mais amplo trabalho de investigação. O que daí resultará como ciência o futuro o dirá.

5

EINSTEIN E A VIAGEM INTERSTELAR

PELO DR. KURT MELHOSE

Nascido a 8 de Fevereiro de 1923, em Leipzig. Físico e químico. Autor de diversas obras, traduzidas em várias línguas, particularmente sobre produtos farmacêuticos e explosivos.

TODOS os que fizeram um voo a «jacto» sabem que o mundo, como o imaginamos, pode mudar sob condições extremas. Esse mundo tem a sua origem em impressões recebidas anteriormente pelos sentidos. Daqui resulta que o mundo da nossa imaginação pode ser alterado por mudança das percepções. Por conseguinte, a visão do mundo formada durante um voo a «jacto» é diferente da que obtemos através das impressões sensoriais de todos os dias.

É a nossa visão do mundo que nos possibilita encontrar o próprio caminho no mundo real. Este não é, portanto, idêntico à nossa visão do mundo. Se considerarmos que as percepções dos sentidos podem ser alteradas por influências técnicas, é evidente que a visão que temos do mundo é afectada por essas intervenções.

Conhecemos a influência da tecnologia, que faz com que já hoje a concepção de espaço possa mudar fundamentalmente. Para conseguirmos encontrar o próprio caminho du-

rante um voo rápido a grande altitude, é preferível pensar num mundo real que seja independente das influências técnicas sobre a nossa percepção. É conveniente achar uma relação entre este mundo hipotético e o da imaginação; no caso do voo a «jacto», por exemplo, fixar um factor de redução. Este factor é plausivelmente sempre o mesmo nas três direcções do espaço. O físico diz: «Nas condições do voo a jacto, o espaço permanece isótropo.»

Há também uma outra realidade que não corresponde à visão da nossa imaginação: a humanidade julgava, nos séculos passados, que «por cima» existia um céu a que o Sol dava um tom azul-pálido durante o dia, enquanto, à noite, aparecia com uma cor sombria ou negra. Sabemos hoje que não é assim. Só a atmosfera difunde as vibrações da luz; e, na realidade, em maior quantidade as vibrações mais curtas da luz azul do que as mais compridas da luz vermelha. Para além da atmosfera, tal não se verifica. Sabe-se agora, perfeitamente, que fora da atmosfera não há céu. O que nós conhecemos como sendo o céu azul, o que imaginamos imenso e indefinido, de facto não existe. Para além da atmosfera terrestre, o firmamento é preto. Provaram-no as fotografias obtidas durante os voos espaciais. O que, de resto, coincide com concepções físicas muito antigas.

Uma outra questão deve ser abordada quanto a este assunto. Ela mostra, de novo, que o mundo real não pode ser idêntico ao mundo da nossa imaginação, que tem a sua origem na acção dos sentidos.

Sabemos hoje que é impossível uma desintegração ilimitada da matéria. Ao atingirmos, no processo de divisão, grandezas da ordem de cerca de um décimo milionésimo de milímetro, chegamos à ordem de grandeza do átomo e, antes, à da molécula. Na nossa esfera de experiência não podem desintegrar-se átomos da mesma forma que objectos. Para os destruir, necessitamos de energias milhões de vezes mais poderosas do que as que são geradas mesmo por reacções químicas. Dizemos, assim, que os átomos são indivisíveis.

Certamente que o leigo fará imediatamente esta pergunta: como podem ser-nos representados esses átomos, segundo as conclusões da ciência? Como podemos «vê-los»? Eis-nos no fulcro do problema. Daremos primeiro a resposta a esta questão e depois os seus fundamentos. A resposta é: não os podemos «ver» de maneira nenhuma. Por princípio não são visíveis. Mas não por serem demasiado pequenos para os nossos sentidos — poderíamos naturalmente servirmo-nos de um microscópio. A razão da sua invisibilidade é totalmente diferente.

Utilizemos uma imagem perceptível. Pensemos numa vaga e num grão de areia junto ao mar. Que influência exerce ele sobre as vagas? Isto leva-nos imediatamente a imaginar que um grão da dimensão de um milímetro, ou mais pequeno, não tem qualquer influência sobre ondas, cuja distância se mede em metros (comprimento de onda).

Podemos, com rigor, dizer que a luz é um fenómeno ondulatório, do mesmo modo que as vagas do mar. A física mostrou-o, e não vou aqui tratar dos problemas ligados a este modelo. É um modelo muito bom, empregue de uma maneira óptima no campo da óptica e em numerosos outros domínios. Ao considerarmos a proporção entre o grão de areia e o comprimento de onda das vagas, podemos dizer que o grão de areia corresponde a um átomo no campo electromagnético da luz visível. O grão de areia não pode ter influência sobre as vagas e, da mesma forma, é impossível que um átomo influa nas ondas da luz visível, porque o comprimento de onda desta é cerca de cinco mil vezes maior que os átomos. Não se pode ver o átomo, não é de forma alguma visível.

Em princípio, poderíamos torná-lo visível utilizando num microscópio uma luz ou uma outra onda com um comprimento de onda mais pequeno. A imagem obtida por esta forma poderia ser convertida em imagem visível. Este método é utilizado, por exemplo, no microscópio electrónico. Assim, obtém-se a ordem de grandeza do átomo. E podemos dizer que os fenómenos ondulatórios são extremamente poderosos

quando os seus comprimentos de onda são extremamente pequenos. São tão ricos em energia que influem consideravelmente no objecto observado. É uma realidade da natureza que objectos como os átomos e partes destes (por exemplo, núcleos ou electrões) sejam inacessíveis ao mundo da nossa imaginação. Esta realidade só nos pode suscitar modelos que são muito apropriados e muito úteis. Mas o seu domínio de utilização é sempre limitado. É característico desses modelos malograrem-se totalmente logo que o seu domínio de utilização é ultrapassado, e isto não só quantitativa mas também qualitativamente. Pode mesmo observar-se que um modelo dá resultados contrários aos da experiência. Esse é um problema fundamental, mas que não nos interessa aqui, onde debatemos o problema da influência da teoria da relatividade no que respeita à viagem espacial.

As considerações precedentes foram feitas tendo em vista mostrar que o mundo real não é sempre o mesmo da nossa imaginação. (Noutro caso muito simples, pudemos ver que a cor de uma coisa como o céu não tem realidade; ela é apenas causada pelo comportamento da luz.) Além disso, é muitas vezes impossível descrever a realidade num modelo imaginável. É este o caso da teoria da relatividade. Por exemplo, permanece o facto, impossível de imaginar, de que a transmissão das ondas luminosas não necessita de qualquer meio material. Como é sabido, foi este o ponto de partida da teoria da relatividade: era absolutamente necessário abandonar a noção das ondas no éter. É uma conclusão fundamental da física e faz parte do nosso conhecimento.

Mas não iremos considerar agora essa dificuldade intelectual. É mais cómodo continuar no domínio do imaginável e desenvolver apenas este domínio. É possível obter conhecimentos utilizando esta via, que não é, em física, totalmente correcta; mais estritamente, obter conhecimentos que permitem alargar o mundo das experiências possíveis.

Disse que manipulações técnicas podem mudar o mundo da nossa imaginação. Um exemplo conhecido consiste na modificação da noção de espaço que se produz quando as técnicas nos colocam numa condição estranha à nossa antiga experiência, como voar de «jacto».

Assim, de harmonia com os resultados das investigações no campo da física, a influência modificadora dos meios técnicos será infinitamente maior quando a intervenção técnica for mais poderosa do que podemos presentemente imaginar. É, pois, certo que meios técnicos que permitem aumentar imensamente as velocidades, em comparação com as que podem atingir-se hoje, devem conduzir a mudanças no mundo da experiência que nos são incompreensíveis.

A estrutura do espaço é totalmente alterada se nos deslocamos a uma velocidade próxima da da luz. O espaço muda anisotropicamente. O que é tão pouco imaginável como a mudança da coordenada do tempo. É, contudo, possível mostrar, através da transformação de Lorentz, que este último fenómeno pode ser explicado com a mudança da coordenada do espaço na direcção do movimento.

A fim de nos permitir uma descrição mais evidente de uma aparência física, ponhamos de lado a mudança da coordenada temporal, já que podemos explicar igualmente este fenómeno de outra maneira. Segundo a transformação de Lorentz, que conserva íntegra toda a sua validade, um objecto contrai-se na direcção do seu movimento. Este efeito é considerável se ele se desloca a uma velocidade próxima da da luz. Se se desloca à velocidade da luz, esta contracção é infinita. Este fenómeno é chamado «contracção de Lorentz». É importante deduzir das equações da transformação de Lorentz, que não apenas o próprio objecto em movimento se contrai, mas também todo o espaço que é estático em relação ao objecto deslocado.

Digamos agora que uma inovação técnica (por exemplo, a utilização da energia atómica para propulsionar um veículo espacial) permite deslocarmo-nos muito depressa, quase à velocidade da luz. O espaço observado contrai-se na direcção do nosso movimento de tal maneira que as distâncias, pre-

sentemente colossais, diminuem. Assim, a distância de uma estrela para a qual nos dirigimos poderia tornar-se infinitamente mais pequena do que nos parece hoje; importa apenas que voemos muito rapidamente!

Sabemos actualmente que é gigantesco o número de civilizações da nossa galáxia. As distâncias colossais que as separam impõem uma barreira aos contactos. Diz-se, por conseguinte, que visitas mútuas não podem verificar-se. Segundo Einstein, são impossíveis velocidades superiores à da luz e as distâncias em consideração atingem centenas ou milhares de anos-luz, ou mais. Distâncias que apenas poderiam ser percorridas em tempos inimagináveis, mesmo que fosse utilizada a velocidade da luz.

No ponto da discussão em que nos encontramos, esta argumentação lógica deve ser corrigida: as distâncias são susceptíveis de diminuírem imensamente, por exemplo num foguetão que se desloque quase à velocidade da luz. Contrariamente à opinião corrente, devemos admitir que um contacto físico é possível!

É evidente que, para a utilização prática de um voo espacial deste género, temos de tomar em consideração que as influências técnicas de uma tal amplitude modificam não apenas o espaço mas, segundo a transformação de Lorentz, também a coordenada do tempo. Esta modificação é matematicamente idêntica à da coordenada espacial, porque uma modificação da coordenada temporal num sistema estacionário corresponde a uma modificação da coordenada espacial no sistema em deslocação relativista — e vice-versa. O cálculo mostra que esta modificação da coordenada do tempo constitui a razão pela qual um veículo espacial, deslocando-se a uma velocidade próxima da da luz, pode cobrir imensas distâncias num tempo razoável.

Mas este tempo é medido por um relógio no interior do veículo. Não é idêntico ao tempo terrestre. Além disso, é para utilizar como factor na relação entre o tempo do veículo e o tempo terrestre. Assim, podemos mostrar que a coordenada

temporal do veículo é fortemente dilatada. É aquilo a que se chama a «dilatação do tempo».

Da mesma forma que a contracção de Lorentz, a dilatação do tempo permite percorrer, em tempos razoáveis, aquelas distâncias que não o podem ser segundo a nossa medida, se velocidades superiores à da luz são impossíveis. A medida do tempo já não é a do nosso tempo para os passageiros do veículo espacial, mas a do tempo desse veículo. O tempo, medido em tempo de veículo espacial, torna-se enorme depois de convertido em tempo terrestre, se o veículo se desloca muito rapidamente. Se imaginarmos que a tripulação de um veículo espacial percorreu muito rapidamente uma distância colossal num tempo de veículo espacial razoável, segue-se que o tempo terrestre correspondente durante o qual isto se produziu é muito grande. Devemos supor que ele é tão grande que, em comparação, o tempo de uma geração é pequeno. Nunca poderíamos, por conseguinte, assistir ao regresso desse veículo.

Contudo, é possível vencer o abismo da distância. As leis da física consentem-no, se os aspectos relativistas forem tomados em consideração. Como chegar lá é, na sua base, um problema de técnica, não de física, tudo o que pode ser feito está hoje para além da nossa imaginação. Mas é certo que energias e fenómenos físicos são de tal maneira utilizáveis tecnicamente que será possível aproximar a velocidade de deslocação de corpos materiais da velocidade da luz.

Para os homens da Terra, tem naturalmente pouco interesse obter informações impossíveis de alcançar segundo as leis da física clássica se, para as conseguir, é preciso um tempo mais longo do que a nossa vida, também segundo as leis da física relativista.

Mas aqui é indispensável assinalar que as leis da física relativista apenas se aplicam à matéria e à energia física. Para os corpos materiais e para as ondas electromagnéticas, a velocidade da luz é um limite que não pode ser ultrapassado. Pensamos hoje que as coisas imateriais têm, também

elas, uma realidade no mundo. Segundo os conhecimentos actuais, devemos, em todo o caso, supor que essas coisas não estão submetidas à teoria da relatividade. Além disso, é possível, de um ponto de vista lógico, que o limite da velocidade da luz não exista para elas. As nossas experiências fantásticas são muitas vezes feitas com a ajuda das ondas ditas *psi*, que caminham mais depressa do que a luz. Diz-se que certas dessas experiências parecem confirmar essa ideia.

Se mostrámos, de início, que é possível vencer a barreira da distância no domínio da matéria, nunca dissemos que é impossível vencê-la por qualquer outra forma. Pode também imaginar-se uma comunicação que utilize na sua transmissão velocidades maiores que a da luz. Se o limite da velocidade da luz não existe, grandes distâncias serão percorridas num tempo muito curto. Relativamente, bem entendido. A diferença fundamental consistiria então em que o factor de conversão do tempo de veículo em tempo terrestre deixava de ter importância, uma vez que não haveria tempo do veículo. Os homens da Terra poderiam transmitir informações a enormes distâncias e poderiam receber respostas. Uma tal transmissão de informação tem uma importância maior do que aquilo de que falamos até aqui.

Com estas coisas entramos profundamente no domínio da especulação, ao passo que as que discutimos no domínio da teoria da relatividade não são especulativas e acham-se suficientemente provadas.

Para mais, penso que a comunicação com a base de levantamento, por meio das ondas *psi*, poderia ser importante para a tripulação de um veículo espacial. Seria, assim, possível conceber que a tripulação não ficasse abandonada a si própria e arranjar um contacto por comunicação, contacto que requereria gerações do nosso lado, segundo os actuais conhecimentos. Isto porque, para os corpos materiais, a dilatação de tempo é válida com uma certeza absoluta.

6

O TEMPO IGUAL A ZERO

POR GERHARD R. STEINHAUSER

Nascido a 19 de Setembro de 1920, na Alemanha. Vive há muitos anos em Viena de Austria. Jornalista, escritor e conferencista, autor de muitas obras, entre as quais Os Crononautas.

O tema da viagem no tempo está estritamente ligado à hipótese de visitantes extraterrestres — os Antigos Astronautas — numa antiguidade longínqua. Como percorrer, pois, as fantásticas distâncias interstelares, no espaço, sem viajar *também* no tempo?

O contacto, directo ou indirecto, com extraterrestres, implica portanto da parte destes uma manipulação do espaço-tempo.

Com efeito, se se trata de seres materiais, por maior que seja o seu avanço tecnológico, as leis da relatividade devem aplicar-se-lhes tanto como se aplicam a nós e não lhes é possível, portanto, caminhar a uma velocidade superior à da luz.

Por exemplo, para seres vindos do objecto *M 87*, objecto extragaláctico onde parecem manifestar-se actividades não devidas à natureza, o trajecto mais curto exigiria, para ida e volta, sessenta milhões de anos à velocidade da luz.

A mais curta trajectória no universo espaço-tempo chama-se um «geodésico». A projecção desta trajectória, que não

pode desenhar-se, uma vez que se passa num universo a três dimensões reais e uma dimensão imaginária, mas que pode calcular-se, é tal que proíbe ultrapassar a velocidade da luz. Um voo interstelar rápido, com regresso, analisa-se, pois, como uma viagem ao longo de um geodésico e, à chegada, como um recuo no tempo.

Isto não quer dizer que a viagem no tempo, como a encaram os autores de ficção científica, seja possível. Mas uma viagem ao longo de um geodésico, mais um recuo temporal, não parece constituir uma impossibilidade matemática.

Sem dúvida que, no estado actual dos nossos conhecimentos, não sabemos como realizá-la, mas isso é outra história. A existência de civilizações extraterrestres mais antigas — e verosimilmente mais avançadas — que a nossa é hoje admitida por numerosos cientistas.

Na verdade, podem encarar-se também outras possibilidades. Por exemplo, uma viagem em hibernação. Os viajantes seriam mantidos a uma temperatura muito baixa através de refrigeração artificial. Porém, este artifício técnico não esclarece de maneira nenhuma o seu regresso. Mas falemos de outro assunto.

Para além das actuais fronteiras da ciência, os fenómenos parapsicológicos, aparentemente independentes do *continuum* espaço-tempo, poderiam proporcionar investigações.

As funções *psi* [1] gozam de uma flagrante actualidade: telequinesia, telepatia, e assim por diante, são estudadas tanto por americanos como por russos. Eu próprio observei fenómenos ligados às energias *psi* no reino animal. Particularmente um cãozito que foi procurar a mãe a uma distância de mais de cem quilómetros.

O fenómeno *psi* animal foi estudado com muita seriedade. Conhecem-se verdadeiros casos de pré-cognição, como, por exemplo, o de um cão que num comboio se agita e se prepara, antecipadamente, para ficar numa estação onde nunca tinha

[1] Em francês prefere-se a expressão «percepção extra-sensorial».

descido. Existem casos, perfeitamente reconhecidos, de previsão, pelos animais, de acontecimentos imprevisíveis, como um ataque aéreo durante a guerra ou um tremor de terra.

A energia *psi*, ou o campo *psi*, ou o vector desconhecido deste fenómeno, no animal, exerce-se certamente no tempo.

Não encaro as manifestações *psi* como magia ou feitiçaria. Considero que se trata de uma forma de energia que ainda não foi estudada. Trabalhos matemáticos pessoais levam-me a pensar que se trata de uma energia a cinco dimensões.

Convém notar a este respeito que o número cinco constitui, no nosso universo, um ponto de transição para um universo mais amplo. É o caso particular das matemáticas, onde, a partir da quinta dimensão, os números não chegam para resolver as equações e é preciso, então, empregar os grupos de Galois [1,2].

Foram publicadas numerosas teorias rigorosamente sérias de um universo a cinco dimensões. Algumas consideram a quinta dimensão como sendo do género espacial (real); outras como do género temporal (imaginário). O grande biólogo inglês J. B. S. Haldane tentou aplicar estas reflexões à biologia.

A dificuldade destas teorias está em que é quase impossível visualizar aquilo de que se fala. Por exemplo, no caso de uma quinta dimensão, tem-se um mundo onde, a seguir ao Inverno, vêm ao mesmo tempo a Primavera e uma outra estação para a qual não existe denominação na linguagem. A teoria das funções elípticas devida ao grande matemático francês Henri Poincaré permite calcular este género de coisas mas não se lhes conhece tradução verbal.

Na ciência comum não existe material experimental que revele uma quinta dimensão. O fenómeno dos «buracos pre-

[1] Cf. um estudo de Jacques Bergier em *Planète*, reproduzido por F. X. Chaboche no seu livro *Vie et Mystère des Nombres*, Albin Michel, 1976.

[2] Evariste Galois, matemático francês (1811-1832), cujo conceito de «grupo de operações» foi o ponto de partida da teoria actual das funções algébricas. (*N. do T.*)

tos», que a deixaria supor, encontra-se longe de nós, no espaço, e não é submetido à experiência.

Se admitíssemos um universo com outra dimensão além das quatro que lhe conhecemos, poderia muito bem acontecer que, a partir dessa quinta dimensão, fossem possíveis «encurtamentos». Uma energia a cinco dimensões poderia percorrer milhares de anos-luz e atingir outras inteligências no cosmo.

Trabalhos experimentais são prosseguidos por Bellfort e Ken, Ulrich e Hans Mekelburg, este último engenheiro em Hanau, na República Federal da Alemanha. Construiu um aparelho emissor-receptor *psi* partindo das experiências de Backster sobre a energia *psi* e as plantas. Podem determinar-se, neste domínio, ondas portadoras de energia e espera-se poder modelá-las.

A comunicação com um foguetão ou qualquer outra nave espacial através de ondas biológicas *psi* amplificadas, num tempo nulo, não é um evento completamente absurdo.

Sábios muito eminentes, como o Prof. Dr. Schmidt ou o Dr. Hoffmann interessam-se por este assunto. Constroem actualmente um computador especial que custará dez milhões de xelins austríacos e poderá analisar os problemas de telepatia. Um outro estudo deste género foi lançado em Viena pelo Prof. Dr. Hoffmann.

Não se deve exagerar o fenómeno *psi* — gostaria vivamente de que os jornalistas o não fizessem. Mas o caso não é para menos quando vemos um cilindro de dez centímetros de diâmetro e quarenta de altura, em rotação, imobilizar-se por um acto de vontade, repetindo-se com uma frequência da ordem dos oitenta por cento. Isto já ultrapassa o domínio da simples «curiosidade».

A Sociedade Alemã para o Desenvolvimento da Aviação e da Astronáutica, de Estugarda, sob a direcção do engenheiro Zinse e do Prof. Eschka, estuda por seu lado aparelhos *psi*, complexos e extremamente sérios.

Até aqui, apenas dois aparelhos *psi* foram fabricados em todo o mundo. Um encontra-se em Oxford. É um indicador

de tensão arterial, que mostra que na extremidade do dedo médio a tensão aumenta quando surge um sinal telepático.

O segundo, devido ao Dr. Helmut Schmidt, atrás citado, mostra que o espírito pode agir sobre os fenómenos de transição quântica num semicondutor do tipo «transístor». Outros aparelhos *psi*, a serem possíveis, tornar-se-iam preciosos.

E continuaríamos assim indefinidamente. Em resumo, o que eu queria dizer é que existe uma relação entre as novas energias *psi*, para as quais o tempo é igual a zero, e os factos e acontecimentos de que se ocupa a astro-arqueologia.

É também esta a opinião do astronauta americano Mitchell, que encontrei recentemente.

Para concluir, penso que há nisto uma direcção de trabalho útil. Não me lembro qual foi o escritor ou o filósofo que disse um dia: «Mais vale praticar novos erros do que permanecer indefinidamente agarrado às velhas teorias sem as alterar.»

Foi o que tentei.

TERCEIRA PARTE

A HERANÇA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

7

HOMENS DO ESPAÇO NA ANTIGUIDADE

Por W. RAYMOND DRAKE

Nascido a 2 de Janeiro de 1923, na Grã-Bretanha. Funcionário superior. Historiador especializado em Antiguidade. Autor de várias obras, traduzidas em diversas línguas, entre as quais Astronautas do Antigo Oriente.

O homem encontra-se no alvorecer de uma nova era, que traz em si um desafio às estrelas. O que foi será de novo, o futuro está escrito no passado.

Quando os nossos astronautas descem na Lua, e brevemente em Marte, temos a sensação de uma recordação muito antiga, como se tudo já tivesse acontecido. Os poetas da Antiguidade contam o tempo em que a Terra era jovem, em que Celestes desceram das estrelas para trazerem ao mundo uma maravilhosa idade de ouro. Os Gigantes revoltaram-se contra os seus senhores do espaço; a guerra fez-se com bombas titânicas, cataclismos submergiram continentes e a humanidade regressou à barbárie. Sobreviventes isolados lembram-se dos seus mestres celestes e imploraram aos céus, e seres maravilhosos vieram de novo para serem adorados como deuses.

A lenda fala da Hiperbórea, da Lemúria, da Atlântida, de fantásticas civilizações na América e na Ásia. Tudo o que resta são apenas algumas ruínas perdidas e escritos estranhos

que não conseguimos ler [1]. Alguns amadores de arqueologia espacial baseiam certas teorias duvidosas em fotografias contestáveis, sem factos sólidos, provas positivas de que os homens do espaço devem ser investigados entre os Antigos.

No século passado, Heinrich Schliemann, tomando a *Ilíada* por guia, arrostou a troça das autoridades e encontrou Tróia. Há cerca de vinte anos, perguntava a mim próprio se seria possível encontrar nos clássicos referências a homens do espaço. Páginas ressequidas, escritas em grego e latim, não guardam elas a chave das nossas investigações? Escolhi uma centena de obras de cinquenta escritores da Antiguidade e durante meses examinei-as, literalmente, à lupa. Lembro-me perfeitamente que em 1957 me encontrava, desesperado, como Champollion ao estudar a Pedra de Roseta; depois, à medida que as referências a extraterrestres se acumularam, as peças formaram um maravilhoso quadro, uma impressionante revelação que agitava a teologia, a filosofia, toda a nossa concepção do passado do homem. Por reacção, esta grandiosa conclusão chocou-me por absurda. Vários eruditos tinham estudado os clássicos desde há séculos; podiam as velhas ideias, de repente, brilhar como novas? O senso comum recusa-se a pensar que as nossas crenças fundamentais são falsas. No entanto, interrogo-me. As minhas investigações foram resumidas em revistas espaciais de todo o mundo e nos meus seis livros.

Devo, contudo, confessar que todas as minhas conclusões continuam expostas à dúvida.

Os Antigos consideravam os deuses como super-homens e recebiam-nos com toda a satisfação quando estes desciam dos céus para ensinar ou divertir os mortais da Terra. Homero e Virgílio descreveram os deuses e as deusas no cerco de Tróia; Diógenes de Laertes e Ovídio celebraram as suas escandalosas aventuras amorosas; Hesíodo e Apolodoro narram guerras entre deuses e titãs que lembram lendas de todo

[1] Cf. «Les Civilisations disparues», por W. R. Drake, em *Le Livre du mystère*, de J. Bergier e G. H. Gallet, Albin Michel, 1975.

o mundo. Os nossos próprios teólogos não querem ver nos deuses senão imagens ao mesmo tempo fantásticas e poéticas das forças naturais, como se as pessoas tivessem podido fundar as suas vidas, durante séculos, sobre raios e relâmpagos. Um Schliemann versado nos nossos estudos ufológicos diria que as velhas lendas querem dizer exactamente o que dizem. Os deuses desceram realmente em carros de fogo. Os deuses eram homens do espaço!

Alguns escritos antigos que nos restam deixam entender que extraterrestres aparecem, em todo o mundo, há cerca de três ou quatro mil anos. Contentar-me-ei com dar, muito brevemente, uma série de datas, antes de chegar às minhas recentes revelações sobre a Grécia e Roma:

2400 a. C. — Na China, o *Shan-hait-Ching* (livro XVII) conta que uma raça turbulenta de seres humanos chamados Miao perdeu o poder de voar e, depois de ter altercado com o «Senhor» lá de Cima, foi exilada. Isto pode evocar qualquer conflito havido com homens do espaço.

2346 a. C. — O clássico chinês *Hsui-nan-tsu* (capítulo VIII) descreve o aparecimento de dez sóis no céu. O imperador Yao deu ordem ao seu «divino archeiro», Tsu-yu, para abater os nove falsos sóis, deixando apenas o verdadeiro Sol luzir sobre as loucuras da humanidade. Eram estes falsos sóis naves espaciais?

2300 a. C. — Uma obra japonesa, *Sei-to-ki*, diz que um homem divino desceu na Coreia e reinou sobre o povo durante mil anos. Este homem lembra o misterioso conde de Saint-Germain, de quem se diz ter vivido na Terra durante séculos.

2000 a. C. — No Japão, na ilha Kyushu, um túmulo Chip-San mostra um antigo rei erguendo as mãos

para acolher sete discos solares. Eram esses discos naves espaciais?

2000 a. C. — Denys de Halicarnasso, em *Antiquités Romaines* (livros II-XI), diz que o rei Minos de Creta recebeu as suas leis de Zeus, no monte Ida. Era Zeus um homem do espaço?

1950 a. C. — O «Senhor» e dois «anjos» apareceram a Abraão, junto da sua tenda, na planície de Mambré. Abraão prostrou-se perante o «Senhor», lavou-lhe os pés e deu-lhe de comer. Certamente que este «Senhor» não era o criador do universo, mas um celeste vindo de outro planeta que Abraão reconheceu e acolheu.

1950 a. C. — O «Senhor» e dois «anjos» destruíram Sodoma e Gomorra com o fogo do céu. Os sábios dizem que nesta região desolada próxima do mar do Norte se encontram no solo traços de radiactividade. Estas duas cidades condenadas foram destruídas por bombas atómicas como Hiroxima e Nagasáqui?

1800 a. C. — Na Índia, o maravilhoso *Ramayana* conta como o príncipe Rama lançou uma invasão aérea em Lanca (Ceilão) e se bateu em duelos fantásticos com o gigante Ravana para libertar a mulher, Sita. Esta guerra foi conduzida com naves espaciais e bombas nucleares?

1780 a. C. — Na Babilónia, o rei Hamurabi recebeu as suas famosas leis [1] de Shamash, o deus-sol.

[1] O mais antigo código conhecido. Está gravado num cilindro de diorite. Foi descoberto em 1902 e está conservado no Museu do Louvre.

1500 a. C. — No Egipto, diz-se que discos (ou rodas) de fogo teriam planado por cima do palácio do faraó Tutmósis III. O papiro *Tulli* [1], muito controverso, dá pormenores sobre a chuva de peixe e carne, talvez aves e animais apanhados no campo de força de naves espaciais.

1400 a. C. — Na Índia, o prodigioso *Mahabharata* descreve a fantástica guerra na Terra e no Céu entre Arjuna e o gigante Rakshasas, na qual máquinas voadoras e mísseis guiados destruíram cidades com bombas nucleares.

1400 a. C. — Em Creta, a destruição repentina de Cnosso é atribuída à explosão vulcânica da ilha de Santorino (Tera), relativamente pouco afastada. A história de Dédalo mostra que os Cretenses se dedicavam a experiências de voo. Teria Cnosso sido destruída pelos celestes que, por volta da mesma época, se batiam sobre a Índia, como conta o *Mahabharata*?

1375 a. C. — No Egipto, o faraó herético Akhenaton (Amenófis IV) mostra um idealismo cósmico; durante alguns anos, o seu génio transformou o país, através de uma espantosa filosofia que ainda hoje nos inspira. Recebeu este jovem avatar qualquer ensino dos homens do espaço?

1287 a. C. — No Líbano, o faraó Ramsés II, ameaçado de ser esmagado pelos Hititas, perto de Kadesh, implorou a Ámon. Em resposta às suas orações, o deus veio em sua ajuda com um exército de

[1] Cf. «L'affaire du papyrus Tulli», em *Le Livre de l'Inexplicable* de J. Bergier e grupo INFO, adaptação de G. H. Gallet, Albin Michel, 1972.

cem mil homens. Ramsés obteve uma gloriosa vitória, de que se vangloriou. Perto dali encontra-se Balbeque, de que se diz terem sido edificadas altas colunas sobre as ruínas de uma antiga plataforma de aterragem. O deus que salvou Ramsés foi o mesmo homem do espaço que uns anos mais tarde socorreu os israelitas?

1280 a. C. — Pode aceitar-se que o «Senhor» que deu ordem a Moisés para libertar os filhos de Israel da sua escravatura fosse um homem do espaço.

1275 a. C. — O «Senhor, em todo o seu poder e toda a sua glória», desceu no meio das chamas e do fumo sobre o monte Sinai e transmitiu a Moisés os Dez Mandamentos. Era Ele um homem do espaço?

1200 a. C. — Toda a gente sabe que os deuses organizaram um concurso de beleza, cujo juiz era o príncipe Páris de Tróia, para designar uma «Miss Universo». Páris escolheu a deusa Afrodite, que, como recompensa, lhe prometeu «Miss Mundo», a bela Helena, o que originou o cerco de Tróia. Homero, na sua admirável *Ilíada*, conta como os deuses intervieram, quer pelos Gregos, quer pelos Troianos. Dizia-se que Helena tinha nascido de um ovo, o que é por vezes símbolo de uma nave espacial. Os seus irmãos eram Castor e Pólux, deuses celestes bem conhecidos. Poderia Helena ter sido uma sedutora mulher do espaço?

950 a. C. — David foi ajudado, nos seus combates, pelo «Senhor». Salomão decorou com anjos o famoso Templo. Inspirou-se ele em homens do espaço?

880 a. C. — Na Babilónia, Salmanazar II e, em 860 a. C., Assurbanipal III foram representados nos templos por admiráveis esculturas, acompanhados por homens com asas. Estes, certamente, simbolizavam homens do espaço.

850 a. C. — O profeta Eliseu fala com «Deus» e foi transportado ao céu por um turbilhão de vento.

800 a. C. — Na Babilónia reinava Semíramis, a maior rainha de toda a Antiguidade, filha de Ataryatis, a deusa-peixe, e de Oanes, deus da Sabedoria. Conquistou a maior parte do Médio Oriente e invadiu a Índia. Diz-se que subiu ao céu sob a forma de pomba. Era Semíramis uma mulher do espaço?

Gostaria de poder falar mais demoradamente de todas estas apaixonantes personagens, mas não disponho aqui de espaço para isso [1].

Os homens do espaço que aterraram na Europa e na Ásia visitaram, também, certamente, as Américas. As lendas de «deuses brancos» no México e no Peru, as fortalezas ciclópicas empoleiradas nos Andes, as estranhas figuras nos altos planaltos de Nazca e de Marcahuasi fazem pensar em extraterrestres vindos dos céus. Hoje apenas podemos tentar adivinhar o que se terá passado [2].

Apolodoro escreveu: «Úrano foi o primeiro que reinou em todo o mundo.» Como a palavra grega *ouranos* significa «céu», Úrano poderia significar homens do espaço vindos de um outro planeta. Os Uranianos podem ter vindo do espaço e ter colonizado a Terra, como os nossos próprios astronautas colonizarão um dia outros planetas. As lendas gregas contam

[1] Cf. *Gods and Spacemen of the Ancient East*, Sphere, Londres, 1947.
[2] Obra citada.

como Úrano foi vencido por Crono, conhecido dos Romanos por Saturno, que por sua vez foi destronado por Zeus, o Júpiter romano. Tais mitos podem querer dizer que os Uranianos foram seguidos por invasores vindos de Saturno. Hesíodo, na sua *Teogonia*, fala da fabulosa idade de ouro. Os homens sem mulheres viviam numa perfeita paz! Ao cabo de uma guerra de dez anos no espaço, os Saturnianos foram derrotados por novos invasores vindos de Júpiter, talvez de uma lua deste planeta. Era o que se dizia. As idades da prata, do bronze e a presente idade do ferro representam diferentes civilizações, confirmadas por tradições no mundo inteiro.

Os Atenienses, tão orgulhosos da sua democracia, tinham afeição pela sua real família celeste, como por amigos ausentes. Se Zeus, por um golpe de asa, descesse para seduzir qualquer rapariga disposta a isso, não haveria um só pai que se lamentasse. Quem seria capaz de colocar as suas filhas ao abrigo do desejo dos deuses? Os maiores heróis, os homens mais nobres do país, não eram filhos de virgens? O nome popular grego de Diógenes significa «nascido de um deus». O ideal grego de beleza do espírito e o do corpo era provavelmente uma recordação ancestral desses dourados estrangeiros vindos das estrelas. O mais belo era o radioso Apolo, o deus-sol. As tradições ocultas pretendem que Apolo nasceu na ilha celeste de Astéria e voava muito alto no céu, como uma enorme nave espacial.

Os deuses percorriam os céus, mais fortes e mais rápidos do que os humanos. Zeus corria o céu num carro alado; Hermes e Ateneia desciam do Olimpo com sandálias aladas; Hera viajava à velocidade do pensamento; Homero, na *Ilíada* (livro V), faz uma maravilhosa descrição de Minerva no seu carro flamejante puxado por cavalos invisíveis, a toda a velocidade, muito alto, por cima da Grécia, para ir aterrar em Tróia. Eram os deuses homens do espaço? Platão, na *Fedra*, fala de uma raça de homens alados. Acreditava sinceramente, como a maior parte dos filósofos, nos deuses

vivos; eram «super-homens» que desciam na Terra, como se pretende que os homens do espaço hoje fazem.

O Deus da Bíblia, com «todo o seu poder e toda a sua glória», deve certamente ter descido nas montanhas da Grécia, a algumas centenas de quilómetros de distância, e ter aí encontrado os seus profetas.

No século x a. C., Licurgo, príncipe de Esparta, foi à Índia e encontrou sábios em numerosas regiões. Em Delfos, recebeu de Apolo as leis de Esparta — diz ele —, assim como Minos, Hamurabi e Moisés receberam leis dos seus próprios deuses. Como Salomão, mais ou menos na mesma época, Licurgo foi introduzido na sabedoria por anjos, talvez homens do espaço e, de repente, desapareceu. Os Espartanos julgavam que Licurgo não era um homem, mas um deus, e construíram-lhe um templo onde lhe prestavam culto com as maiores honras. Licurgo foi conduzido para os céus num carro de fogo, como Eliseu um século mais tarde?

Heródoto conta a história prodigiosa de Aristeu de Proconeso, no mar Negro, que, no século IX a. C., foi levado por Apolo, o deus-sol, para o país dos Hiperbóreos, no longínquo Setentrião, acessível apenas por via aérea. Aristeu entrou numa loja de Proconeso e aí «morreu». O dono da loja apressou-se a contar o ocorrido aos vizinhos, mas foi desmentido por um homem que — dizia ele — acabava justamente de falar com Aristeu, perto de Císico, a próspera cidade situada na margem asiática oposta. Os pais deslocaram-se à loja e descobriram que o corpo tinha desaparecido. Sete anos depois, Aristeu apareceu. Escreveu um poema sobre os Arimaspianos — que tinham só um olho —, um povo nórdico, e depois desapareceu novamente. Duzentos e quarenta anos mais tarde, Aristeu apareceu no Metaponto, perto de Tarento, em Itália, contou a sua viagem com Apolo e voltou a desaparecer. O famoso oráculo de Delfos deu ordem ao povo para erigir uma estátua a este amigo do deus-sol. Teria Aristeu viajado até um outro planeta, a cem anos-luz de distância, para daí voltar segundo o paradoxo da «dilatação do

tempo», resultante da teoria da relatividade de Einstein, dois séculos mais tarde, sem ter envelhecido um só dia?

Aristeu não foi o único a viajar no tempo. No século VII a. C., Epiménides, o famoso profeta de Creta, quando era criança, foi enviado por seu pai à procura de um carneiro. Querendo abrigar-se do calor do sol, em pleno dia, entrou numa caverna, onde caiu num sono profundo, que durou cinquenta e sete anos. Quando acordou, voltou para casa e descobriu com grande espanto que o seu irmão mais novo se tornara, entretanto, um homem velho. Em 586 a. C., Sólon pediu a Epiménides para livrar Atenas da peste. Epiménides conseguiu verdadeiros prodígios. Os Cretenses julgavam que Epiménides havia vivido trezentos anos e votavam-lhe um culto como a um deus. Tinha adquirido alhures o seu fabuloso saber, não dormindo numa caverna, mas mais provavelmente num outro planeta. As lendas que pretendem que Epiménides abandonava o corpo para viajar «astralmente» poderiam destinar-se a esconder possíveis viagens numa nave espacial.

No século VI a. C. foi permitido ao poeta Etálides, filho de Mercúrio, viver entre os mortos e os vivos, em diversos momentos. Dizia-se que tinha viajado pelos Infernos e por cima da Terra. Etálides pormenorizou as suas revelações num poema infelizmente perdido.

Filóxeno de Citera, nascido em 435 a. C., escreveu um poema engraçado a propósito da nave das nuvens de Zeus. Frequentava, então, a corte de Dionísio, o Antigo, tirano de Siracusa. Quando pediram a Filóxeno que revisse os maus versos do tirano, ele deu como conselho passar um traço negro sobre todo o poema, o que o levou imediatamente à prisão. Mais tarde, quando já estava em liberdade, Dionísio recitou de novo, e com toda a confiança, o seu poema, mas foi interrompido por Filóxeno que, completamente desvairado, pediu que o metessem de novo na prisão.

Diodoro da Sicília escreveu que, em 536 a. C., na Grécia, Pitágoras era considerado como um deus entre os homens;

era dotado não apenas de uma grande eloquência mas também de uma prodigiosa modéstia. Este sábio de Samos, que era vegetariano e acreditava na transmigração das almas, dizia: «Nenhum homem é sábio, mas todos os homens podem ser amigos da sabedoria» (em grego, «filósofos»!).

Amiano Marcelo disse que Pitágoras foi ensinado por um druida, Albaris, sacerdote de Apolo, que não ingeria qualquer alimento e viajava pelos ares cavalgando a flecha de Apolo, o que evoca um homem do espaço. Pitágoras fala de amizade com os deuses; foi miraculosamente transportado à volta da Terra, provavelmente numa nave espacial.

Heródoto conta a história de Salmoxis, um escravo liberto por Pitágoras que desceu a um lugar subterrâneo, donde voltou quatro anos depois, contando aos amigos as aventuras que tivera.

Licurgo, Epiménides, Etálides, Pitágoras, Salmoxis: viagens no tempo, viagens no espaço! Pensamos nos profetas de Israel, apenas a algumas centenas de quilómetros de ali..., e interrogamo-nos!

No decurso dos séculos VII e VI a. C., foram assinalados, em numerosos países, homens do espaço. Cito algumas datas:

670 a. C. — Em Israel, o exército de Senaquerib foi aniquilado por um anjo do Senhor.

660 a. C. — No Japão, os deuses celestes vieram em auxílio do imperador Jimmu, contra os Ainus.

640 a. C. — Em Roma, Túlio Hostílio foi morto pelo fogo do céu.

630 a. C. — Na Pérsia, Zoroastres recebeu leis de Ahura-Mazda.

595 a. C. — Na Babilónia, Ezequiel viu junto do Eufrates a sua célebre «roda flamejante».

563 a. C. — Na Índia, o nascimento de Buda foi acompanhado de prodígios do céu.

538 a. C. — Na Babilónia, Daniel viu um anjo junto do rio Tigre.

580 a. C. — Em Itália, Bolsena foi destruída pelos raios dos deuses.

Apareciam na Grécia antiga humanóides semelhantes aos extraterrestres que seriam hoje vistos na América do Sul; alguns foram tomados pelo deus Pã, igualmente representado com cornos e pernas de bode. Em 490 a. C., Dario, o grande rei dos Persas, invadiu a Grécia. Conta Heródoto que os Atenienses enviaram um corredor a Esparta, Filípedes, pedindo ajuda. Filípedes contou que, no monte Parténio, encontrara Pã, que lhe disse que havia ajudado muitas vezes os Atenienses e que o faria de novo. Os Espartanos recusaram a sua ajuda. Os Atenienses atacaram os Persas na planície de Maratona e alcançaram um das vitórias mais decisivas da história universal. Plutarco, na sua obra *Teseu,* conta que os Gregos pretendiam que Teseu, Atena e Héracles descessem a combater com eles. A vitória foi alcançada pelos deuses!

Depois da batalha, os Atenienses, reconhecidos, ergueram um templo a Pã.

Dez anos mais tarde, em 480 a. C., em busca de vingança, Xerxes invadiu a Grécia. Leónidas e os seus trezentos espartanos morreram heroicamente defendendo o desfiladeiro das Termópilas. Os Persas atravessaram-no e foram incendiar Atenas. Temístocles esmagou a grande frota persa diante da ilha de Salamina. Plutarco escreveu que uma grande luz brilhou e que se verificaram aparições para proteger os navios gregos. Salvaram os deuses os Gregos em Salamina? O grande trágico Ésquilo era dessa opinião e fora combatente!

Heródoto lembra que Lisístrato previra esta grande batalha naval uns anos antes, mas que ninguém acreditara nele. Realizara-se uma extraordinária profecia.

As peças de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes aproximam-se da ficção científica clássica. Em *As Euménides,* Apolo aconselha Orestes, cheio de remorsos, a dirigir-se a Atena, que o absolve, como se Ésquilo soubesse que os Celestes arbitravam o destino dos homens. Ésquilo acreditava no poder supremo de Zeus. *Prometeu Agrilhoado* refere-se à luta entre Zeus e Prometeu, um drama titânico dos deuses. O coro faz frequentemente alusão a veículos alados. Okeanos voa em grifos alados; os mensageiros celestes, Hermes e Io, voam até Prometeu, agrilhoado por Efaístos a um rochedo.

Ésquilo morreu em 456 a. C., em Gela, com sessenta e nove anos. Uma águia, tomando a cabeça calva do dramaturgo por pedra, deixou cair sobre ela uma tartaruga para lhe quebrar a carapaça. Assim se cumpriu o oráculo, segundo o qual Ésquilo devia morrer com um golpe vindo do céu. Deixariam os OVNI cair tartarugas sobre a cabeça rapada dos autores dramáticos?

Sófocles, trinta anos mais novo do que Ésquilo, era um ateniense de uma natureza rara. Tragédias como *Antígona* e *Electra* exprimem profundas e pungentes emoções. Sófocles está intrinsecamente convencido de que os deuses influem no destino dos homens. O oráculo de Apolo domina o argumento de *Édipo Rei.* Sófocles morreu com noventa e cinco anos, ao engolir uma grainha. No momento em que, em 480 a. C., Ésquilo combatia os Persas em Salamina, Eurípides nascia nessa mesma ilha. Nas suas notáveis peças, Eurípides considerava ser bom teatro aproximar os Imortais da Terra. Castor e Pólux figuram em *Electra e Helena*; Apolo em *Alceste e Orestes*; Minerva em *Íon, Os Suplicantes* e *As Troianas*; e Ártemis em *Hipólito.* Em 406 a. C., Eurípedes foi atacado e morto por cães ferozes.

Aristófanes, nascido em 448 a. C., satirizou os deuses em numerosas cenas divertidas. Centenas de peças gregas que

glorificavam os deuses devem ter-se perdido. A intriga era muitas vezes decidida por um *deus ex-machina*, um «deus vindo da máquina», que aparecia e produzia o seu juízo. Era porventura uma recordação do tempo em que os deuses desembarcavam, efectivamente, de verdadeiras máquinas? Autênticos homens do espaço.

Em 405 a. C., Lisandro, o célebre general espartano, pôs termo à guerra do Peloponeso, vencendo a frota ateniense, em Aigos-Potamos, próximo dos Dardanelos. Plutarco escreveu que Castor e Pólux apareceram repentinamente como estrelas gémeas, de cada um dos lados do navio de Lisandro. Eram naves espaciais? Diodoro da Sicília relata que em 372 a. C. uma grande tocha, flamejando do céu, anunciou a derrota final de Esparta.

Contam-se histórias singulares a propósito de Alexandre, o Grande. Diz-se que, quando os Gregos cercavam Tiro, cinco «discos voadores» vieram do céu, giraram em torno da cidade e, com raios de luz, destruíram os muros. Diz-se que, quando Alexandre invadiu a Índia, duas estranhas máquinas picaram muitas vezes sobre o seu exército, semeando o pânico por entre os elefantes, os cavalos e os homens. O seu historiador descreve-os como «grandes discos de prata brilhante que vomitavam fogo à sua volta», coisas vindas do céu. A intervenção de discos voadores vindos do céu é narrada, de novo, quase mil e cem anos mais tarde, em 776, quando dois grandes discos flamejantes apareceram no céu e fizeram chover fogo sobre os saxões que cercavam os francos em Sieburgo, no Lippe, obrigando-os a uma fuga desvairada.

Nas suas *Leis*, Platão lembrava à jovem e cínica geração: «Nenhum homem que na sua juventude tenha pensado que os deuses não existem continua a pensar assim até à velhice.» Os Gregos acreditavam sinceramente que as estrelas eram habitadas por prodigiosos excêntricos que vinham à Terra para o amor ou para a guerra.

Os Celestes, que eram tão activos na Grécia e em Israel, vieram a interessar-se vivamente pela Itália, onde os Etruscos

construíam as suas cidades nas alturas, como as grandes fortalezas dos Andes. Os sacerdotes etruscos espiolharam os céus durante centenas de anos. Porque contruíam eles altas torres, como os Babilónios, e sondavam os céus? Receavam ataques aéreos?

Por volta de 850 a. C., Amúlio, rei de Alba Longa, produzia artificialmente o trovão e os relâmpagos e lançava o raio. Dio Cássio escreve que Amúlio provocou o transbordamento de um lago, que o afogou com todo o seu palácio. A cerca de mil e quinhentos quilómetros dali, Eliseu fulminava os sacerdoes de Baal. Donde recebiam os antigos tais conhecimentos? De homens do espaço?

No século VIII a. C., os Celestes intervieram, segundo parece, nos assuntos terrestres para ditarem o destino da Itália. Reia Sílvia, filha do rei Numitor, tornou-se vestal..., mas não por muito tempo. Em breve, foi pretensamente seduzida pelo deus Marte e deu à luz Rómulo e Remo. Os gémeos foram colocados num cesto, à deriva, no rio Tibre. Diz a lenda que os bebés foram encontrados por uma loba. Ora a palavra latina *lupa* significa, igualmente, «prostituta». Rómulo e Remo foram provavelmente encontrados por Larentia, esposa do pastor Fáustulo, que os adoptou. Ao atingir a maioridade, Rómulo fundou Roma. Foi um bom rei, amado pelo seu povo. Em 716 a. C., quando Rómulo administrava a justiça no monte Palatino, a tempestade obscureceu o Sol. Quando a tempestade passou, o povo descobriu que o seu rei tinha desaparecido. Como Henoch, Eliseu, Hércules e Asclépio, Rómulo foi miraculosamente levado para os céus. Pouco depois, Júlio Próculo jurou que tinha visto Rómulo descer repentinamente do céu e aparecer-lhe radiosamente transfigurado. O herói declarou a Próculo que era vontade dos deuses que, depois de ter fundado uma cidade destinada a ser a maior da Terra, ele residisse nos céus. Os Romanos acreditavam piamente neste milagre e, sob o nome de Quirino, veneravam Rómulo como um deus.

Nascido de uma virgem, gerado por um deus, conduzido

por presságios divinos, levado para os céus, ressuscitado para inspirar os seus concidadãos, foi venerado durante séculos como um deus. Não nos choca a história de Rómulo, pela sua semelhança, sete séculos mais tarde, com a também prodigiosa de um outro Salvador? O senso comum testemunha que os homens não desaparecem repentinamente no ar. Infelizmente há numerosos desaparecimentos que só se explicam por teleportação ou rapto por homens do espaço.

Rómulo teve por sucessor Numa Pompílio, um filósofo que reorganizou o culto de Júpiter, dividiu o ano em doze meses e promoveu reformas sociais. Numa, com a sua sabedoria, formulou uma lei verdadeiramente espantosa que teria podido revolucionar a história do homem e transformar a Terra num verdadeiro paraíso. Exasperado com a frivolidade do belo sexo, decretou que as mulheres deviam ser vistas, mas não deviam ser ouvidas nem deviam meter-se em mexericos. Séculos de maridos pacientes sabiam perfeitamente o que ele sentia. Depois de não ter conseguido reduzir miseravelmente as mulheres ao silêncio, Numa voltou-se para a tarefa mais fácil de dominar o raio, onde obteve maior êxito. Em 708 a. C., um disco de bronze, ou *ancil*, caiu do céu. Numa mandou fazer onze cópias, e todas foram conduzidas pelos sacerdotes nas procissões religiosas. Os Romanos acreditavam que o escudo tinha sido largado pelos deuses e deviam portanto ter visto naves espaciais sobrevoar a sua cidade. Diz-se que Numa teria esposado uma ninfa, Egéria, que lhe incutiu grande sabedoria. Era Egéria uma encantadora filha do espaço, como essas raparigas extraterrestres de que hoje se fala?

O seu sucessor, Tulo Hostílio, foi avisado por uma voz misteriosa que tinha de voltar para os antigos deuses romanos, o que lembra a voz do Senhor dirigindo-se a Abraão e a Moisés. Tulo foi morto por Júpiter, com o fogo do céu.

Em 510 a. C., os Romanos derrubaram o rei tirano, Tarquínio, o Soberbo, e fundaram a sua famosa república. Tarquínio pediu ajuda a Lars Porsena de Clúsio. Plínio,

na sua *História Natural*, relata como Porsena dirigiu orações aos deuses que lançaram raios para destruírem Bolsena, a cidade mais rica da Toscânia; exactamente como o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra. Isto lembra as bombas nucleares da Índia e pergunta-se se Bolsena não terá sido destruída por homens do espaço.

Em 498 a. C., Tarquínio e os seus aliados atacaram os Romanos junto do lago Régilo; Aulo Postumo implorou aos deuses. De repente, apareceram dois cavaleiros gigantes, encabeçaram uma carga de cavalaria e derrotaram o inimigo. Todos os romanos juraram que Roma tinha sido salva por Castor e Pólux.

Os Romanos observaram os céus durante mil anos. Em *De natura deorum*, Cícero escreveu que os deuses apareciam muitas vezes sob forma visível, para imporem a crença neles; e, em *De divinatione*, relata que o Senado ficou muito alarmado quando dois sóis e três luas apareceram; que luzes flamejantes foram vistas na noite; que o próprio céu parecia despedaçar-se de um golpe e que globos estranhos foram vistos no céu.

Hoje, mesmo na nossa era espacial, não podemos conceber o terror religioso que inspiravam aos Romanos os fenómenos celestes. Tito Lívio, Dio Cássio, Plutarco, Plínio, Cícero, Séneca, Júlio Obsequens e outros escritores pareciam ter consciência de que os deuses governavam os homens na Terra. Gostaria de citar as numerosas ocasiões em que foram vistas várias luas, aparições celestes que eram talvez naves espaciais. Plínio escreve que em 461 a. C. caiu do céu uma chuva de carne, provavelmente aves e animais apanhados no campo de força de uma nave espacial e lançados para a Terra.

Quase toda a literatura dos Etruscos e dos primeiros romanos se acha destruída. Sabemos muito pouco acerca dos séculos IV e V a. C.

Em 234, 223, 222 e 221 a. C., foram vistas no céu três luas.

Em 218 a. C., Aníbal atravessou os Alpes e invadiu a

Itália. Tito Lívio conta que naves fantasmas no céu e aparições de vestes resplandecentes assustaram os Romanos. Em 214 a. C., em Ádria, viu-se um altar no céu, rodeado de formas humanas com fatos brancos. Tratava-se, certamente, de uma nave espacial com homens do espaço!

Em 204 a. C., junto ao mar Negro, caiu do céu uma figura esculpida, como o escudo durante o reinado de Numa. O navio que transportava este objecto para Roma encalhou no lodo do Tibre. Os adivinhos juraram que só poderia ser posto a flutuar por uma mulher que nunca tivesse cometido o adultério. Cláudia Quintia, de quem se suspeitava explorar uma casa de passe, protestava em vão a sua inocência. Em desespero de causa, desceu à beira do rio e chamou o navio, que airosamente se libertou do lodo e a seguiu. Para os espectadores, maravilhados, este milagre transformou a reputação imoral de Cláudia numa brilhante virtude. A próxima vez que o seu barco encalhar, mande buscar uma mulher virtuosa!

Em 175, 174 e 171 a. C., foram vistos três sóis. Em Lavínio, em 173 a. C., apareceu no céu uma grande frota. Em Priverno, uma lã cinzenta cobriu o solo, provavelmente «fios de virgem», filamentos prateados, sintetizados no campo de energia de alta voltagem de naves espaciais.

Em 166 a. C., viram-se ainda «fios de virgem» em Veii; em 152 a. C., verificaram-se em Roma estranhas aparições; em 140 a. C., caíram do céu figuras esculpidas. Caíram de naves espaciais? Alguém ou alguma coisa certamente as deve ter deixado cair.

Numerosas tochas flamejantes brilharam no céu nocturno ao longo do século II a. C.

Em 100 a. C., sob o consulado de Lúcio Valério e Gaio Mário, um escudo a arder e lançando faíscas atravessou o céu de oeste a leste, ao pôr do Sol (Plínio, *História Natural*, livro II, XXXVII).

Em 87 a. C., Sila organizou na Grécia um exército para invadir a Itália. Em Apolónia, na Ilíria, os seus soldados

encontraram um estranho humanóide adormecido, um sátiro como é representado pelos pintores. Este sátiro lembra o deus Pã, que os Gregos veneravam, e também as duas crianças verdes que surgiram repentinamente do solo, em Alfpittes, perto de Bury St. Edmunds, no século XII, em Inglaterra.

Um incidente muito curioso verificou-se em 82 a. C. Um grande estrondo de armas, com gritos espantosos, foi ouvido entre Cápua e Volturno, como se dois exércitos se batessem numa terrível batalha. Quando as pessoas examinaram de perto este assombro, verificaram que a erva e o mato estavam espezinhados. Hoje, diz-se que tais traços na erva indicam a aterragem de naves espaciais.

Em 73 a. C., o cônsul Lúculo tomou o comando das legiões romanas contra Mitridates, rei do Ponto, que devastava a Ásia Menor perto do mar Negro. Mitridates contemplou orgulhosamente as suas imensas forças; o Sol brilhava sobre as couraças, os cavalos relinchavam de impaciência, aguardando a carga. O rei ergueu a mão em sinal de combate contra os romanos, que eram pouco numerosos. Diz-nos a descrição viva de Plutarco: «De repente, o céu rasgou-se e viu-se um enorme objecto flamejante cair entre os dois exércitos. Tinha a forma semelhante à de um jarro de vinho e era da cor do chumbo fundido.» Os dois campos foram tomados de medo perante a ocorrência. Mitridates e o seu exército partiram derrotados. Que prodígio celeste pôde atemorizar o altivo Mitridates, no meio do seu gigantesco exército, pronto a realizar a sua suprema ambição de lançar os Romanos ao mar? Que milagre salvou as legiões de uma destruição fatal? A nave espacial saiu do céu, passando a barreira do som, e o seu estrondo e brilho paralisaram os exércitos, reduzidos ao silêncio face a um tal prodígio. Facto que muito impressionou Plutarco um século mais tarde. Mil anos antes, os deuses tinham aparecido perto dali, durante a guerra de Tróia. Lúculo voltou a Roma como triunfador, com um imenso espólio. Infelizmente perdeu a razão, pelo

uso da droga, e morreu em 57 a. C., chorado por Roma inteira.

Plínio e Júlio Obsequens referem numerosos archotes voadores no século I a. C., sobretudo em 66 e 63. Roma era então governada por uma série de ditadores, batendo-se entre si como *gangsters*.

No dia 1 de Janeiro de 49 a. C., Júlio César marchou sobre Roma. Em frente do Rubicão, um pequeno rio que estabelecia a fronteira entre a Gália Cisalpina e Roma, hesitou: «Quando ali se encontrava, indeciso quanto à atitude a tomar, viu-se uma aparição de proporções e beleza surpreendentes que tocava flauta sentada na margem do ribeiro. Um grupo de pastores juntou-se em torno dela para a ouvir e, quando alguns dos soldados de César fizeram o mesmo, a aparição apossou-se da trombeta de um deles, correu para o ribeiro, deu com ela um toque e atravessou o Rubicão. César exclamou: "Aceitemos isto como um sinal dos deuses e sigamo-los para onde nos levam, a fim de vingarmos os nossos pérfidos inimigos, *Alea jact est!* (A sorte está lançada!)."» Cerca de dois séculos mais tarde, nas suas apaixonantes biografias dos *Doze Césares*, Gaio Suetónio maravilhava-se com esta extraordinária aparição, semelhante a um homem do espaço. Pompeu fugiu para Farsália, na Tessália, perseguido por César. Na noite anterior à batalha, César viu de repente brilhar uma grande luz, e um archote flamejante ergueu-se por cima do campo. César obteve uma vitória brilhante e tornou-se o ditador de Roma.

Segundo Plutarco, em 44 a. C., antes do assassínio de César, surgiram no céu sinais, aparições e luzes extraordinárias. Estrabão diz que se viam passar multidões de homens flamejantes.

Homens flamejantes! Tito Lívio mencionava homens com fatos cintilantes, em Amiterno, 218 a. C. Anjos resplandecentes de luz são assinalados na Bíblia, como o são hoje ofuscantes pretensos homens do espaço. Há cerca de duzentos anos, os irmãos Grimm, na sua *Deutsche Mythologie*,

volume I, contavam que no ano de 1125, em Railbach in Freienstein, um *feurige Mann* habitava as montanhas, atemorizando os camponeses. Lançava fogo pelo nariz e pela boca e voava por aqui e por ali, em todas as direcções. E, de repente, desaparecia! Esta aparição flamejante era um extraterrestre vindo de outras paragens, talvez como aqueles homens de fogo que apareciam em Roma? Isto lembra-nos os estranhos homens espaciais, hoje, na América do Sul.

Depois da morte de César, o mundo foi dividido entre Octávio e Marco António, que foi seduzido por Cleópatra. Em 41 a. C., António intimou a rainha do Egipto a encontrar-se com ele em Tarso: «A barca em que se achava sentada cintilava na água como um trono resplandecente; a popa era de ouro, as velas de púrpura e tão perfumadas que os ventos estavam perdidos de amor», como escreve Shakespeare. No céu azul, três sóis se fundiram num só. Era esta cena deslumbrante observada por homens do espaço? Dez anos mais tarde, depois da batalha de Ácio, António matou-se com um punhal e Cleópatra suicidou-se magnificentemente. Pouco mais ou menos ao mesmo tempo, conta Diodoro de Sicília, luzes estranhas foram vistas no céu. Apareceram fantasmas de mortos. Eram extraterrestres?

Octávio reinou em Roma como imperador, sob o cognome de Augusto. Em 16 a. C., um archote atravessou o céu. Em 12 a. C., um cometa pairou sobre Roma e desfez-se em archotes. Em 9 a. C., nove sóis apareceram sobre Klu-shu, provocando o caos no Japão. Naves espaciais de visita ao Extremo Oriente teriam provavelmente visitado o Ocidente e observado Roma.

Cinco anos depois, no ano 4 a. C., uma nova estrela brilhou, desconhecida dos astrónomos hindus e chineses e nunca mencionada por Plínio, Ptolemeu, Josèphe ou Júlio Obsequens. A única referência a esta maravilhosa estrela vem de um velhote judeu, oitenta anos depois. São Mateus escreveu: «E eis que a estrela que eles viram no Oriente os precedia para se deter finalmente sobre o sítio onde se en-

contrava o menino.» O único objecto celeste capaz de aparecer de repente muito próximo da Terra, para só poder ser visível num raio limitado, e deslocar-se para conduzir pessoas que o seguem e depois parar, imóvel, é uma nave espacial pilotada por seres inteligentes.

Jesus nascia num estábulo!

Toda a gente conhece as maravilhas que acompanharam o nasciento, a morte e a ressurreição de Jesus [1].

No ano 35, Paulo de Tarso perseguia os cristãos. «Quando ia a caminho e se aproximava de Damasco, de repente surgiu uma luz no céu e envolveu-o na sua claridade.» (Actos dos Apóstolos, IX, 3.) Experimentou então uma transformação espiritual e tornou-se o apóstolo Paulo, cujos ensinamentos contribuíram para o estabelecimento da Igreja Cristã.

Um verdadeiro raio de luz, sob controle inteligente, teria iluminado Paulo? Uma voz real tê-lo-ia convertido ao cristianismo? Luzes e vozes tinham já inspirado Abraão, Moisés e os primeiros reis de Roma.

Mateus de Paris, na Idade Média, Charles Fort e muitos outros, hoje em dia, observam OVNI luminosos.

A mais bela manifestação de uma luz celeste sob controle inteligente foi narrada pelo venerável Bede, na sua *História Eclesiástica,* escrita na Inglaterra saxónica, há treze séculos.

No ano 64, «num mosteiro em Barking, perto do Tamisa, no cemitério, quando à noite as freiras cantavam junto dos túmulos, uma luz de repente enviada do céu caiu sobre elas como um imenso lençol; depois, a luz levantou-se, passou pelo outro lado do mosteiro e retirou-se para muito alto, no céu. O Sol do meio-dia, ao pé do brilho desta luz, parecia escuro. De manhã, jovens que estavam na igreja contaram que os raios de luz, que entravam pela porta entreaberta e

[1] Cf. *Gods and Spacemen of the Ancient Past* (Israel), New American Library, Nova Iorque, 1974.

pelas janelas, pareciam ultrapassar todo o brilho do dia anterior» (*História Eclesiástica,* livro IV, cap. VII).

Esta luz vinda dos céus, há treze séculos, iluminou bem mais do que uma capela anglo-saxónica. Ela ilumina presentemente uma imensa e extraordinária revelação que revoluciona a religião, o próprio fundamento do pensamento humano. A luz que brilhou sobre Paulo poderia ter vindo de uma nave espacial. Poderia o cristianismo ter vindo do cosmo?

Plínio assinala três sóis vistos no ano 51; Séneca faz menção de cometas nos anos 54 e 60.

Josèphe, na *Guerra Judia,* refere uma estrela que lembrava uma espada, imóvel, por cima de Jerusalém, no ano 65, e uma luz estranha no Templo. Mais tarde, ao pôr do Sol, viram-se carros e exércitos com armaduras nas nuvens, o que lembra aparições semelhantes com armaduras douradas, muito alto, no céu, vistas em 166 a. C., durante a rebelião de Judas Macabeu. No ano de 66, os Judeus revoltaram-se. Tito destruiu o Templo e esmagou a revolta.

No ano de 98, um escudo flamejante passou por cima de Roma. Em 193, três estrelas apareceram repentinamente. Em 268, duas grandes esferas flamejantes planaram por cima de Palmira, a cidade do deserto, onde reinava a fabulosa rainha Zenóbia, antes da sua conquista por Aureliano.

Em 312, apareceu o OVNI mais importante de toda a História. Constantino, ainda pagão, revoltou-se contra o imperador Maxêncio e marchou sobre Roma. Procurou o apoio dos cristãos. Nos Alpes, segundo as palavras do seu amigo Eusébio, bispo de Cesareia, depois de terem orado a Deus, Constantino e todo o seu exército viram no céu uma cruz luminosa. Constantino recebeu com alegria este sinal de Deus. Aliou-se aos cristãos e, na batalha da ponte Milvius, derrotou Maxêncio, que se afogou no Tibre. Feito imperador, impôs o cristianismo como religião do Estado, cerca de trezentos anos depois da morte de Cristo.

São Paulo viu uma luz no céu; Constantino, uma cruz

luminosa. Deve o cristianismo a sua existência a homens espaciais?

Seja o que for que pensemos hoje, os povos antigos de todo o mundo acreditavam, nas suas religiões, nas suas filosofias e mesmo na sua vida quotidiana, que os deuses desciam à Terra e inspiravam os homens.

Estes sinais e prodígios na Grécia e em Roma, confirmados pela Bíblia e Israel, manifestam-se hoje. Os céus são iluminados por OVNI. Extraterrestres aterram entre nós. Algumas pessoas, como os profetas de outrora, são transportadas para os céus e outras ouvem vozes desencarnadas que prevêem tremores de terra, guerras e cataclismos que hão-de vir. Não pararíamos de citar todas as maravilhas da Idade Média e todos os factos extraordinários que se produzem nos nossos dias.

O que foi será de novo, o futuro está escrito no passado [1]!

[1] *Gods and Spacemen in Greece and Rome*, Sphere, Londres, 1975.

8

A HERANÇA DOS MESTRES ESTELARES

Por ANDREW TOMAS

Nascido em 1913, em Sampetersburgo, hoje Lenin-negrado. Viajou muito e prosseguiu aturadas investigações nos grandes museus e bibliotecas de Londres, Paris, Moscovo e Extremo Oriente. Cidadão australiano, vive em Neuilly, e é autor de numerosas obras entre as quais Não Somos os Primeiros *e* Nas Margens dos Mundos Infinitos.

Se aterrarmos de noite em Nova Iorque, poderemos observar pela vigia do avião, tão longe quanto a vista alcance, um mar de luzes cintilantes. Suponhamos, um instante, que todos esses milhões de lâmpadas das ruas, dos faróis dos automóveis e das demais e inúmeras iluminações eléctricas do interior dos edifícios são estrelas ou sóis. A Nova Iorque nocturna seria, assim, uma galáxia, um universo-ilha de biliões de sistemas solares. Dizer que uma só dessas minúsculas luzes, nesse amontoado estelar, é absolutamente ímpar, diferente de qualquer outra estrela, é confessar ignorância quanto à lei das probabilidades matemáticas.

Hoje, não há um único sábio que aceite o veredicto pronunciado há quarenta anos pelo célebre astrónomo inglês Sir James Jeans: «A vida é o cancro da matéria.» A maior parte dos astrónomos e biólogos tem agora a certeza de que

a vida e o espírito estão potencialmente incluídos na matéria. Teoricamente, a vida pode aparecer em toda a parte onde as condições se mostrem favoráveis porque a matéria está espalhada por todo o universo. De facto, os biólogos são já capazes de criar nos seus laboratórios aminoácidos, base da vida.

A possibilidade de vida noutros mundos e de comunicação entre civilizações galácticas é de grande interesse para a ciência. Uma conferência internacional de sábios eminentes esteve reunida em Byurakan, na Arménia Soviética, em 1971, para examinar o problema da comunicação interstelar. O presidente, professor Ambartsumian, sintetizou a conferência nestes termos: «Em princípio, são possíveis contactos com os habitantes de outros planetas dotados de razão.»

Em 1900, Nikola Tesla, o «feiticeiro da electricidade», afirmou que tinha captado sinais de rádio provenientes do espaço. Foi o primeiro a afirmar que os misteriosos ecos retardados de emissões de rádio, de Eindhoven, em 1928, assinalados por Störmer, eram provocados por um dispositivo extraterrestre.

Em 1960, o professor Bracewell, de Stanford, debruçou-se largamente sobre o estudo desses ecos ao retardador feito por Störmer. E declarou que uma sonda interstelar girava em torno do Sol e era responsável pelos ecos dos sinais de Eindhoven, com intervalos significativos de alguns segundos.

Em 1973, o sábio britânico Duncan Lunan exibiu um gráfico mostrando o número de segundos de atraso e a sequência dos ecos. Os pontos tomaram de repente a configuração da constelação do Bootes.

Em 1974, o astrónomo amador búlgaro Ilyev fez o mesmo com uma outra série de sinais retardados e obteve como resultado a constelação do Leão. Decifrou mesmo a seguinte passagem: «Estrela dupla do Leão. Um sol possui três planetas; o outro, dois.»

De um modo geral, os astrónomos não rejeitam a teoria de que astronautas de uma outra civilização espacial tenham podido aterrar no nosso planeta, há milhares ou mesmo milhões de anos. A única coisa sobre que se afirmam cépticos é a seguinte: «Os objectos tomados como astro-arqueológicos são-no realmente? Não são obra humana?» Gostaria, sobre isso, de pôr aqui uma questão: «Quantos objectos autênticos de origem extraterrestre são precisos para provar a teoria segundo a qual, exploradores vindos de outros mundos, os deixaram efectivamente na Terra?» Eu diria: «*unicamente um*». Ora, não tenho a mínima dúvida de que, na massa considerável de objectos tidos como astro-arqueológicos que Erich von Däniken acumulou com tanto cuidado, se encontra um desses objectos.

Por outro lado, é perfeitamente ingénuo exigir uma prova física de cada descoberta. O senso comum já não é um critério de inteligência superior. As maiores descobertas são agora feitas no papel e na ardósia, como as de Einstein, de Dirac ou de Fermi. É muitíssimo mais importante ter uma teoria que funcione correctamente. Posso avançar uma? O universo dos universos é infinito, eterno e reproduz-se constantemente. Este conceito é corroborado pela observação astronómica e, filosoficamente, sem falhas.

O tema das visitas vindas do espaço é apaixonante. Pessoalmente, no domínio da investigação, considero o testemunho da mitologia, do folclore e das escrituras sagradas tão válido como o dos monumentos de pedra.

Euphemerus disse: «O Mito é a História disfarçada.» Os antigos gregos foram o mais racional de todos os povos da Antiguidade. Deixaram-nos, no entanto, uma volumosa mitologia.

Um sábio fez um dia uma observação sobre «a ciência vaga da antropologia e a arte exacta do mito». Sorrir-se-á com a sua ironia, mas as descobertas de Schliemann e de Evans, que tomaram muito a sério a mitologia, devem ser salientadas a este propósito.

Tenho a convicção de que os antigos mistérios de Orfeu, Ísis, Osíris, Mitra e outros foram originariamente inspirados pelos civilizadores celestes da Terra. A origem cósmica dos

mistérios é visível através do simbolismo utilizado nas suas cerimónias de iniciação. Os mistérios de Orfeu deixaram a seguinte inscrição:

Sou um filho da Terra e do Céu estrelado,
Mas a minha raça é apenas do Céu.

Nada pode ser mais preciso nem mais belo: o homem vem das estrelas. Virgílio, o iniciado, escrevia que uma raça celeste desceria um dia à Terra, o que constitui uma admissão, na época clássica, da presença de vida no espaço.

O *Livro dos Mortos,* do Egipto antigo, contém expressões curiosas: «Homens que, graças ao seu saber, atingem a abóbada do céu.» Outro capítulo refere: «Os que vivem entre estrelas.»

A escola gnóstica estava relacionada com os mistérios antigos do Egipto. Com consideráveis prevenções, os primeiros Padres da Igreja falam de Simão, o Mágico, e da sua disputa com o apóstolo Pedro, em Roma, no fim da qual Simão foi levado pelos «espíritos do ar» e desapareceu no céu.

A escola gnóstica tinha uma ciência cósmica, provavelmente adquirida dos astronautas que tinham levado Simão, o Mágico, para o espaço. Extractos do seu livro antigo, o *Manuscrito Cóptico,* conservado na Colecção Bórgia, em Nápoles, provam a existência dessa ciência:

Quando o Pai acabou de criar os doze universos que nenhum dos anjos conhecia, criou então sete outros universos.

As palavras «que nenhum dos anjos conhecia» sugerem que existiam mundos para além do nosso sistema solar. E o livro confirma-o:

Para além desses sete, criou mais cinco universos. Esses vinte e sete universos estão todos fora deste céu e desta terra.

«Fora deste céu e desta terra»; não falam estas palavras em sistemas extra-solares? Como podiam os gnósticos, há dois mil anos, possuir um conhecimento que os nossos antepassados do século XVII não possuíam? Ou, na realidade, Simão recebeu o ensino de mestres cósmicos? Deixemos este sábio falar de si próprio:

Liberta-me, Terra-Mãe, para que eu possa levar as tuas palavras até às estrelas; e voltarei fielmente a ti depois de algum tempo. E as estrelas regozijaram-se de serem visitadas pelo poderoso. (Manuscrito sírio, traduzido por Malchus, século XV.)

Não se admite aqui uma viagem no espaço? Na obra gnóstica de Plutarco de Queroneia, intitulada *A Visão de Arideu,* estas viagens no espaço são mesmo comparadas a «viagens marítimas com tempo calmo».

O «livro de bordo» de Arideu contém uma menção impressionante de observação astronómica:

Não via senão estrelas; elas eram, contudo, de um tamanho *prodigioso* e a *enormes* distâncias umas das outras.

Esta exploração do espaço revelava factos científicos correctos acerca do universo: que as estrelas, afinal, não eram pequenos buracos no firmamento, através dos quais passava a luz divina do paraíso, e que a Lua também não era feita de queijo; crenças que persistiram no Ocidente durante cerca de quinze séculos depois dos gnósticos. Quem forneceu aos gnósticos este conhecimento avançado da astronomia? Como souberam eles que as estrelas eram de um tamanho colossal e afastadas umas das outras muitos anos-luz?

Curiosamente, a tradição gnóstica não está morta no Próximo Oriente. Durante a última guerra israelo-árabe, encontrava-me bloqueado no Líbano. Encontrei-me com um chefe drusa, um dos cinco que detinham os livros sagrados. Disse-me que a sua religião fora fundada por um ser cósmico e que eles acreditavam na universalidade da vida.

O antigo nome de Balbeque era Heliópolis, a Cidade do Sol. A lenda pretende que Nemrod da Babilónia construiu esta plataforma megalítica e, depois, uma poderosa máquina voadora, que o levou para os céus para um longo voo. Ao olhar na direcção do monte Hébron, durante os bombardeamentos e tiros de artilharia, lembrei-me de repente que Nemrod tinha feito, nesta montanha, uma aterragem brutal, depois da sua viagem pelo espaço.

É interessante referir que segundo os escritores clássicos o templo de Hadad, em Balbeque, possuía maravilhas, tais como esferas luminosas que eram acesas à noite pelos sacerdotes. Isto passava-se mais ou menos na altura em que os apóstolos escreviam os Evangelhos. Pergunta-se: quem e quando ensinou aos sacerdotes esta ciência e esta tecnologia?

A Fenícia, hoje Líbano, é o país da fénix, pássaro mítico que arde mas nunca se consome no fogo. Estranhamente, pretende-se que a vida de uma certa fénix tenha sido de noventa e sete mil e duzentos anos. Agora, aceitando que uma civilização tecnológica desaparecida tenha deixado um reactor atómico numa câmara subterrânea, não seria este descrito certamente pela imagem da fénix, já que, como ela, o reactor arde mas não se extingue? Se um tal reactor de tipo desconhecido, talvez mesmo não atómico, está enterrado debaixo da pirâmide de Gizé, a sua presença e influência perturbadora poderiam talvez explicar a interferência encontrada na sondagem feita com a ajuda de raios cósmicos e efectuada pela Universidade Ein-Shams.

Ao viajarmos para o Extremo Oriente, encontramos novos enigmas, que sugerem igualmente uma ciência avançada na Antiguidade e possíveis laços com outros mundos espaciais. Antes de falar da Ásia, gostaria de dizer que vivi vinte anos na China, algum tempo na Índia, na fronteira do Tibete, e no Japão. Estudei também o budismo Mahayana e visitei numerosos templos e mosteiros na China, no Japão e no Himalaia.

Comecemos pelo Tibete. O palácio dos deuses chama-se

o Potala de Lassa. Este edifício de catorze andares e mil e quatrocentas divisões, o primeiro arranha-céus do mundo, foi concluído no século XVII.

Os Tibetanos acreditam que Pon-Gye, o primeiro rei do Tibete, chegou do céu. Foi seguido por seis outros reis que reinaram sabiamente na Terra e voltaram depois para a sua mansão celeste. As escrituras tibetanas falam de «serpentes de ferro envoltas em chamas» e referem mesmo «habitantes das estrelas».

O budismo, mais uma filosofia do que uma religião, reconhece a pluralidade dos mundos e fala de sistemas cósmicos de vida.

Os livros budistas do Tibete narram a história do Dordje, ou bastão do poder, que caiu miraculosamente do céu perto do Mosteiro de Sera, em Lassa. Estava sob a guarda do dalai-lama, que tem o título de «Portador do Dordje». Além do bastão original, existem numerosas réplicas de prata. Vivi numa cidade onde se diz também que outro Dordje caiu miraculosamente do céu. Chama-se Darjeeling ou, mais exactamente, Dordjeeling, o sítio do Dordje. O Dordje é curto, como uma espécie de punhal, com um botão de lótus ou uma pinha em cada extremidade. Viram-se luzes brilhantes, parecidas com as dos tubos de néon, e pequenos relâmpagos emanarem do Dordje, seguro nas mãos de santos lamas ou devotos, no decurso de cerimónias sagradas ou de iniciações. Se bem que as duas bolas sugiram os pólos negativo e positivo, o Dordje não parece de natureza eléctrica. Seria um instrumento de qualquer outro género, deixado por antigos astronautas?

Na Índia, os brâmanes podem ler-vos a seguinte passagem dos Vedas: «Há vida noutros corpos astronómicos, no espaço.» Que poderia haver de mais claro que isto?

Os pânditas hindus dizem que a sabedoria é privilégio de poucos. O saber é o poder e este poder deve ser exercido com discrição. A ética e a sabedoria devem caminhar lado

a lado, senão muito mal pode acontecer. Os construtores de bombas atómicas deviam ter sempre presente esta divisa.

E, agora, passemos à China, com o seu Palácio do Céu, de mármore, em Pequim, e aprendamos por que razão a China é chamada o Celeste Império[1].

A história dos «filhos do Céu», que vou contar, vem do Tao Tsan, do Tiuen, do Shi-tsé, do dicionário Gu-an, dos escritos de Wang Chung, das genealogias imperiais de Shin-ben e de outras fontes. Estes escritos chineses indicam claramente que na China, há quatro ou cinco mil anos, existiam três centros principais de aterragem e operações dos Antigos Astronautas. Eram o deserto de Gobi, os montes Kuen Lun e o vale do Huang Ho (o rio Amarelo), na China Central.

Uma estrela de fogo caiu um dia no deserto de Gobi. Viram-se também, no céu, dragões, peixes e tartarugas fantásticas. Sem dúvida que se tratava de naves espaciais de diferentes tipos.

Os seus astronautas — Huang Ti, Tsan Se e Chi Yu — são descritos como homens de quatro olhos. Estes escritos perturbaram, séculos mais tarde, os eruditos confucionistas, pois como poderiam aqueles ter concebido um capacete espacial com dois buracos, através dos quais se viam os olhos?

Um outro astronauta, Fen-tsé, chegou num «peixe-voador» vindo da estrela Sian-Yuan, ou Regulus, da constelação do Leão, que incidentemente se encontra a setenta e sete anos-luz de distância. Diz a crónica que, no seu voo, ele esteve «temporariamente morto» durante duzentos anos. Já alguma vez se ouviu falar de alguém que tenha estado «temporariamente morto» durante tanto tempo? Estava Fen-tsé em estado de animação suspensa durante o seu voo espacial? Segundo estes elementos numéricos de dilatação do tempo, é possível calcular a velocidade da nave espacial. Se esta interpretação parece ser superimaginosa, então todos os testemunhos histó-

[1] Cf. supra, capítulo 4.

ricos deixam de ter qualquer sentido. E, no entanto, as velhas crónicas chinesas eram famosas pela sua fidelidade aos factos.

Os livros chineses descrevem como Huang Ti civilizou o vale do Huang Ho e depois voltou à sua morada celeste, em Sian-Yuan, ou Regulus, de onde Fen-tsé tinha igualmente vindo. Parece ficção científica, não é verdade? Contudo, a descrição do terreno do deserto de Gobi é muito precisa. São os outros pormenores desta história igualmente verdadeiros? A seriedade com que o tão sensato povo chinês encarou esta lenda através de toda a sua longa história pode ser julgada pelo facto de, até à revolução chinesa de 1911, a bandeira imperial da China ser um dragão vermelho, para comemorar a chegada espectacular dos civilizadores extraterrestres da China antiga, nos seus dragões que cuspiam fogo.

Na história moderna, houve pelo menos três nações cujos soberanos reinavam por mandato de seres celestes: a China, o Tibete, onde o dalai-lama é olhado como a encarnação de um ser cósmico, Chenrezi, e, finalmente, o Japão, cujos imperadores pretendem descender da deusa Amateratsu.

Os «filhos do Céu» ensinaram aos Chineses a arte da acupunctura, que actua sobre setecentos pontos do corpo humano e que deve ter exigido milhares de anos para se criar ou... ou forneceram-lhes os médicos cósmicos os seus segredos de uma só vez? Esses pontos são agora conhecidos como sendo luzes no corpo plásmico ou eléctrico do homem, que a máquina do soviético Kirlian exibe nos seus ecrãs. Possuíam os «filhos do Céu» uma ciência antiga, que, para nós, constitui um novo ramo da electrónica e da medicina?

O *I-King* foi igualmente recebido dos civilizadores celestes da China? O sistema binário, base dos computadores modernos, foi descoberto por Leibniz, no século XVII. Quando o padre Bouvet, um missionário chegado da China, lhe mostrou o *I-King*, Leibniz vacilou; o seu sistema binário era conhecido dos Chineses há milhares de anos!

Uma misteriosa herança científica existe também nas Américas. O calendário dos Maias é mais preciso que o nosso,

nesta era da ciência. Como foi ele criado? Quetzalcoatl, o deus celeste civilizador, era um astrónomo melhor do que os nossos sábios actuais?

O *Codex* de Vienne mostra Quetzalcoatl no céu, recebendo ordens de dois deuses, antes da sua descida à Terra. Tem o rosto descoberto, mas quando desce à Terra põe uma máscara a que os Maias chamavam «máscara-vento». O Museu Toluca, no México, possui uma estatueta de Quetzalcoatl com um bico, ou máscara destacável. Os americanólogos não encontram qualquer explicação para esta máscara. Seria um auxiliar respiratório, uma espécie de capote espacial, necessário a um novo visitante da Terra em virtude de uma atmosfera diferente?

Quando nos voltamos para a América do Sul, descobrimos que metade dos produtos que aparecem hoje nas nossas mesas são resultado dos programas agrícolas dos Incas e Pré-Incas. Lembrem-se disso a primeira vez que comerem tomates, milho branco, tapioca, morangos, ananases, amendoim ou chocolate. Possuíam os «filhos do Sol» uma ciência realmente superior da agricultura?

Se julgais que puxo demasiado pela vossa imaginação, apresento-vos os resultados de uma investigação que eu próprio testemunhei. Em 1962, os antropólogos Gilbey e Lubran fizeram uma análise sanguínea em cinco múmias reais incas conservadas no Museu Britânico. A múmia numero três tinha os grupos sanguíneos C, E com C e ausência de D, o que, segundo o Royal Anthropological Institute, é «um caso quase sem paralelo no mundo».

A Porta do Sol, em Tiahuanaco, exibe um calendário com estranhas criaturas de quatro dedos. O calendário indica duzentos e noventa dias, vinte e quatro dias por mês, trinta horas por dia. E, segundo o Prof. Posnansky e o Dr. Kiss, indicam-se dezanove eclipses solares, como produzindo-se regularmente cada mês. Que louco enigma! Humanóides de quatro dedos, um ano de duzentos e noventa dias, um mês de vinte e quatro dias, um dia de trinta horas e, para cúmulo, um eclipse do

Sol quase todos os dias! Trouxeram esses seres de quatro dedos este calendário, de um outro planeta? Se assim foi, poderá compreender-se por que razão as múmias reais incas têm grupos sanguíneos tão extraordinários.

Igualmente estranha é a presença de estátuas representando figuras de seis dedos, no planalto de Marcahuasi e no vale do Casma, no Peru. Os famosos desenhos de Nazca mostram também uma mão com seis dedos. Nos montes Mann, na Austrália Central, encontram-se mãos semelhantes, com seis dedos, traçadas na rocha. Por que razão quatro ou seis dedos, e não cinco?

As pinturas e gravuras rupestres de todo o mundo põem numerosos enigmas. Nos montes Urais, encontram-se misteriosos petroglifos parecidos com colmeias e redes. Quando alguns dos mais complexos foram mostrados a estudantes, pelo geólogo soviético Avinsky, estes reconheceram neles polímeros ou cadeias de moléculas de alumínio, petróleo e grafite. Avinsky ficou tão entusiasmado com esta interpretação que põe agora uma questão perturbante: esses desenhos na pedra, representando polímeros, foram deixados por visitantes vindos do espaço, na Antiguidade?

Francamente, não estou inteiramente convencido disso. Mas fico vivamente impressionado com a fonte onde encontrei este relato: *Química e Vida*, revista publicada pela Academia das Ciências da URSS.

Na minha obra *Nas Margens dos Mundos Infinitos*, coloquei duas fotografias lado a lado: uma pegada de calçado petrificada, encontrada no Gobi em 1959, com milhões de anos, e a pegada de uma bota deixada no solo lunar por um astronauta americano. Curiosamente, ambas as solas, de nervuras, têm muito de semelhante. Aterraram na Ásia Central astronautas de um outro mundo, como afirmam as lendas chinesas?

Muitos leitores viram o filme de Kubrick e Clarke *2001, Odisseia no Espaço* e têm presente o monólito. Parece que

esta ficção científica está em vias de tornar-se realidade. Em Fevereiro de 1973, o *Lunokhod II*, soviético, referenciou no Mar da Serenidade uma estranha mesa de pedra lisa com um metro de comprimento e de uma extraordinária dureza, que se revelou de uma idade mais recente do que as rochas da Lua nas áreas em volta. Foi deixada ali por exploradores cósmicos?

Podem objectos deste género constituir uma prova definitiva? Não estou certo disso. É talvez mais importante reflectir lógica e correctamente. A minha própria filosofia procede da dialéctica dos antigos gregos e dos budistas, que afirma que, sob uma forma ou outra, o universo sempre existiu. Um sistema morre, outro nasce. É o que acontece numa floresta: umas árvores são novas, outras são velhas e morrem. As árvores morrem, mas a floresta persiste. A observação astronómica da evolução estelar corrobora esta visão.

Todo o progresso da ciência moderna mais não foi do que a redescoberta do saber de Alexandria e de Atenas. A noroeste de Atenas ergue-se uma placa que contém as seguintes palavras: «Laboratório de Investigação Atómica Demócrito — o primeiro do mundo». Indica o lugar onde trabalhava, há dois mil e quinhentos anos, o filósofo grego.

A Grande Pirâmide, com a sua galeria norte dirigida para o céu polar, foi o primeiro telescópio gigante. Os antigos gregos utilizavam pequenas máquinas aritméticas para os seus cálculos astronómicos. A Babilónia possuía pilhas eléctricas. Os Vedas descrevem a vacina, milhares de anos antes de Jenner. Os livros sânscritos contêm informações técnicas sobre aviões e bombas atómicas. A penicilina era empregada na medicina egípcia antiga. Planetas, para além de Saturno, foram previstos por Demócrito e Anaxímenes. Os factos permanecem: *Não Somos os Primeiros*[1].

Na Índia, estudei o sistema do calendário dos brâmanes,

[1] Ed. Albin Michel, 1972.

com a sua divisão sexagesimal do dia, hora, minuto e segundo. A fracção mais pequena ou *kashta* equivale a 1/300 milionésimo de segundo. Ninguém, a não ser o físico nuclear, utiliza uma fracção tão pequena do microssegundo. Descobri que certos mesões e hiperões têm precisamente a duração de um *kashta*. Trata-se de mera coincidência, ou os deuses da Índia que viveram entre os homens possuíam realmente o grande saber que lhes é atribuído?

Para o leitor médio, absorvido pelos assuntos terrestres, a ideia de um contacto entre civilizações separadas por distâncias astronómicas parece longínqua e irreal.

Sabeis porventura que, na previsão de relações entre sistemas estelares, o direito do espaço já foi estabelecido? O Comité do Espaço das Nações Unidas existe para essa eventualidade. Em 1961 foi preparado, para a NASA, um relatório da Brookings Institution que encara contactos entre civilizações cósmicas diferentes. Compara os problemas que isso acarretaria com os que surgiram após a descoberta da América.

Um grupo de investigação da Universidade de Yale sobre o direito do espaço levantou uma exímia questão:

Deve a Terra permanecer isolada do resto do universo até que tenha aprendido a tornar-se melhor e atingido a necessária aptidão para se integrar numa comunidade mais vasta?

Após a Idade Média, quase todos os séculos trouxeram novas descobertas, com o correspondente alargamento do espírito. As escolas do pensamento que adoptaram o velho costume do avestruz de esconder a cabeça na areia, para não ver o implacável leão, foram varridas pelas tempestades de areia da história. Nesta ascese da nova revelação científica, a renascença da sabedoria, muitos mártires perderam a vida.

Não duvido de que os meus semelhantes e eu próprio, se tivéssemos vivido no século XVI, teríamos sido queimados na fogueira, como Giordano Bruno.

É lamentável que as sombras sinistras dessa era geocêntrica, antropocêntrica, ainda não tenham desaparecido.

Vemos nos nossos ecrãs da televisão a Terra vista do espaço, a Lua e os planetas do sistema solar. É tempo de considerarmos que esta psicologia terra a terra se acha completamente despropositada face à grandiosa era do espaço!

9

A HUMANIDADE, FILHA DAS ESTRELAS

POR MAX H. FLINDT

Nascido em 1915, em São José, na Califórnia. Filho de Homer Eon Flindt, autor de ficção científica. Estudos superiores de química, física, biologia, paleontologia e antropologia. Trabalhou sob as ordens dos Prémios Nobel E. Teller, G. Seaborg e M. Calvin no Lawrence Radiation Laboratory de Berkley. Investigações espaciais «classificadas» em Lockheed e, depois, sobre as anomalias do sangue humano, com o professor P. Baumberger, da Universidade Stanford.

O homem é talvez um museu ambulante de curiosidades vindas do espaço!

Por outras palavras, é talvez uma espécie de montra animada, uma colecção viva de relíquias históricas.

Este ponto de partida baseia-se na ideia de que o homem *pode* ser um híbrido. Temos sinceramente o sentimento de que esta hibridez resultou do cruzamento entre seres vindos de planetas longínquos, no espaço, e seres da Terra. A enorme quantidade de testemunhos indirectos que temos descoberto, apreciada no seu conjunto, presta um contributo considerável a esta teoria.

As numerosas formas em que o homem *difere* dos outros primatas existentes são os *índices mudos*, setas que apontam

directamente para a nossa origem extraterrestre..., índices mudos, insuspeitos, eloquentes, vindos do espaço.

Existem, *grosso modo*, seis grandes categorias de índices a considerar:

Primeira, as particularidades físicas dos seres humanos; segunda, as particularidades intelectuais do homem; terceira, as particularidades culturais do homem; quarta, as estranhas singularidades da evolução do *Homo sapiens*; quinta, o nosso ponto de vista muito estreito; sexta, as nossas estranhíssimas singularidades sexuais.

O primeiro de todos os índices mudos — as particularidades físicas do homem — encerra este mistério fundamental: o cérebro humano.

Nenhum outro animal da Terra possui um instrumento tão magnífico como o nosso cérebro!

Este órgão incrível, desenvolvido para além das necessidades da existência humana quotidiana, foi qualificado como «o maior enigma que a ciência moderna conhece». O célebre antropologista Loren Eiseley assinala esse facto.

Quando consideramos o cérebro, o anormal cérebro humano, e nos damos conta de que este estranho instrumento foi à Lua, produziu bombas nucleares, pesou o átomo — e cometeu, em nome da humanidade, os piores de todos os crimes, ficamos a fantasiar!

Começamos a imaginar, no mais recôndito dos nossos pensamentos..., que — é... *realmente possível?* — o cérebro humano veio talvez do espaço.

Podemos explicar este cérebro anormal de que o homem é detentor, mas devemos, antes, passar a uma outra série de ideias para tornar a nossa explicação compreensível.

Dizemos que os nossos hipotéticos longínquos parentes vindos do espaço evoluíram *milhões* de anos mais do que o homem da Terra. E, por conseguinte, dizemos que esses hipotéticos longínquos parentes atingiram tecnologias *muito, muito avançadas*, em antecipação das tecnologias que nós possuímos.

Pode então pensar-se, diremos nós, que, com o tempo, o seu cérebro se tenha desenvolvido excepcionalmente, a fim de se conciliar com as suas tecnologias.

Então, quando vieram à Terra, transmitiram cuidadosamente este cérebro superdotado às raças existentes de pré-hominídeos. E, bem entendido, nós dizemos que eles nos transmitiram este cérebro anormal graças a técnicas biológicas consideravelmente avançadas, para além das nossas técnicas actuais.

Notemos que, neste momento, acabamos de propor uma explicação para «o maior enigma da ciência moderna». E, como veremos, tudo o que fazemos é começar a propor soluções para mistérios que a ciência tem dificuldade em explicar.

Uma outra particularidade física dos seres humanos consiste na singularidade que são as lágrimas. Falamos das lágrimas humanas de origem psicológica, lágrimas de alegria, lágrimas de cólera; lágrimas que nenhum *outro* mamífero terrestre segrega.

Essas lágrimas parecem não ter hoje qualquer utilidade ao cimo da Terra, mas em 1958, no planeta Marte, *elas teriam sido muito úteis*. Nessa altura, três quartos da superfície do planeta Marte achava-se envolvida numa tempestade de pó quase para além da nossa compreensão. Lágrimas humanas psicológicas teriam sido facilmente desencadeadas em Marte, por mecanismos biológicos, para lavar, limpar com água abundante a poeira introduzida nos olhos. As dunas de areia que foram fotografadas pela *Mariner*, em Marte, vêm em apoio desta teoria.

Vemos assim que as lágrimas, as lágrimas humanas, as lágrimas psicológicas, poderiam talvez ter resultado de determinada evolução num planeta mais ou menos semelhante a um deserto, e nos foram mais tarde transmitidas a nós, híbridos.

Outro mistério a respeito dos humanos relaciona-se com

a cabeleira, esses pêlos de um comprimento surpreendente no cimo da cabeça.

Nenhum outro animal tem uma «crina» tão comprida, mesmo em cativeiro, de tal maneira que esta cabeleira não pode explicar-se pelos processos clássicos da evolução terrestre.

Notemos que hoje em dia, na Terra, pouca gente usa habitualmente uma cobertura na cabeça, o que constitui, geneticamente falando, um factor importante. Contudo, esse factor não teve ainda tempo suficiente, aqui na Terra, para exercer uma acção sobre o homem.

Mas suponhamos que os nossos antepassados de além-espaço tenham vivido durante inúmeras gerações noutros planetas longínquos! Vemos imediatamente que o uso habitual de vestuário causaria, com o tempo, o aumento de uma pilosidade superabundante na cabeça.

Propomos então a hipótese que consiste em termos recebido aquela característica graças a uma tecnologia biológica altamente desenvolvida, trazida do espaço pelos nossos antepassados, que a utilizaram para misturar genes, a fim de hibridarem completamente o homem primitivo na Terra.

Passemos agora a uma outra particularidade física do homem, a da repartição anormal da sua pilosidade corporal. O sistema piloso do homem é, com grande surpresa, o mesmo dos mamíferos que vivem no mar!

O homem, que é tido como parente próximo de todos os mamíferos terrestres vivos, não tem o sistema piloso desses animais! Em vez disso, tem o do otário e da morsa. Como explicar esta singularidade?

Para tal, e igualmente segundo a teoria do homem híbrido, devemos evocar a lenda de Beroso, onde aparece uma criatura semelhante a um golfinho, com duas cabeças... uma por cima da outra.

Esta criatura, em que uma das cabeças era humana e a outra de golfinho, tinha por hábito vir para a margem falar com os habitantes das costas do golfo Pérsico, há cerca de

cinco mil anos. E ensinou-lhes as técnicas da agricultura, do trabalho do metal e da madeira, do governo e outras artes.

Se esta lenda tem um fundo de verdade, não teriam sido igualmente possíveis visitas muito mais antigas? E que das mesmas tenha resultado a transmissão desse sistema piloso aquático que permaneceu para perturbar um pouco o sono dos nossos distintos antropólogos?

Consideremos agora este mistério: por que razão, entre todos os primatas, só a fêmea humana possui permanente — e muito agradavelmente — seios desenvolvidos, durante toda a vida adulta, a partir da puberdade? Se os nossos antepassados de além-espaço evoluíram, como parece agora provável, durante vários milhões de anos, a selecção natural teria gradualmente, *muito gradualmente*, favorecido em particular as fêmeas que eram mais atraentes para os machos, processo que, em boa verdade, opera por vezes hoje em dia.

Dizemos, portanto, que tudo isto se passou há inúmeros anos, em planetas talvez agora completamente desertos e que nós, humanos, somos os herdeiros desses benefícios, desses índices mudos que vieram das estrelas.

Falemos agora da caixa craniana do homem, de volume surpreendente, inesperado, e suponhamos que tenham existido, durante várias gerações, seres humanos grotescos, de transição, com crânios com o aspecto de terem sido *enxertados*... Na realidade, uma estátua de um homem primitivo de Cro-Magnon *mostra exactamente isso*!

Passemos, igualmente, à marcha peculiar à espécie humana, em posição vertical, que é a sua imagem de marca! Caminhamos sem asas nem cauda; *nenhum outro mamífero tem esta marcha estranha*. Contudo, ela esteve *sempre* ao seu alcance.

Porque acontece então que o homem, e *só o homem*, evoluiu desta maneira?

Adiantamos, aqui, que esta superioridade notória e única da marcha em posição vertical *não pode* ser resultado da evolução na Terra! Os primatas tiveram de igual modo o tempo

suficiente para adquirirem por si próprios a mesma maneira de andar.

Talvez esta característica tenha sido lentamente adquirida pelos nossos antepassados, em planetas longínquos, no decurso de mais longos, muito mais longos, períodos de tempo do que aqueles que os primatas viveram na Terra, para mais tarde se tornar nossa por hibridez.

E o mesmo se diga em relação à palavra — esse dom de Deus (ou dos «deuses», segundo Erich von Däniken?).

Deixemos agora esta longa lista das estranhas particularidades físicas do homem e passemos ao domínio das suas particularidades intelectuais. *Nunca nenhum animal evidenciou um génio como o de Albert Einstein* — e este fenómeno continua por explicar.

Mas podemos desvendar facilmente tal mistério dizendo que o homem da Terra é, sem o saber, um híbrido, cujos antepassados eram extraordinariamente inteligentes!

Podemos sustentar, *muito cientificamente*, que existem no universo inteligências notáveis e que as mesmas se encontram *milhões* de anos avançadas em relação ao homem da Terra, em aspectos por vezes ainda totalmente insuspeitáveis daquele que passa a vida a sonhar, meio adormecido.

Suponhamos que somos híbridos, com antepassados de génio. Então genes de génio *podem existir* em todos nós, humanos; somente, não temos nem consciência nem conhecimento do génio latente, deslumbrante, que vive connosco, aguardando apenas que nos dêmos conta do potencial de transcendência que reside no homem!

Falando agora de genética, tudo deve *precisamente* convergir para a eclosão do génio sobre a Terra. E assinale-se de novo, aqui, como explicámos muito *tranquilamente* o inexplicável, como a demonstração avançou com tanta facilidade, como a nossa síntese ganha força!

Passemos às particularidades culturais do homem e vejamos como somos *diferentes*!

Somos *tão diferentes que batemos todos os outros animais da Terra ao irmos à Lua! Há já alguns anos.*

Nenhum outro animal utilizou *alguma vez* o fogo.

Nenhum outro animal usou a roda... nem utensílios de pedra.

Nenhum outro animal transmite por meio de escritos, *sejam de que natureza forem*, preciosos conhecimentos acumulados.

Nenhum outro animal cultiva a terra.

Nenhum outro animal trabalha os metais.

Nenhum outro animal mostrou, que o saibamos, qualquer notável mudança cultural na sua história recente.

Nenhum outro animal mata, tão selvaticamente e em massa, o seu semelhante.

Tudo isto são índices mudos que mostram infalivelmente como o homem é tão incrivelmente diferente de todos os outros animais terrestres.

Todos estes índices mudos se dirigem igualmente para as sombras do passado pré-histórico do homem e para as tecnologias cientificamente avançadas dos nossos supostos antepassados.

E nós avançamos a hipótese de que esses antepassados adquiriram tais tecnologias, maravilhosamente avançadas, noutros mundos, há muito tempo, mesmo antes de existir na Terra qualquer civilização.

Há ainda o mistério da *palavra humana*: por que motivo *se torna ele sempre mais complexo quanto mais distante remontamos no tempo... porquê?*

Haverá uma longínqua possibilidade de que a *palavra* nos tenha sido *dada* há muito tempo? E que isso explique o nosso falar desvirtuado de hoje? E por que razão os antigos gregos, palestinianos, egípcios e *outros* consideravam a palavra como «um dom dos deuses»?

Deveríamos agora referir o mistério que envolve a doença conhecida em medicina por *esquizofrenia.*

Nenhum outro animal terrestre sofre desta doença mental,

embora ela possa ser provocada por poderosas drogas em certas espécies de aranhas.

Esquizofrenia significa «espírito dividido em dois»... O que nós não dizemos é que o homem é, sem o saber, um híbrido cujo espírito — *é possível pensá-lo* — provém de dois planetas..., de duas civilizações.

Poderiam então os esquizofrénicos ser perfeitamente «hibridados»... ou deveríamos dizer «imperfeitamente *homogenificados*»? (Dizem-nos que a expressão *Homo sapiens*, em latim, designa o homem «imperfeitamente *homogenificado*». Seria talvez preferível como terminologia!)

Uma outra particularidade cultural é que *só o homem* experimenta, por vezes, *um inexplicável declínio cultural*, como o desastroso declínio da civilização grega.

Esta estranha degradação, verdadeiro mistério do homem, pode ser facilmente explicada se dissermos que o homem *é* um híbrido, pois, sendo assim, a civilização pode ser considerada como uma *autêntica construção* de híbridos, inconscientes da sua natureza... E que sofreu da mesma degradação dos caracteres transmitidos, igual à que sofrem, na Terra, as nossas próprias plantas híbridas... O célebre monge Gregor Mendel verificou, há muito tempo, no seu jardim esta asserção.

Pois sabemos que todas as grandes civilizações de que possuímos hoje vestígios foram precedidas de um enorme «encontro» de raças, vindas de toda a parte! E, passado o seu tempo, todas aquelas civilizações começaram pouco a pouco a desaparecer por entre a poeira das épocas esquecidas.

Vemos assim que a civilização e o seu inexplicável declínio podem ser mais uma excelente prova de que o homem foi «hibridado» há muito, muito tempo, por visitantes que vinham, possivelmente, muitas vezes à Terra — movidos pelas *melhores intenções*.

Passemos agora ao nosso quarto índice mudo. E aqui consintam-me a seguinte pergunta: «Por que razão evoluiu o

homem, e apenas o homem, muito rapidamente durante os últimos oito milhões de anos?»

Porquê o homem, e somente o homem, quando tinham a mesma possibilidade de evoluir rapidamente quatro mil espécies animais conhecidas?

Claro que nos é fácil dar uma explicação: o homem foi talvez «hibridado» por extraterrestres.

Deixemos esta prova verdadeiramente extraordinária da «hibridação» possível do homem e passemos ao quinto índice mudo: o incrivelmente estreito ponto de vista do homem.

Para o explicar, citemos uma velha e maravilhosa oração indiana: «Ó Grande Espírito, nunca me deixes julgar um homem sem primeiro ter caminhado mais de um quilómetro com os seus sapatos...» Adaptemos esta oração: «Nunca nos deixes ter demasiada certeza a respeito do homem sem antes termos visitado uma dúzia de planetas!»

O que queremos dizer, ao falar do *ponto de vista muito estreito*..., é que nunca tivemos, até hoje, um único contacto extraterrestre. Sinceramente, trabalhamos com uma verdadeira ausência de informações!... *Nunca encontramos os vizinhos*... e, quando tal acontecer, como diabo podemos saber *o que quer que seja*?

Chegamos finalmente ao sexto índice mudo, particularmente apaixonante: as estranhas singularidades sexuais do homem em comparação com os outros primatas e os outros animais... Nenhum outro animal *se entrega tão frequente e tão intensamente ao amor como o homem.* Nenhuma outra fêmea animal experimenta plenamente o prazer do orgasmo. Nenhum outro primata tem um pénis tão desenvolvido como o homem. O homem é *o único* animal terrestre que não possui, *em parte alguma, qualquer baculum* (osso que reforça o pénis). Como pode a natureza ser tão incrivelmente caprichosa nas suas preferências evolutivas? Como pôde ela superdotar uma e *apenas uma* criatura isoladamente?

Como pôde ela munir o homem de um cérebro supereficaz e não reforçar o seu pénis com um osso? Quando todos os

seres vivos da Terra dispuseram do mesmo tempo para adquirir todas estas coisas!

Pois bem, nós afirmamos que não decorreu na Terra tempo suficiente para isso. Foi talvez noutros planetas, no decurso de períodos muito, muito longos, que esses prodigiosos atributos pouco a pouco se desenvolveram.

O homem é o herdeiro de coisas maravilhosas, e começamos hoje a tomar consciência das suas exaltantes implicações. Parecemos estar hoje colocados perante um imenso desconhecido que o espírito do homem ainda não mediu.

Estamos, *talvez*, em vésperas de revelações jamais conhecidas na História.

Talvez possamos em breve saber que somos apenas uma parte minúscula de uma grandiosa família de seres humanos que se estende até à mais longínqua estrela.

Se assim for, é com alegria e felicidade que descobriremos que não somos apenas cidadãos de um mundo, mas do imenso e maravilhoso universo.

Fiquemos por aqui nas nossas reflexões.

É a humanidade filha das estrelas?

10

TÉCNICAS AVANÇADAS PROVENIENTES DO PASSADO

POR JACQUES BERGIER

Nascido a 18 de Agosto de 1912, em Odessa. Engenheiro, físico e químico, possui trabalhos sobre a água pesada, feixes radiactivos, construção de reactores nucleares, etc. Autor de numerosas obras, algumas das quais em colaboração com Louis Pauwels, como O Despertar dos Mágicos.

TRÊS teorias procuram explicar a presença, no passado longínquo, de tecnologias de nível muito avançado. Sem entrar em pormenores, limitar-me-ei a recordá-las:

1. A Terra foi visitada no passado por seres inteligentes vindos das estrelas. Numerosos investigadores interessam-se por esta teoria, como o prova o presente trabalho.

2. Floresceram na Terra, no passado, civilizações avançadas que se destruíram a si próprias. Esta teoria é defendida pelos tradicionalistas.

3. A terceira teoria absorveu toda a vida do filósofo francês René Guénon. Segundo ela, as leis da natureza variaram num passado tão recente como o ano 1000 da nossa era. Esta teoria tem muito a seu favor. Guénon denominou-a «cristalização».

São os seguintes os factos que ponho à vossa consideração:
— a alquimia;
— a utilização da forma e da direcção para produção de energia;
— as drogas provenientes das antigas civilizações;
— a óptica psicológica.

Esta é apenas uma selecção extraída de uma massa muito maior de factos pertinentes.

A ALQUIMIA

Experiências recentes feitas pelo Dr. Novak, na Checoslováquia, e por mim próprio provaram cabalmente a realidade da alquimia. Utilizando um catalisador que descrevi em *O Despertar dos Mágicos*, conseguimos transformar sódio em berílio. Isto é muito importante: o berílio é o elemento principal que entra na constituição da esmeralda. O documento fundamental da alquimia é a «Tábua de Esmeralda». Esta designação críptica significa que o sódio pode transformar-se em berílio. É a primeira vez, no nosso ciclo civilizacional, que tal designação é explicada.

Começamos a compreender o mecanismo da alquimia. Desde 1960, experiências feitas nos Estados Unidos mostraram que os invólucros exteriores de energia electrónica podem ter uma acção sobre o núcleo do átomo e que, assim, uma reacção química pode produzir transmutações. Isso resulta da mecânica ondulatória: os electrões não estão localizados no espaço e, em certo sentido, estão dentro do núcleo.

O problema mantém-se: como sabiam os Antigos isso? Não encontro resposta para esta pergunta. Dois cientistas canadianos, Jacques Carles e Michel Granger, crêem que a alquimia é de origem extraterrestre [1].

[1] *L'Alchimie, superscience extraterrestre*, por Jacques CARLES e Michel GRANGER, Albin Michel, 1972.

A UTILIZAÇÃO DA FORMA E DA DIRECÇÃO PARA PRODUÇÃO DE ENERGIA

Os Antigos sabiam que o simples arranjo de certas matérias, segundo certas formas, podia produzir energia. Isto acha-se descrito em centenas de documentos que referem conhecimentos antigos.

Descobrimos dois exemplos disso.

O primeiro é a pilha atómica. Conjugando, segundo uma forma geométrica precisa, barras de urânio e grafite, produz-se energia atómica. E, simultaneamente, verificam-se transmutações, isto é, reacções em cadeia do urânio. Sem qualquer necessidade de electricidade. Na prática, a electricidade só é usada para comando da pilha, e podem dar-se reacções em cadeia sem a sua intervenção.

O segundo exemplo é o do dispositivo em pirâmide, muito conhecido.

Dispondo qualquer material em forma de pirâmide, observam-se no seu interior efeitos muito estranhos. Os alimentos conservam-se indefinidamente, as lâminas de barba afiam-se, o sangue separa-se em dois fluidos, que, até hoje, não puderam ser analisados.

Outros resultados, muito curiosos, foram obtidos na Checoslováquia. Talhando diferentes ligas de metais em formas especiais, principalmente em anéis-sanduíches, produz-se energia eléctrica, que não tem origem aparentemente em parte nenhuma.

Noutras experiências feitas no Canadá, a corrente eléctrica, emitida em espirais de formas especiais, aparentemente perde-se. Há aqui um domínio ignorado da ciência e da tecnologia.

Ignorado por nós mas não pelos Antigos. Na Suíça, um místico que trabalhou sob o pseudónimo de Enel mostrou que esta tecnologia da forma era conhecida dos Egípcios e das civilizações que os precederam. Experiências recentes, em

França, mostraram que esses dispositivos de forma podem produzir não apenas electricidade mas também radiactividade. É uma ciência completamente nova, a que eu chamaria «alfisia», por analogia à «alquimia».

A este respeito, os Antigos estavam nitidamente muito mais avançados do que nós. Não tiveram qualquer crise de energia, mesmo ao edificarem megálitos.

AS DROGAS PROVENIENTES DAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

Do ponto de vista financeiro, este assunto é muito importante. A pílula para controle da natalidade, os tranquilizantes, os estimulantes psíquicos, são produtos que custam muito dinheiro, digamos centenas de milhões de francos. E aqui não há qualquer dúvida de que tais medicamentos vêm de civilizações antigas.

Os estimulantes psíquicos à base de efedrina derivam da droga chinesa chamada *Ma-huang*.

As pílulas para controle da natalidade derivam dos conhecimentos mágicos das velhas civilizações da América do Norte, conservadas pelos Peles-Vermelhas. Os tranquilizantes com base na reserpina derivam da sabedoria hindu.

Sabe-se que milhões de francos são gastos com a investigação nessas antigas tradições, com resultados importantes.

De África vêm-nos novos produtos para o controle da natalidade, nomeadamente a pílula para homens, um antídoto contra o veneno da serpente e um profiláctico contra a diabetes. Da América do Sul vem-nos uma droga telepática, actualmente em estudo na Suíça.

De quando datam todas estas drogas?

Pelo menos de há cinco mil anos, senão mais.

Diz-se que o *Ma-huang* foi introduzido na China há dez mil anos, pelos imperadores imortais. Segundo o calendário

de Sírio, das tribos *dogons* do Mali [1], as antigas civilizações de África floresceram há quinze mil anos.

Certas drogas ainda hoje em uso em África compõem-se de extractos de plantas e produtos químicos, que, evidentemente, não são obra de selvagens de espírito fruste que praticam a colheita de plantas. Algumas dessas plantas ressuscitam realmente os mortos, como recentemente pôde observar o jornalista francês Jacques Lantier.

É do conhecimento geral que em farmacologia estamos atrasados em relação a outras civilizações. Julga-se também que na África, na China e na América do Sul apenas subsistem vestígios dos antigos conhecimentos. As investigações estão em curso e podemos em breve aguardar importantes revelações.

A ÓPTICA PSICOLÓGICA

O último assunto de que vou falar diz respeito às pacientes investigações do Prof. C. Daly King, infelizmente já desaparecido.

Em psicologia, o Prof. King era uma autoridade em matéria de medidas. Foi autor, em colaboração com o Prof. Marston, da obra clássica *Integrative Psychology*, utilizada em numerosas universidades americanas. O Prof. King, longe de ser um sábio de vistas estreitas, tinha concepções muito amplas, das quais saiu a sua obra, muito conhecida. *The States of Human Conscience*.

Através de contactos pessoais com arqueólogos não conformistas que trabalhavam no Egipto, o Prof. King conseguiu descobrir a natureza da cerimónia de iniciação tal como era praticada pelos sacerdotes egípcios.

[1] Cf. *Le Renard pâle*, de Marcel GRIAULE e Germaine DIETERLER e *The Sirius Mystery*, de Robert K. TEMPLE. Ed. Musée de l'Homme.

Esta cerimónia lançava mão de uma ciência que nos é desconhecida: a óptica psicológica.

Segundo ela, era possível polir um espelho de tal modo que este reflectia o espírito interior, a psicologia profunda do rosto. Apenas os defeitos, as tensões, os desejos e os temores apareciam no espelho.

Acontecia frequentemente que esta visão eliminava o candidato à iniciação. Quando ele era na realidade idóneo, nada surgia no espelho. Tal iniciado era designado «Mestre do puro espelho». Estes Mestres do puro espelho eram muito raros. Eram eles que regiam o clero no Egipto antigo.

Ora, o que há nesta óptica psicológica de vivamente interessante é que ela está de tal maneira acima da nossa ciência e da nossa tecnologia que, mesmo conseguindo representar a ideia, somos incapazes de a realizar. O polimento dos espelhos fez importantes progressos depois da invenção do aparelho a *laser*. Os espelhos fabricados em França e colocados na superfície da Lua pelos foguetões americanos e russos são muito aperfeiçoados. No entanto, a concretização de um espelho psicológico continua fora do nosso alcance.

Podia citar muitos outros exemplos. Mas espero ter demonstrado suficientemente que houve no passado longínquo tecnologias de um nível muito elevado.

Um facto novo veio mesmo juntar-se a este caso do espelho psicológico. Tive conhecimento dele, em Janeiro de 1977, através de uma obra intitulada *Whispers from Space*[1] («Sussurros no Espaço»), do Prof. John W. Macvey, um dos raros astrónomos modernos que possuem um laboratório privado.

O facto narrado pelo Prof. Macvey é de grande interesse. Quando dispunham peças no Museu do Cairo, algumas pessoas aperceberam-se de que um espelho de cobre egípcio, datando da III dinastia, projectava nas paredes um espectro muito fino de luz. E verificaram, ao examiná-lo, que o espelho se achava coberto de uma rede de difracção extremamente apertada, da ordem das cinco mil linhas por centímetro.

[1] *Paladin*, ed., Londres.

À primeira vista, este instrumento é paradoxal e desconcertante. O Prof. Macvey pensa que os Egípcios não podiam dispor de uma máquina capaz de traçar esta rede de difracção. Além disso, os egípcios de 2500 a. C. não conheciam a natureza ondulatória da luz e não podiam, portanto, conceber uma tal rede.

Ele admite, assim, a ideia de um objecto trazido de qualquer outro sítio, de um outro planeta, ou talvez de uma outra época temporal. Permitimo-nos discordar do Prof. Macvey, de quem não pomos em causa a elevada qualificação científica. Simplesmente, não está ao corrente dos trabalhos de C. Daly King.

Trata-se de mais um exemplo do isolamento excessivo em matéria científica. King é um sábio tão autorizado e tão sério como Macvey, mas noutro domínio — o da psicologia. E no nosso ciclo civilizacional há pouca ligação entre a óptica e a psicologia.

Um R. L. Gregory, autor de *L'Oeil et le Cerveau — La psychologie de vision*[1], teria provavelmente reconhecido tal ligação, mas Macvey não a reconheceu.

Em nossa opinião, os Egípcios conheciam melhor do que nós a natureza da luz.

Presentemente, não admitimos qualquer ligação entre a luz e o espírito. Contudo, experiências de fotografias do pensamento, onde um indivíduo dotado imprime imagens mentais numa película pela simples força do espírito (caso de Ted Serios), mostram que tal ligação existe.

Os Egípcios parecem tê-la conhecido e o espelho encontrado no Cairo deve representar uma etapa do fabrico dos espelhos psicológicos.

Achamo-nos, pois, perante uma ciência totalmente inédita: a óptica psicológica. Ela vai ao encontro das ideias de René

[1] Na colecção internacional «L'Univers des Connaissances», Hachette, ed.

Guénon, que julgava saber, de fonte iniciática, que a grande civilização que nos teria precedido, e que se destruiu a si própria, tinha um sistema de castas de onde teria derivado o sistema indiano.

Entre estas castas havia sempre, segundo Guénon, uma casta de arquitectos e outra de artífices sagrados. Conhecemos algumas dessas artes sagradas: a alquimia, a astrologia, a medicina e a arquitectura «tradicionais». Estas artes não têm bases científicas, no nosso sentido. Fundam-se unicamente na experiência e numa longa prática, sem qualquer recurso a teorias lógicas.

Contudo, também existia nessa grande civilização uma casta de sábios. Mas, segundo Guénon, esses sábios ocupavam-se de ciências de que nós não fazemos a menor ideia. Não conhecemos mesmo os assuntos que elas versavam.

A existência, entre os Egípcios, de uma ciência completamente desconhecida de nós — a óptica psicológica — tenderia a confirmar as ideias de René Guénon [1].

Havia entre estas misteriosas ciências as que estudavam o cosmo? Teriam elas permitido estabelecer uma comunicação com os Extraterrestres?

Nada disto está excluído, e existiria aí um traço muito interessante entre a tradição e a teoria dos Antigos Astronautas, dos visitantes extraterrestres que teriam vindo, num passado longínquo, trazer a sua civilização ao nosso planeta.

[1] Cf. o artigo de J. Bergier em *Question de*, n.º 1.

QUARTA PARTE

OS VESTÍGIOS DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

11

CIVILIZAÇÕES «SEM RAÍZES»

Por HANS SCHINDLER BELLAMY

Nascido a 29 de Março de 1901, em Viena de Áustria. Professor de linguística em Viena e de arqueologia pré-inca em Sucre, na Bolívia. Escavações no Peru, na Bolívia e em Israel (Jerusalém). Vive em Viena. Autor de numerosas obras filosóficas, mitológicas e arqueológicas.

TALVEZ o mais misterioso e certamente mais perturbador problema da arqueologia seja o da origem de numerosas das mais remotas civilizações do passado — e de algumas do presente.

Essas civilizações «sem raízes» têm muitos traços e características comuns. Parecem ter surgido «abruptamente», em pleno florescimento, nos lugares onde hoje encontramos os seus vestígios, muitas vezes verdadeiramente assombrosos. Estes lugares ficam geralmente situados em regiões do mundo muito elevadas. São hoje quase sempre desérticos, embora se julgue que, aquando do seu esplendor, ali houvesse um clima ameno e flora e fauna abundantes.

Durante o período relativamente «breve» em que foram florescentes, estas civilizações mostram, em geral, poucas transformações. Parecem ter terminado tão repentinamente como surgiram, não através de qualquer acção inimiga, mas devido

a alguma catástrofe ou cataclismo de grandes proporções (talvez mundial). Em consequência disso, foram poucos os sobreviventes destas civilizações remotas, e, talvez por essa mesma razão, quase totalmente desprovidas de capacidade intelectual e técnica para continuarem ou reconstituírem a civilização perdida; razão por que estas tentativas, a maior parte das vezes sem valor, são geralmente qualificadas de «tardias» ou «decadentes».

Apenas mencionarei algumas das mais antigas civilizações «sem raízes», que encontramos aqui e além, pelo mundo — sem entrar, de momento, em pormenores — e cuja presença é provada por restos prodigiosamente originais, ou pelos sinais «decadentes» deixados pelos seus descendentes ou por ambos. Temos, por exemplo, a extraordinária civilização antiga do Tibete, praticamente diluída pela superabundância de posteriores contributos «religiosos» estrangeiros, a(s) cultura(s) pré-inca(s) dos Altos Andes, principalmente no Peru e na Bolívia, e as antigas culturas pré-asteca, tolteca, etc., dos altos planaltos mexicanos.

A estranha, para não dizer enigmática, civilização maia, pelo menos como a conhecemos, não é, aparentemente, originária de regiões altas, mostrando por isso e, por outros motivos, semelhança com as origens da civilização egípcia. Deve, no entanto, ser igualmente mencionada como tratando-se, sob todos os pontos de vista, de uma civilização absolutamente «sem raízes».

Mas falarei sobretudo da única civilização sem raízes que, não se sabe por que razão, permaneceu até hoje mais ou menos desconhecida e obscura.

Debrucei-me especialmente, durante os últimos trinta e tal anos, sobre os problemas relacionados com a civilização de Tiahuanaco, cujos vestígios, verdadeiramente extraordinários, se encontram junto do lago Titicaca, na Bolívia, a mais de três mil e oitocentos metros de altitude.

O imenso campo de ruínas cobre vários hectares. As construções são do tipo megalítico, de enormes blocos admiravel-

mente esquadriados, de uma pedra de dureza quase vidrosa (andesite), pesando até duzentas toneladas e unidas sem argamassa. As portas e janelas são escavadas em grandes blocos monolíticos. Não tendo sido encontrado nas redondezas qualquer objecto adequado, permanece incompreensível o modo como estas pedras puderam ser talhadas com tal perfeição. Vários edifícios (provavelmente «templos» ou outros locais de reunião das multidões) estão construídos com enorme perfeição, o que ainda hoje, apesar de todos os nossos teodolitos e demais instrumentos topográficos, seria para nós tarefa delicada.

Como foram transportados estes enormes blocos — uma vez que a roda era ainda desconhecida — continua a ser um outro enigma. Por que razão foram estes vastos locais de reunião construídos ali, onde hoje em dia a população que vive na zona mal enche a pequena igreja? Não o sabemos.

Nestes pontos elevados e frios, as colheitas são fracas e a vida, no ar rarefeito, é dura. O mundo dos antigos tiahuanacas deve ter sido, sob todos os aspectos, muito diferente. Principalmente, mais quente e com melhores condições climatéricas. Devem ter existido árvores e uma abundante e variada vegetação. A latitude de Tiahuanaco é subtropical. Além disso, segundo os vestígios ali existentes, somos levados a pensar que Tiahuanaco deve ter sido, noutros tempos, uma cidade portuária, enquanto hoje, a margem do lago Titicaca, coberta de lodo e canas, fica a cerca de vinte e cinco quilómetros de distância.

Os monumentos arqueológicos mais importantes de Tiahuanaco são a chamada «Porta do Sol» e as grandes estátuas monolíticas. A fachada da primeira está incrustada com glifos notáveis, soberba e impecavelmente executados, e as estátuas estão-no igualmente, cobrindo toda a sua área.

O meu colaborador Petter Allan, já falecido, e eu próprio, ao considerarmos estes glifos como «inscrições» cronográficas, julgamos ter conseguido fazê-las «falar» e revelar os seus segredos — depois das tentativas de numerosos outros sábios, que

a nada conduziram. Estes admiráveis glifos gravados em baixo-relevo são a única forma de «escrita» jamais descoberta em toda a América do Sul — e até na América do Norte —, onde só as inscrições maias se assemelham um pouco, e têm igualmente sido submetidas a interpretações cronográficas, embora de género diferente.

Os glifos cronográficos da Porta do Sol e das estátuas monolíticas de Tiahuanaco fornecem uma surpreendente visão de um mundo longínquo, muito diferente do nosso mundo de hoje. É-me infelizmente impossível entrar aqui em pormenores, dada a natureza um pouco complexa do assunto. Limito-me a remeter os que se interessarem por aquela difícil decifração para a minha obra, de colaboração com Peter Allan, *The Calendar of Tiahuanaco.*

A civilização de Tiahuanaco, que surgiu tão abruptamente no mundo, num estádio extremamente elevado de perfeição, terminou, ao fim de um período relativamente curto, rápida e bruscamente. Isto deveu-se, certamente, a um dilúvio catastrófico, um grande cataclismo de origem cósmica que submergiu a região deste centro de civilização superior. Muito poucos habitantes escaparam, sem mais nada do que a própria vida e, talvez, algumas noções de técnica, graças às quais tentaram depois fazer reviver, nos novos *habitats*, certos aspectos da sua civilização perdida. Daí resultaram as diferentes pequenas civilizações locais das terras baixas, caracterizadas pelos estilos ditos «decadentes» de Tiahuanaco, ou tiahuanacóides. A maior parte destas estão muitíssimo afastadas dos estilos «significativos»; os outros não passam de caricaturas sem qualquer significado.

Assim acabou a civilização de Tiahuanaco.

Mas de onde surgiu a espantosa civilização de Tiahuanaco? Como nunca se descobriram, em parte alguma, formas «primitivas» — podem, bem entendido, ter sido completamente destruídas por um cataclismo —, mesmo um arqueólogo bastante prudente e ortodoxo se sente terrivelmente tentado a seguir a teoria audaciosa mas imensamente profícua de Von

Däniken, segundo a qual as civilizações remotas teriam sido introduzidas na Terra pelos Extraterrestres, os Antigos Astronautas. A ideia parece-me merecer reflexão, e todos os argumentos a favor e contra deveriam ser minuciosa e seriamente ponderados e examinados. Esta maneira de agir não deveria ser encarada como uma maneira fácil de sair de um beco sem saída — mas como uma solução realmente possível daquilo que, de outro modo, continua a ser um dos maiores enigmas da arqueologia.

Postscriptum: Durante uma recente viagem de investigação às regiões altas da Bolívia por um grupo de seguidores de Däniken, entre os quais Josef Blumrich, da NASA, foram descobertos inúmeros dispositivos muito curiosos, que, a terem algum significado, provariam que dali foram lançadas naves espaciais.

12

A FORÇA DO PASSADO

PELO DR. FREDE MELHEDEGAARD

Nascido em Copenhaga a 25 de Março de 1919. Investigador e futurologista, orgulhoso dos seus quinze netos. Criador, na Dinamarca, do Instituto Tutankhamon. Consagra-se, desde 1969, a pesquisas sobre as técnicas esquecidas de antigas civilizações. Publicou diversas obras, entre as quais O Despertar de Tutankhamon, *que contém um quadro espantoso de símbolos tecnológicos muito antigos.*

QUANDO se pretende contar um conto de fadas, deve começar-se pelas palavras sacramentais: «Era uma vez...»

A história do homem, neste planeta, através das épocas, é um enorme conto de fadas.

Era uma vez... uma estranha criatura que vivia ao mesmo nível de todos os outros animais selvagens. Durante milhares e milhares de anos, esta criatura viveu satisfeita, vagabundeando, comendo, bebendo e dormindo, sem qualquer outra finalidade.

As teorias de Darwin sobre a origem das espécies ainda não foram refutadas. Contudo, há cerca de dez mil anos, alguma coisa aconteceu à raça humana da Terra — alguma

coisa que ninguém consegue conciliar com as teorias de Darwin [1].

Subitamente, em relação às centenas de milhares de anos passados a nível da natureza, produziu-se uma mudança radical na maneira humana de viver. Saindo do pesadelo de uma vida errante, com iguais condições para todos, isto é, comer e ser comido, o homem tornou-se o conquistador da natureza.

Fixa-se em lugares onde a terra pode ser cultivada, faz de certos animais seus escravos e lança-se numa série de actos que consideraríamos como reflectidos e inteligentes. A alegria de ser diferente dos outros animais é tão grande que nada lhe parece impossível nas tarefas que empreende.

Estas vão desde a moldagem do barro, a tecelagem e o fabrico de aparelhos de pesca e caça, utilizando diversos instrumentos, até aos meios de transporte, como a roda, o remo e a vela. E, mais particularmente, ataca a pedra bruta e transforma-a em enormes monumentos, para os quais nem a forma nem a decoração constituem dificuldade.

Como que embriagado, o homem dispôs dos blocos de pedra de uma maneira aparentemente tão despreocupada, que o espectador do século XX sente-se inferior e preguiçoso em comparação com os seus predecessores.

Há, felizmente em número crescente, muitas pessoas que não permanecem agarradas à explicação que até aqui tem sido dada do passado, e que tem construído o fundamento do seu ensino. Felizmente que através de toda a civilização humana houve cépticos que não aceitaram como facto assente tudo o que se lhes dizia em relação ao passado.

Foi assim que me cruzei, em Maio de 1969, com uma obra intitulada *Forsvunden Teknik* («Técnicas Perdidas»), escrita pelo autor sueco Henry Kjellson. Li este livro três vezes seguidas e devo dizer que é profundamente lamentável que o mesmo se não ache traduzido em várias línguas.

Mas quem era Henry Kjellson?

---

[1] Cf. supra, capítulo 9.

Depois de ter tirado o curso de engenharia, especializou-se muito cedo em aerodinâmica e foi um precursor da construção de aviões com asa em delta.

Aos trinta anos é professor de técnica aeronáutica e, alguns anos mais tarde, nomeado director da Escola Real Superior de Tecnologia, de Estocolmo.

Foi ele quem lançou a produção de aviões nas fábricas Saab e quem desenvolveu, com a sua equipa, os aviões hoje conhecidos por *Draken* e *Viggen*.

Em 1944, uma *V 1* alemã caíra, por engano, no Sul da Suécia, onde explodiu em milhares de bocados. Henry Kjellson conseguiu reconstituir esta nova arma e enviou os planos completos para o quartel-general das forças aliadas, em Londres. Recebeu por isso a Ordem do Império Britânico, uma das mais altas condecorações inglesas.

Poucos dos seus amigos sabiam que ele se entregava, nas horas vagas, a investigações sobre o passado e seus acontecimentos, considerados à luz da nossa evolução tecnológica. Escreveu a obra já citada e mais tarde uma outra, *Fortidens Teknik* («Técnica do Passado»), baseada em três anos de viagens e de investigações no Egipto, Índia e Tibete. Declarava explicitamente nas suas obras que as construções gigantescas do passado não poderiam ter sido edificadas sem o recurso a técnicas muito avançadas e que era certo que tanto os hieróglifos, as inscrições cuneiformes, como a Bíblia se achavam falsamente interpretadas, pelo facto, entre outros, de os seus tradutores, através dos séculos, não estarem tecnicamente amadurecidos nem tecnicamente orientados.

Diga-se de passagem que, quando um técnico avançado, do calibre de Kjellson, liga o seu nome a declarações científicas e apoiadas em argumentos convincentes, sustentando que o passado de que até agora nos temos ocupado é caracterizado mais pela sua tecnologia do que pelo seu «primitivismo», caberia aos demais sábios ouvirem as suas palavras com outro interesse. Mas tal não se verifica.

O Prof. Kjellson morreu em 1961, reconhecido na verdade

como um consagrado pioneiro no sector da aviação, mas ninguém lhe dispensou a consideração devida pelo seu verdadeiro trabalho de decifrador no domínio do passado.

Para compreender o meu sentimento, depois de ter tido esta revelação, feita por um grande especialista das técnicas, de uma tecnologia altamente desenvolvida há milhares de anos, é preciso ter lido os seus livros.

Numa linguagem científica acessível, M. Kjellson descreve como monges tibetanos levantam pedras com o peso de duas toneladas, desde o solo até uma plataforma rochosa situada duzentos e cinquenta metros acima, por meio do som produzido por instrumentos de sopro especiais.

Revela que, com o auxílio de contadores Geiger, uma intensa radiactividade remanescente pode ser medida nos diversos sítios por onde passou a Arca da Aliança da Bíblia. Como também no interior da grande pirâmide de Gizé.

Prova, com numerosas experiências e debates havidos com peritos da pedra, que as asserções dos arqueólogos, segundo as quais os enormes blocos de pedra utilizados, por exemplo, na construção das pirâmides teriam sido obtidos por meio de cunhas de madeira húmidas, não só não são plausíveis como revelam uma total impossibilidade de serem verdadeiras.

Dá uma pormenorizada descrição da máquina de Anticitera, achada no Mediterrâneo em 1901, por mergulhadores, e que data de há dois mil anos [1]. Assinala os traços de fresagem das engrenagens, provenientes de máquinas, cuja dimensão e forma ainda hoje se não podem imaginar. E sustentando que todos os antigos escritos foram erradamente traduzidos, aponta finalmente os hieróglifos egípcios, declarando nitidamente que esta linguagem ideográfica, a julgar pelos seus longos estudos técnicos, se acha relacionada com planos de construção de aparelhos e equipamentos eléctricos.

Em razão de tudo isto, posso hoje categoricamente dizer

[1] Cf. supra, capítulo 3.

que as anteriores explicações dos surpreendentes empreendimentos dos nossos predecessores não se acham de acordo com o que realmente se passou.

O facto que originou a súbita mudança da actividade do homem baseou-se numa tecnologia avançada, altamente desenvolvida, vinda do espaço e invadindo o nosso planeta.

Vou mostrá-lo através de uma série de testemunhos do passado que revelam claramente a presença dessa tecnologia na criação dos monumentos muito antigos. Após ter examinado muito de perto documentos fotográficos dos centros de civilização da Terra e ter feito comparações exaustivas, estou agora em condições de declarar que, por detrás de todos esses centros de construção, se divisa um plano previamente estabelecido e uma ideia directriz generalizada.

Considerados todos conjuntamente, esses centros de civilização constituem uma biblioteca tecnológica completa!

Tomando como ponto de partida as três pirâmides de Gizé, todos os centros egípcios de civilização tratam do processo de produção da energia eléctrica e do significado deste factor indefinível no futuro progresso do homem.

Desta biblioteca central estendem-se ramificações para a Assíria, onde se fala da utilização da energia em ligação com eixos rotativos.

O monumento a Xerxes, em Persépolis, no Irão, fala dos «suplementos» do braço do homem (que são as máquinas de furar e de fresar), do seu funcionamento, do seu diferencial, da sua conservação e das possibilidades de utilização.

O México fala da utilização da energia para as comunicações. Até agora, identifiquei símbolos da rádio, da televisão, do microfone, do altifalante, dos tons e das notas de música.

Na mesquita de Hagia Sophia (Santa Sofia, em Istambul), na Turquia, a construção de uma nave espacial começa com o princípio do motor a reacção, condição essencial para viajar no espaço, e termina alhures na Índia com a construção do próprio motor. Até agora, o estudo da velocidade de deslocação das naves espaciais, construídas segundo um método

cujos princípios se acham repartidos sistematicamente pelo mundo, indica que ela poderia ser da ordem dos seiscentos mil quilómetros por hora. Sendo assim, uma viagem de ida e volta da Terra à Lua levaria cerca de três horas!

No século v da nossa era, o egípcio Horappolon de Nilópolis escreveu um tratado sobre os hieróglifos (traduzido em inglês: *The Hieroglyphes of Horappolon*, Nova Iorque, 1950) no qual mostra claramente que esses sinais são puros pictogramas utilizando símbolos. Horappolon escreve no prefácio deste tratado que os hieróglifos ensinarão a humanidade a utilizar o Sol, que ajudará então o homem no seu trabalho e lhe fornecerá luz e calor.

Seria difícil dizer em termos mais concisos que é através dos hieróglifos que resolveremos os nossos problemas de energia.

Nunca, desde que o francês J. F. Champollion conseguiu, em 1822, decifrar os hieróglifos da Pedra de Roseta, através do seu texto aparentemente correlativo em grego, ninguém, nos meios científicos oficiais, dispensou o mínimo interesse ao tratado de Horappolon, facto que pode ser a causa do presente *impasse* tecnológico, pelo qual não podemos resolver os nossos problemas de evolução.

Examinemos agora os testemunhos!

Há dois mil e quinhentos anos, instrumentos e máquinas que poderiam ser considerados modernos foram utilizados para trabalhar a pedra bruta no nosso planeta. As fotografias seguintes representam pormenores do monumento a Xerxes, em Persépolis, no Irão (fig. 13).

As rosáceas que figuram neste monumento, e simbolizam o movimento de rotação, foram talhadas com uma fresa do tipo exibido no baixo-relevo. Descobrem-se igualmente as formas usadas para esculpir as doze folhas da rosácea nesses baixos-relevos. Mas se tais figuras foram feitas com o auxílio de instrumentos mecânicos, onde se encontram agora essas máquinas? — perguntam os arqueólogos.

Um dos maiores milagres do nosso progresso tecnológico

foi a invenção desse «suplemento» do braço humano (seu complemento mecânico): a máquina de furar. Os que organizaram as bibliotecas técnicas do passado sabiam que nós, na nossa via tecnológica de evolução, consideraríamos esta máquina um «suplemento» do nosso braço. É a razão pela qual o braço dessa estatueta de ouro é representado de tal maneira. Separado este braço artificial e colocado ao lado de um instrumento mecânico, a semelhança entre os dois torna-se indiscutível (fig. 14).

O Museu Britânico, em Londres, é o feliz proprietário da mesma «perfuradora», apresentada sob uma forma simbólica. Uma máquina perfuradora compõe-se de um «corpo» que encerra a enorme força do touro. Quando o touro utiliza os músculos e trabalha, gera calor. As asas acrescentadas a esta figura devem indicar que é preciso que o ar circule à volta do corpo para o arrefecer, como fazem as aves num dia quente de Verão. Uma perfuradora tem um «pescoço» e uma «cabeça», mas não tem rosto. No cimo da cabeça encontra-se uma «coroa», e verifica-se que tudo isto está exactamente disposto de forma igual à da máquina que inventámos e utilizamos (fig. 15).

Passemos ao Egipto. A dupla coroa real egípcia serve para representar... um anel eléctrico, que oferece toda a segurança às crianças.

Todo o sistema interior é mais aperfeiçoado e mais seguro do que os que usamos hoje (fig. 16), comparado a um modelo internacional de tomada de corrente comum.

Originário do túmulo de Tutankhamon, temos um modelo semelhante com as instruções de montagem e o sentido da corrente (fig. 17).

Quando Edward Carnarvon e Howard Carter, em 1922, abriram o tesouro no vale dos Reis, ninguém suporia que a imagem do faraó pudesse ter capacidade para regular o calor no seu túmulo frio.

Mas se Tutankhamon for dividido nas suas diversas partes elementares, obtêm-se todos os pormenores necessários à cons-

trução de um ferro de soldar ou de um esquentador eléctrico. Tutankhamon é o símbolo de um elemento de aquecimento construído em torno de eléctrodos e do seu funcionamento (fig. 18).

O mesmo sistema é utilizado na preparação de um prato servido num jantar e, como se vê, aprendemos recentemente a usar este método nas nossas cozinhas modernas (fig. 19).

Quando tivermos designado convenientemente todos os símbolos animais do passado, leremos e compreenderemos facilmente os assuntos representados. Quando a electricidade macho e fêmea — positiva e negativa — é ligada a um veículo, este pode mover-se rapidamente, o que dá ao seu condutor uma grande alegria.

Por toda a parte, nas representações do passado, o leão é o símbolo da energia, o boi da força e o cavalo da velocidade.

As famosas cenas de caça no palácio do rei Assurbanipal, em Nínive, antiga capital da Assíria, perto de Mossul, junto do rio Tigre, no Iraque, podem agora ser lidas de uma forma exacta. As rosáceas são o símbolo da rotação. Primeiro, a potência é aplicada ao eixo entre as duas rodas, e, deste modo, ligada à velocidade. Depois, a energia é aplicada da mesma maneira e igualmente ligada à velocidade. Finalmente, a energia exerce-se sobre as rodas, que, como deve notar-se, estão rodeadas de pneumáticos.

E, extraídos todos os símbolos, temos um carro de combate de aspecto moderno (fig. 20).

No México está situado o Templo da Serpente Emplumada. A serpente representa a electricidade; as plumas, a condição essencial para que se verifique a elevação na atmosfera. A serpente emplumada significa a electricidade utilizada para comunicar por via aérea. A decoração do templo (fig. 21) mostrar-nos-ia que esta biblioteca de pedra trata das comunicações e nela se vêem astecas que olham para a televisão ou que têm na mão rádios portáteis. Vê-se também que

estão envolvidos por sons ou tons, indicados por uma espécie de notas de diferentes valores, como uma breve, uma semibreve, uma branca e uma preta.

Que toda esta região é, de facto, o domínio da comunicação atesta-o um baixo-relevo do templo de Palenque (fig. 22). No bico do papagaio situado à direita encontra-se um microfone para mostrar que esta ave é o símbolo deste instrumento. Note-se igualmente o auscultador no lugar da orelha. O papagaio é o símbolo natural do microfone, na medida em que pode falar, cantar, assobiar, imitar todos os sons, e fazê-lo em todas as línguas. E quando emite esses sons, os mesmos podem ser captados pelo ouvido apurado do elefante e transmitidos pela sua fortíssima voz.

Desde os tempos mais antigos que Santa Sofia, em Istambul, foi chamada a «Porta da Ásia». Esta designação tem um significado mais profundo, que só agora que estamos tecnicamente preparados para o compreender pode ser revelado. As imagens que aqui reproduzimos mostram um motivo existente nas faixas que envolvem o tecto da basílica, anteriormente interpretado como uma flor, um vaso ou uma figura decorativa (fig. 23).

A verdade é completamente diferente!

Estas faixas dão uma representação, em banda desenhada, sobre a maneira de transformar a energia de arranque em energia de velocidade. Em suma, a construção de um sistema de propulsão por reacção, muito útil para nos permitir lançar foguetões no espaço.

A figura 24 mostra-nos o mesmo princípio de propulsão por reacção, segundo uma enciclopédia dinamarquesa.

A primeira condição para poder viajar no espaço é possuir o princípio da propulsão por reacção. Santa Sofia tem o aspecto que conhecemos e os velhos textos dizem-nos que um dia o homem exercerá uma pressão tão forte sob a cúpula que esta libertar-se-á do edifício e ajudará o homem a ir ao «Céu». Estranho vaticínio a propósito de uma cúpula

envolvida por quatro modelos de um foguetão de três andares (fig. 25)!

Posso agora dizer, com total tranquilidade de consciência, que todos os monumentos do passado que exibem estas figuras — o foguetão e o OVNI — preparam a via para a construção de um veículo para viajar no espaço, melhor e mais rapidamente do que o que nós inventámos.

Os «deuses» — os técnicos, engenheiros e sábios progressistas que projectaram e construíram estas bibliotecas — foram de tal modo engenhosos que só quando estivermos tecnicamente «aptos» descobriremos a verdade sobre o passado. Os «deuses» colocaram intencionalmente estas bibliotecas por toda a parte, de tal forma que nenhum grupo dominante possa ter o controle exclusivo e, assim, subjugar todos os outros povos do nosso planeta. Além disso, foram de tal modo prudentes que apenas um pormenor da construção dos aparelhos técnicos é dado em cada um dos monumentos, prevendo a hipótese de cataclismos, incêndios ou de destruição por parte dos homens.

Da Basílica de Santa Sofia, a «Porta da Ásia» — continente simbolizado, por toda a parte, pelo dragão e pela serpente alada ou, como mostrei, pela electricidade para propulsão de naves espaciais —, passemos ao templo de Hoysalesvara, na Índia.

Este templo está cavado numa montanha e tem no interior um símbolo sagrado, o touro Nandi (fig. 26).

A propósito desta venerável estátua, um antigo texto sânscrito diz:

«Um dia, o homem fará pôr de pé o touro e colocará as doze rodas no veículo, que terá a força de dois mil elefantes e a velocidade de dez mil cavalos, e então o homem poderá ir até ao Sol.»

Fotografias recolhidas pela expedição dinamarquesa Aquarius-74 (figs. 27-28) mostram que os pilares do templo foram feitos ao torno. Isto constitui a prova irrefutável de que, no passado, houve na Terra uma técnica altamente desenvolvida,

de tal modo que não conseguimos até hoje inventar um instrumento que nos permita executar um trabalho tão fantástico.

CONCLUSÃO

Hoje, a Terra e os seus habitantes acham-se perante formidáveis problemas postos pela vida futura e pela existência dos nossos descendentes. Ninguém — nem os sábios, nem os políticos — pode cortar o nó górdio com que a humanidade se amarrou a si própria. As tensões internacionais aumentam rapidamente, em consequência da explosão demográfica, da penúria alimentar, da poluição, da diminuição dos recursos e dos problemas energéticos.

Tudo indica que, dentro de alguns anos, só um milagre poderá evitar o Apocalipse ou o Juízo Final. Provas de um peso enorme mostram hoje que este milagre deve ser procurado e encontrado no passado, até aqui falsamente interpretado.

Aqui, devemos ter em atenção que todas as traduções e interpretações dos escritos antigos têm a sua origem nos séculos XVII e XVIII. Nesta época, a evolução do mundo não atingira ainda o estádio tecnológico. Daí que, se este factor evolucional esteve presente nos acontecimentos que ocorreram entre cinco e dez mil anos, ninguém seria, nos séculos XVII e XVIII, capaz de fazer uma interpretação correcta dos elementos de base, uma vez que tal factor era ainda desconhecido.

Recordemos, um instante, Heinrich Schliemann, que há um século encontrou Tróia por estar persuadido de que os velhos textos e as velhas lendas continham bem mais do que aquilo que a imaginação dos arqueólogos fazia supor.

Causa espanto o facto de a investigação arqueológica oficial não ter pegado na ponta do fio que Schliemann lhe apontava e que mostrara dar resultados tão evidentes como

convincentes. Esta questão tornou-se ainda mais actual nestes últimos vinte anos, ao longo dos quais os olhos de técnicos modernos se fixaram nos numerosos enigmas inexplicáveis do passado que se reportam à nossa própria evolução.

Durante estes vinte anos, passámos do estádio das teorias ao estádio dos índices sérios, e procuramos agora obter provas.

Por isso, apelo para os sábios de todos os países para que seja empreendida uma investigação concertada do nosso passado; investigação que deveria ser efectuada por equipas internacionais compostas por especialistas oriundos de centros de pesquisas humanistas e tecnológicas.

Apelo para todos os homens de boa vontade para que dêem o seu apoio a tal investigação, mesmo que ela possa afectar a concepção própria e anterior do passado e dos seus acontecimentos.

Ao longo de toda a sua evolução, o homem foi obrigado a aceitar novas maneiras de ver, em consequência de descobertas revolucionárias.

As questões levantadas por Von Däniken relativamente ao exame dos acontecimentos e das actividades de edificação do passado, sob o ponto de vista tecnológico, parecem muito pertinentes. Se as suas ideias revolucionárias são correctas, se ele tem razão, há que começar pelo princípio, imaginando constantemente que a Terra, ao longo dos seus estádios de desenvolvimento, esteve associada e confrontada com uma tecnologia, em muitas formas diferente — e em parte incompreensível — quando comparada com aquela na qual participamos.

Transformar as divindades e o misterioso culto dos deuses do passado num encontro natural e compreensível com os detentores de uma ciência altamente desenvolvida, vindos do espaço para visitar o nosso planeta, parece, pois, uma solução que colocaria muita coisa no seu devido lugar. Esta ideia já me surgira há tempos.

A 12 de Abril de 1961, ao ouvir a voz de júbilo de Yuri Gagarine vogando no espaço, tivemos uma prova. O que

podíamos fazer no nosso planeta, para nos evadirmos, podê-lo-iam ter feito outros com um nível tecnológico superior ao nosso.

Em 1600, o filósofo e monge dominicano italiano Giordano Bruno foi queimado vivo no Campo dei Fiori, em Roma, porque não quis abjurar a afirmação de que Deus e a natureza formavam um todo e de que existiam outros mundos além do nosso povoados por seres vivos.

Os heréticos já não são queimados, mas a ciência moderna recorre de preferência aos inimigos do progresso para impedir pessoas como Kjellson, Von Däniken, Bergier e outros de difundirem concepções sobre o passado que não estão nitidamente de acordo com a estreiteza de vistas da ortodoxia científica.

Do exame dos testemunhos que apresentámos ressalta que o que consideramos como fronteiras entre nações diferentes são na realidade barreiras astuciosamente colocadas entre diferentes bibliotecas técnicas. As descobertas que revelei fazem-nos compreender que o homem não é mais do que uma pequena peça de um enorme *puzzle* de que ainda não é possível apreender o sentido. Mas tudo indica que, através dessas descobertas, se poderá estabelecer o fundamento de uma cooperação internacional inteiramente nova, passando por cima das fronteiras, das línguas e das raças.

Duvido que muitos de nós se apercebam de que a nave espacial Terra, na qual nos achamos, chegou a uma situação crítica e de que nada serviria gritar: «Alto! Quero descer!» Pois a verdade é esta: estamos embarcados numa espécie de astronave natural. Giramos em torno do Sol, a nossa fonte de vida, a uma velocidade de cento e seis mil quilómetros por hora, mas, contrariamente às naves espaciais que construímos e para as quais organizamos tripulação, alimento, energia e tempo, aumentamos noite e dia, aos milhares, o número de passageiros desta astronave natural sem que os outros elementos se modifiquem.

No ano 2000, a nossa nave cósmica deverá alojar sete mil

milhões de passageiros, para os quais será preciso espaço simultaneamente para se mexerem e criarem novas possibilidades de actividade, pela utilização dos recursos do nosso planeta, e também para produzirem o alimento necessário num espaço limitado.

Não vejo qualquer motivo de alegria para a vida tal como a conhecemos, no processo de evolução em que somos hoje arrastados. Estou certo de que, se queremos conseguir uma estabilidade para o futuro e para os nossos descendentes, a exploração do espaço e tudo o que ela comporta deve dispor de toda a prioridade e ser desenvolvida em grande escala, mesmo que outros factores tenham de ficar suspensos.

Temos de admitir que a única possibilidade que resta aos nossos descendentes reside na conquista alargada do espaço.

Aí, entre os inúmeros planetas, devemos, tão depressa quanto possível, encontrar um que possamos colonizar, e fundar assim um novo mundo, onde, através de uma melhor compreensão ética, moral e humanista, possamos evitar as faltas cometidas na evolução anterior.

Hoje, utilizamos enormes recursos para a produção de armas terríveis, de um alcance fora do controle dos seus criadores.

Estou certo de que podemos reduzir consideravelmente este perigo colocando ao serviço da exploração espacial os trabalhadores e os recursos utilizados no fabrico dessas armas.

Somas enormes são despendidas na busca de novas formas de energia, a fim de consolidar e ultrapassar o nosso estádio tecnológico, em que centrais nucleares são presentemente espalhadas por todo o planeta a um ritmo assustador.

Se a solução do problema da energia está no Egipto — e tudo parece indicá-lo —, devemos tão rapidamente quanto possível rever a tradução dos textos antigos. E, bem entendido, tal revisão deve ser feita por especialistas que possuam a necessária formação electrotécnica.

Aqui, lembrarei o que disse atrás a respeito dos antigos

escritos de Horapollon. Só quando se é tecnicamente maduro, como escreveu H. Kjellson, é que o verdadeiro significado da linguagem e das figuras aparece, e mostra claramente tratar-se de planos de construção de «remédios» electrotécnicos baseados na energia solar!

Todos os monumentos existentes na Terra, desde os tempos mais remotos até ao século XIII, devem ser completamente protegidos, e cada comunidade nacional deve tomar as medidas necessárias para assegurar essa protecção.

É hoje ponto assente que ninguém é proprietário desses monumentos do passado, mas sim que eles são dádivas feitas a toda a humanidade e que nos foram concedidos por razões morais e humanistas.

A Bíblia diz: «Um dia, as pedras pôr-se-ão a falar!»
Elas começaram agora a fazê-lo.

13

AS NAVES ESPACIAIS DE EZEQUIEL

Por JOSEF BLUMRICH

Nascido em 1913, em Steyr, na Austria. Engenheiro detentor de numerosas patentes, radicou-se, em 1959, nos Estados Unidos, onde foi chefe do Systems Layout Branch, no Centro de Voos Espaciais Marshall da NASA, em Huntsville, até 1974. Participou no desenvolvimento da sonda Saturno-V *e do* Skylab. *Deixou a NASA para se dedicar às investigações sobre os visitantes extraterrestres na Antiguidade. Autor de numerosas obras, publicações e comunicações científicas, recebeu em 1977 a medalha da NASA destinada a «serviços excepcionais».*

No estado actual da ciência, a ideia de que seres extraterrestres possam visitar o nosso planeta parece muito dificilmente aceitável. Mesmo a serem realizáveis tais visitas, o seu ponto de partida deveria situar-se fora do sistema solar e as viagens interstelares seriam de uma duração inimaginável. A esta certeza científica opõem-se inúmeros mitos e lendas que afirmam precisamente o contrário, ou seja, que «deuses» vieram dos céus. O seu aparecimento é muitas vezes acompanhado de fogo, de fumo e de um ruído de trovão; a sua influência sobre o homem foi a maioria das vezes benéfica. Quando estas informações nos vêm de povos

«primitivos», qualificamo-las de mitos. Quando emanam de escrituras religiosas de civilizações mais desenvolvidas, atribuímos a tais lendas uma interpretação mais espiritual, e até sagrada.

Que semelhante atitude é injusta e errada torna-se evidente, pelo menos por duas razões: não toma em consideração a convicção sincera e honesta das pessoas que nos transmitiram aqueles relatos e reconduz estes ao nível de simples fábulas. Na pior das hipóteses, fala-se de alucinações, da acção de drogas e até de pura imaginação. Mas esta atitude é também injusta e errada sob o ponto de vista da evolução futura do homem, pois nega a própria possibilidade de progresso nos correspondentes domínios da ciência.

Parece, assim, acharmo-nos num *impasse* resultante da manifesta contradição entre ciência e lenda. Contudo, o *impasse* não é total: podemos avançar neste importante domínio do conhecimento se aceitarmos que ciência e tecnologia são actividades distintas (mas não independentes), cada uma com o seu domínio próprio. Temos de aceitar que, no momento presente, a ciência é incapaz de dar resposta à questão dos visitantes extraterrestres, reconhecendo que em tal controvérsia se não recorreu nem à engenharia nem à técnica industrial. Torna-se indispensável a participação de engenheiros na avaliação do conjunto de factos e fenómenos indicadores da vinda de habitantes de outros mundos. É normal que a nossa experiência, inteiramente nova, nos voos espaciais desempenhe aqui um papel fundamental.

COMO FOI DESPERTADO O MEU INTERESSE

A minha atitude pessoal perante a questão dos visitantes extraterrestres começou por ser violentamente negativa. Tendo trabalhado desde 1934 como engenheiro de aeronáutica, primeiro em estudos e análises respeitantes a aviões e depois, durante quinze anos, na concepção e execução de

veículos de lançamento e de naves espaciais, achava-me entre os que negam a possibilidade de seres vindos do espaço extra-atmosférico visitarem o nosso planeta.

Foi com tal estado de espírito que iniciei a leitura de *Chariots of the Gods*, de Erich von Däniken. A afirmação de que o profeta Ezequiel teria encontrado naves espaciais levou-me a ler atentamente o livro bíblico de Ezequiel, para mostrar que Von Däniken estava enganado. Contudo, quando cheguei ao versículo sete do primeiro capítulo, dei comigo a interpretar uma descrição dos espeques de aterragem de um tipo de veículo volante: «As pernas eram direitas e as plantas dos pés redondas; faiscavam como bronze polido.» Tendo concebido e ensaiado estruturas daquela natureza, não podia negar estar perante uma descrição na verdade simples, mas directa e técnica.

O contraste entre esta passagem límpida e a vaga descrição esboçada no resto do capítulo levou-me a pensar que o profeta podia não saber nem ter compreendido o que tinha visto. Tirei a conclusão que se impunha: com os meios que possuía — isto é, usando os termos e as comparações familiares a si e aos seus contemporâneos — o profeta não podia descrever os seus encontros com veículos espaciais e respectivas tripulações. Foi assim que, do ponto de vista técnico, comecei a tomar Ezequiel a sério.

Como tinha de servir-me de traduções, consultei seis Bíblias diferentes, publicadas entre o princípio do século passado e 1972, e traduzidas por judeus, católicos romanos e protestantes. Além disso, utilizei dois comentários bíblicos muito pormenorizados.

Aplicando aos relatos do profeta os princípios da aeronáutica (mais precisamente do helicóptero) e da astronáutica, pude apreender o sentido das descrições visuais de Ezequiel e substituí-las por estruturas conhecidas. O resultado está patente nas gravuras que ilustram o texto. Aí vemos um corpo principal quase cónico sustentado por quatro helicópteros, tendo no topo da parte superior, arredondada, uma

cápsula de comando (fig. 29). É preciso ter em conta que Ezequiel viu primeiramente este veículo a uma distância de cerca de mil metros; neste momento, o engenho nuclear foi accionado, levando provavelmente à formação de vapores brancos de condensação (por causa da fase de «arrefecimento» do motor), deixando imediatamente rasto ao longo do corpo principal do aparelho.

Neste quadro flamejante e rápido, Ezequiel assinala os rotores em movimento e vê os espeques de aterragem e os braços mecânicos ligados aos helicópteros (fig. 30). A sua primeira reacção foi comparar os helicópteros a silhuetas humanas, mas encontra na expressão «criaturas vivas» uma designação admiravelmente vaga para traduzir a sua incerteza. Ao longo da descida e da aterragem final, Ezequiel observa os revestimentos protectores dos mecanismos de engrenagem dos helicópteros, e a melhor descrição que deles pode fazer é compará-los a rostos humanos. Assinala o irradiador incandescente (os «carvões incandescentes», como indica no capítulo I, versículo 13) que cobre uma parte do corpo central interior. O profeta é fascinado pelas rodas, que, pela sua forma comum, são o único elemento que lhe é familiar, descrevendo-o, portanto, muito em pormenor.

Grande número de quadros e textos têm dado uma interpretação errada da descrição «visual» das rodas. Ora, nunca ninguém tomou a sério a descrição «funcional», que indica que as rodas podiam mover-se em todos os sentidos, sem girarem em torno de um eixo. Este rigor levou-me a formular uma interpretação técnica precisa, que culminou com a obtenção de uma patente no Patent Office dos Estados Unidos. Notemos, a este propósito, que uma aplicação satisfatória desta interpretação permitiria aumentar consideravelmente a mobilidade das cadeiras de rodas dos inválidos.

PROTÓTIPO E INVESTIGAÇÃO ANALÍTICA

Ezequiel termina a sua descrição técnica com comentários sobre a cápsula de comando e sobre o próprio comandante de bordo. Fornece uma quantidade espantosa de pormenores. Facto significativo é o de o profeta descrever características que não apresentam qualquer interesse sob o ponto de vista técnico, mas que têm tanta importância como os autênticos elementos estruturais. A forma quase cónica do corpo central da nave espacial — que convém perfeitamente, por estar combinada com os helicópteros, e que constitui, assim, uma característica muito importante do veículo — encontra-se hoje na astronáutica. Foi executada no Langley Research Center da NASA e foi objecto de estudos analíticos e de uma série de ensaios de aerodinâmica.

Depois de determinada a configuração geral da nave espacial, procedi a um estudo analítico; se a sua forma parecia racional do ponto de vista estrutural e funcional, só seria possível provar que tal engenho era realizável se o seu peso, dimensões, capacidade funcional e demais características fundamentais se situassem dentro de limites razoáveis. Procedi à análise paramétrica, isto é, fiz variar progressivamente as dimensões, o peso e a capacidade funcional, estudando múltiplas hipóteses. Desde os primeiros cálculos aproximativos até à análise final, os resultados não me deixaram qualquer dúvida sobre a possibilidade de construir semelhante veículo: eles revelam uma tecnologia geral de construção de naves espaciais que, com os nossos conhecimentos actuais mais avançados, não estamos longe de atingir. O único elemento que somos incapazes de construir é o reactor nuclear no centro do sistema de propulsão. Tratar-se-ia de um reactor de *fission*, mas seria preciso uma impulsão específica [1] de pelo menos dois

[1] A impulsão específica é a medida em quilos do impulso produzido por quilo de agente propulsor consumido em cada segundo. A unidade de impulsão específica é igual à unidade de tempo.

mil segundos, enquanto os reactores nucleares actuais apenas dão uma impulsão específica de cerca de novecentos segundos. No entanto — é razoável pensá-lo — poderíamos obter este resultado dentro de algumas dezenas de anos se consagrássemos a tal investigação os inerentes esforços.

No conjunto, obtém-se portanto um veículo espacial que é, sem dúvida, tecnicamente realizável e cuja concepção responde perfeitamente à sua função; a respectiva tecnologia nada tem de fantástico e, mesmo nos aspectos mais complexos, encontra-se quase ao nosso alcance (fig. 31). Os resultados da análise indicam por outro lado que a nave espacial observada por Ezequiel operaria em ligação com um engenho principal posto em órbita à volta da Terra. Não dispomos de qualquer ponto de referência seguro que nos permita calcular exactamente as dimensões do aparelho que aterrou; mas podemos ter uma ideia aproximada a partir das que obtive por análise. O esquema indica a forma e as proporções do engenho. O diâmetro do corpo central seria de cerca de dezoito metros, o do rotor do helicóptero de onze metros, o peso total do engenho, no momento da descolagem para se juntar à nave principal, de cem toneladas, a impulsão específica do motor de dois mil e oitenta segundos, e o aparelho transportaria dois ou três passageiros.

Perante tais conclusões, tive de me dar por vencido. Escrevi a E. von Däniken, dizendo-lhe que, ao querer refutar a sua teoria, acabei por confirmar, do ponto de vista estrutural e analítico, o essencial da sua hipótese. Ao avaliar a forma, dimensões e capacidade funcional do engenho visto por Ezequiel, compreendem-se certas passagens do seu texto que, de outro modo, não teriam qualquer sentido. Podem destrinçar-se assim as passagens proféticas ou visionárias do Livro de Ezequiel, das que relatam os seus encontros com naves espaciais. (Limitei-me a estudar estas últimas.) Como engenheiro, não me acho qualificado para analisar as partes não técnicas.

QUEM ERA EZEQUIEL, QUE VIU ELE E ONDE?

Em vinte anos, Ezequiel viu por quatro vezes naves espaciais. A primeira, em 592 a. C., cinco anos depois de ele e cerca de mil outros judeus terem sido deportados para a Babilónia. Casado e, na altura, com trinta anos, Ezequiel era sacerdote oriundo de uma família da alta sociedade. O primeiro encontro com uma nave espacial deixou-o aterrado e fortemente emocionado. Na primeira parte do seu Livro, dá-nos o maior relato sobre a estrutura e função do aparelho. Descreve mais adiante que foi metido a bordo da nave espacial, perto de Telavive, onde morava, e que voltaram a deixá-lo ali; mas do voo propriamente dito não se recorda. Completamente abalado pelo que lhe acontecera, fugiu «aflito e excitado» (capítulo III, versículo 14).

O segundo episódio regista-se alguns meses depois. A descrição é sucinta e fragmentária (capítulo III, versículo 22 a 24).

Na descrição do terceiro encontro, que faz um ano depois do primeiro (capítulo VIII a XI), Ezequiel relata um episódio apaixonante, que parece ter consistido num trabalho de conservação ou reparação da nave espacial. Um braço mecânico (fig. 32) destaca-se de um helicóptero, para atingir a parte incandescente na extremidade inferior do corpo principal (capítulo X, versículo 7), e estende qualquer coisa «que ardia» a um membro da tripulação postado no solo e encarregado de manter-se junto de um dos helicópteros. O homem da tripulação segura o material que ardia. Comparando a descrição do templo feita por Ezequiel com um plano do Templo de Salomão (que à época ainda existia), conclui-se que Ezequiel se referia a outro templo; mas qual?

A mesma questão se põe a propósito do quarto encontro, ocorrido vinte anos depois do primeiro (capítulo XL). A chegada de Ezequiel junto da mole de edifícios parece ter sido prevista, pois o profeta é esperado por um homem vestido

da mesma maneira que o comandante da nave espacial, que acompanha Ezequiel numa prolongada visita ao templo. O Livro de Ezequiel termina bruscamente com este episódio, que deve ser considerado como um fragmento.

Nada há de contraditório nestes acontecimentos, nas sucessivas descrições do veículo, nem no que respeita à nave espacial. Além disso, a reconstrução técnica a que procedi, a qual assenta em conhecimentos actuais avançados, está perfeitamente de acordo com o texto bíblico.

O QUE ENCONTROU EZEQUIEL?

Ezequiel era com certeza um homem de grande inteligência, possuindo um excepcional espírito de observação. Foi capaz de conservar, de forma impressionante, todo o discernimento após o choque causado pelo primeiro encontro. No entanto, ficou fortemente emocionado quando viu o comandante da nave espacial. Ezequiel precisa que foram necessários sete dias para se recompor desta aventura. Nada há de espantoso quanto ao facto de dizer que viu Deus e que Deus lhe falou; todavia, compara o comandante a «Adão» ou a um «homem» e limita-se a dizer: «falaram-me». Em momento algum testemunha a mais leve deferência pelo comandante e pelos outros membros da tripulação.

Os dados fornecidos por Ezequiel levam-nos a concluir que ele se encontrou em presença de elementos de um corpo expedicionário; indubitavelmente se adivinha uma hierarquia, uma comunicação formal e uma organização. Se admitirmos, por outro lado, que civilizações extraterrestres deveriam, também elas, exercer controle económico sobre as actividades a empreender, pode presumir-se que — quanto mais não fosse por razões financeiras — Ezequiel não pode ter sido o único objectivo da expedição.

Mas, ao emitir tais opiniões, estou a afastar-me do domínio das afirmações técnicas demonstráveis. Concluo, por diversas

razões, que as observações de naves espaciais feitas por Ezequiel não coincidem, no tempo, com as suas profecias. Viu a nave espacial um dia, e teve as visões proféticas meses ou, mesmo, anos depois. Ora, o comandante falou ao profeta. A história do Livro de Ezequiel ensina-nos que o texto foi fixado um certo tempo depois da sua redacção. Diversos pontos do meu estudo técnico fazem supor que o trabalho de edição foi executado com total honestidade e boa-fé, se bem que a infidelidade do que Ezequiel queria realmente dizer seja, nalgumas passagens, evidente. Somos, portanto, obrigados a admitir que certas declarações do comandante podem achar-se contidas naquilo que hoje consideramos as visões e profecias de Ezequiel. Seria, na verdade, muito interessante analisar, sob este aspecto, as partes não técnicas do Livro de Ezequiel. Como as revelações do profeta foram escritas muito tempo antes do aparecimento de máquinas voadoras e foguetões, a única forma como poderíamos interpretar as enigmáticas declarações de Ezequiel seria a do recurso à religião e sobretudo ao misticismo.

A aplicação dos conhecimentos tecnológicos não deixa subsistir qualquer lacuna na interpretação do texto; e não é preciso forçar o sentido para obtermos uma explicação coerente. Para atribuir os mesmos fenómenos a visões, alucinações ou factores psicológicos ou astrológicos seria preciso admitir uma longa série de coincidências. Com efeito, só elas poderiam justificar a verosimilhança que apresentei no plano técnico.

Hoje, a atitude comum a respeito da questão dos visitantes extraterrestres pode resumir-se nestes termos: «Se não sabemos de onde vinham nem como chegaram à Terra, é portanto impossível terem cá vindo.» Com o tempo, os factos acumular-se-ão e acabarão por fornecer um modelo mais compreensível, que nos permitirá dizer: «Estiveram na Terra; logo, vieram de qualquer parte.» A tecnologia moderna oferece-nos um meio de progredir neste domínio, e espero despertar suficientemente o interesse de outros engenheiros (não

apenas dos engenheiros de concepção, mas também dos construtores) para que eles se dediquem a estudos deste género. E não poderemos dispensar por muito tempo o concurso dos cientistas — físicos, arqueólogos e etnólogos. O fundamental é que nasça uma cooperação sem preconceitos. É este o voto que aqui deixo expresso.

14

UM MOTOR TIRADO DE UM BAIXO-RELEVO MAIA

Por FRIEDRICH EGGER

Nascido a 8 de Março de 1944, na Austria. Investigador no Instituto de Física Atómica de Innsbrück. Participou no programa de investigações ATARPA, grupo independente de cientistas de diferentes ramos. Publicou, em revistas internacionais, diversas memórias sobre o «motor maia».

Na origem desta espantosa história encontra-se um livro intitulado *Les Maîtres du Monde*, da autoria do jornalista e escritor francês Robert Charroux, cujas concepções e investigações estão, como se sabe, muito perto das nossas.

Quando o Dr. Klaus Keplinger lia esta obra, despertou-lhe a atenção um pormenor de uma ilustração que representava a escultura de uma estela maia, imagem que lhe aguçou repentinamente o espírito inventivo.

Quando me falou da sua ideia, era eu conselheiro do programa ATARPA. Este grupo interdisciplinar foi fundado no Outono de 1942 e ainda continua a desenvolver a sua actividade. O objectivo básico era estabelecer ligações entre ciências e ramos do conhecimento muito afastados uns dos outros, como por exemplo a medicina e as matemáticas.

Atarpa era a deusa do Destino entre os Etruscos.

Obtivemos já apreciáveis resultados, nomeadamente na aplicação dos computadores à medicina, para diagnóstico e correlação dos diversos estados das doenças. A maior parte dos elementos do grupo era e é constituído por universitários.

O Dr. Keplinger veio, então, visitar-me para me apresentar um diagrama que essencialmente mais não era do que um quadrado com as duas diagonais. Lamento ter de dizer que quando me mostrou este diagrama e me perguntou o que ele representava respondi estupidamente: «Um sobrescrito.» Em sua opinião, não era nada disso: tratava-se de um motor... Tive de lhe explicar que, tal como a coisa se me oferecia, esse «motor» arriscava-se certamente a não trabalhar.

Voltou três meses mais tarde, depois de novas reflexões e com o desenho original, extraído do *Codex* (ou melhor, do manuscrito) *Troano*. Debruçava-se sobre o problema havia uma dúzia de anos. A primeira pessoa a ter sugerido que o pormenor do desenho que chamara a atenção do Dr. Keplinger podia ser um motor foi o próprio Robert Charroux.

Como se vê na gravura (fig. 33), este curioso desenho pode, com efeito, ser interpretado como mostrando um operário — um mecânico — a trabalhar nesse «motor», ou mais exactamente uma forma simbólica representando um objecto fabricado, um aparelho destinado a transformar uma energia qualquer em energia mecânica.

Existem outros desenhos do mesmo género, em particular no *Codex Cortesianus*, onde se encontra nomeadamente uma figura que pode ser interpretada como representando um «parafuso sem-fim». Ou ainda um outro no *Codex Perez*, que Robert Charroux e outros consideraram como o comando de admissão dos gases de um motor. Convém dizer que alguns vêem nele, de preferência, um archote.

A imagem reproduzida na figura 34 não provém de documentos antigos, mas da minha patente, tal como foi registada em 1973, em Viena. Encontramos nesse esquema a mesma estrutura quadrada, com as duas diagonais. Quando

foi construído o modelo a três dimensões representado na figura 35, obteve-se um tipo totalmente original de motor com pistão rotativo. De facto, um motor com imensas vantagens, nomeadamente a de um «ângulo morto», e portanto uma rotação tão contínua quanto possível.

O conjunto do motor é naturalmente mais difícil de compreender, devido à sua complexidade. Tem dois cilindros funcionando em *push-pull*. O primeiro fornece uma impulsão entre 0 e 180 graus de rotação, o segundo de 180 a 360. O estudo da distribuição e do fluxo dos gases no motor dá diagramas termodinâmicos de funcionamento muito satisfatórios, em comparação com os motores conhecidos. O «volume morto» é muito fraco; o *couple* de rotação, muito elevado. Todo o automobilista sabe da importância do *couple*, principalmente no arranque.

O aparelho construído mede 40 centímetros de diâmetro. Funciona a uma pressão de 10 atmosferas — 10 de compressão — e fornece uma força de 68 cv.

O momento de rotação é de 500 quilos/metro. Para dar um exemplo, trata-se do momento de rotação do motor igual ao do modelo mais caro da linha *Mercedes*.

Uma revista técnica sueca consagrou um estudo pormenorizado a este motor. Em conclusão, o autor pensa que o mesmo constitui um passo interessante para a substituição do motor de automóvel a gasolina por um motor a vapor (não poluente).

Sou físico atómico, não sou mecânico, mas não vejo razão teórica ou prática para que não possam construir-se motores deste género para aplicar nas próprias rodas dos carros.

Fizemos trabalhar durante seis dias seguidos o modelo construído, sem qualquer problema. O seu custo orçou em um milhão de xelins austríacos, ou seja, aproximadamente trezentos mil francos franceses. Era demasiado para uma fábrica, não de produção de automóveis ou de mecânica, mas de material para a indústria têxtil. Cobrimos no entanto a

despesa com a venda da patente em duas dezenas de países, nomeadamente na difícil América.

Não podemos deixar de ficar profundamente perturbados ao pensar que tudo partiu do baixo-relevo de uma estela de uma cidade-templo maia, datando de há quinze séculos. E de perguntar onde adquiriram esses estranhos maias conhecimentos mecânicos tão avançados, mesmo sabendo que eles possuíam uma matemática e uma astronomia muito desenvolvidas. A explicação pode estar no facto de visitantes altamente civilizados terem passado por ali e lhos haverem legado [1]. Não é menos assinalável que um grupo de investigação pura se tenha interessado por esta realização insólita. E o programa ATARPA prossegue ainda o estudo de um motor magnético para engenhos voadores!

[1] O caso Friedrich Egger é realmente muito curioso. O antigo Império Maia não tinha ainda atingido o estádio de uma civilização dos metais e achava-se absolutamente impossibilitado de construir qualquer motor. Mesmo admitindo que os Maias tenham visto um nas mãos dos «visitantes», eram certamente incapazes de o compreender.

Contudo, foi a partir de uma representação muito esquemática (simbólica) maia que Friedrich Egger pôde construir um motor inteiramente fora do vulgar.

Para além da astro-arqueologia — ou dos Antigos Astronautas —, levanta-se um problema de inegável interesse: o das fontes de «inspiração».

15

OS COLOSSOS DE TULA

Por GERARDO LEVET

Nascido a 6 de Junho de 1931, no México. Engenheiro mecânico, detentor de diversas patentes. Vive com a família em Naucalpan, no México.

Os Colossos, ou Atlantes, de Tula, cujas ruínas se situam a cerca de noventa quilómetros a norte da Cidade do México, impressionam tanto o sábio como o leigo e, *até aqui*, foram considerados segundo as descrições e explicações arqueológicas tradicionais. Integram-se, deste modo, no panorama geral da estrutura *histórica* das mais antigas tribos do México.

Todavia, cientificamente, os factos deixam numerosas dúvidas, ainda não esclarecidas de forma satisfatória. Mas podem encontrar-se explicações surpreendentes e *verificáveis* se os examinarmos sob o ponto de vista científico e sem ideias preconcebidas.

Tornar-se-ia muito fastidioso explicar a presença de extraterrestres no nosso planeta. De qualquer forma, como chegaram os Atlantes à Terra? É importante conhecer alguns pormenores a esse respeito.

Pela perfeita regularidade do movimento do nosso sistema

solar e do nosso planeta, podemos concluir que o universo dispõe de uma organização *surpreendente*.

Então, se esquecermos o nosso egocentrismo, podemos admitir que não somos os únicos no universo, que existem seres humanos noutros planetas do nosso sistema solar ou de outros sistemas solares e que entre esses seres humanos há os que são *menos* evoluídos do que nós, os que estão no *nosso estádio de evolução* e os que *são mais evoluídos*; por exemplo, com cinco mil a oito mil anos de avanço científico e tecnológico. Se alguns desses seres que estão de tal modo avançados — *mas não são perfeitos!* — cometem qualquer transgressão de uma lei cósmica, é impossível pensar num castigo ou punição à maneira do nosso planeta, *a prisão*, por exemplo, ou trabalhos forçados numa ilha, como aconte-cia aqui há uns anos em Alcatraz, nos Estados Unidos, nas ilhas das Três Marias, no México, na ilha do Diabo, na Guiana Francesa, e noutras.

O castigo, a um tal nível de consciência, seria o desterro do seu próprio planeta, muito evoluído [1], para um outro menos evoluído, com a missão de promover o progresso nesse planeta.

Suponhamos que, segundo esta lei cósmica, há trinta e cinco mil anos, no sistema solar, o nosso planeta Terra era um planeta de deportação para seres humanos altamente evoluídos.

Nessa época, do nono satélite de Úrano, um planetóide chamado Kemer, foi enviado para o planeta Terra um grupo de super-homens com uma pena-missão a cumprir durante determinado número de anos.

Vieram numa nave-mãe com o respectivo equipamento, como engenhos aéreos, material de conservação e reparação, e foram enviados para o continente de Lemúria, no oceano

[1] Gerardo Levet faz, assim, seu o chiste de George Bernard Shaw segundo o qual a Terra seria um lugar de exílio para os habitantes de outros planetas.

Pacífico, precisamente para Monkmer (presentemente em ruí-nas na região de Angkor, no Camboja).

Possuíam uma tecnologia extremamente avançada. Encon-tram-se vestígios em numerosos sítios desta região, como mostram algumas das descobertas de Erich von Däniken. Por agora, basta-nos esta informação sobre o grupo de extra-terrestres ou de Antigos Astronautas.

Passemos a um outro acontecimento, ocorrido há dez mil anos. De Titão, terceiro satélite de Saturno em grau de impor-tância, foi enviado para o planeta Terra um grupo de super--homens, ou de humanos. Tratava-se de gigantes com uma estatura de cerca de quatro metros, também em cumprimento de uma pena-missão.

Foram enviados numa nave-mãe, como o primeiro grupo, vindo de Kemer, com ferramentas, material, engenhos aéreos muito avançados, etc. Foram destinados ao continente da Atlântida, situado — embora isso seja tema de controvérsia, senão motivo de escárnio para numerosos autores e sábios ortodoxos — no oceano Atlântico e ligado à península de Iucatão.

Na Atlântida, fundaram a capital chamada Mu (que sig-nifica cidade-mãe), por vezes confundida com o continente de Mu, na Lemúria. Com os engenhos de que dispunham não lhes era possível voar senão na atmosfera e na zona de atrac-ção da Terra, isto é, na zona que se estende, no máximo, até à Lua.

Estas naves conseguiram na atmosfera uma velocidade enorme, devido ao espaço vazio que criavam com o modo como utilizavam os campos magnético e gravítico e a ionização em torno dos engenhos.

Esses humanos, com alto nível de consciência e sabendo a falta que haviam praticado, tinham a obrigação de cooperar na evolução do planeta e das tribos primitivas circundantes.

A primeira coisa que fizeram foi, como já disse, fundar a sua capital, Mu, graças à ciência e tecnologia que possuíam e com a ajuda das tribos primitivas dos arredores, os Caraíbas.

Tinham também uma necessidade urgente de matérias radiactivas especiais, para tratamento das ligas que utilizavam para conservação e reparação das suas naves. O elemento principal dessas ligas permitia-lhes produzir a ionização em torno dos engenhos.

Este elemento era o actínio, um metal radiactivo da série do lantânio. As suas propriedades quanto às ligas não são conhecidas actualmente na Terra.

Descobriram um sítio onde era possível obter, tratar e refinar aquele metal. Esse sítio era a colina do Tesouro, em Tula, que possuía as condições mais favoráveis a este elemento e aos circuitos estanques, ou *vortex* magnéticos, de que precisavam para o seu tratamento.

Tinham os instrumentos para a extracção, e os conhecimentos e a aparelhagem de conversão da energia solar para esta operação metalúrgica; mas faltava-lhes um sítio ou construção própria onde tivessem a concentração de campos necessária para transportar e encerrar o plasma que produziam para a refinação do actínio e proteger e fechar hermeticamente este elemento para a experiência na cidade-mãe de Mu, onde se situavam as oficinas de reparação.

Essa construção especial era uma pesada pirâmide de pedra situada num *vortex* magnético que fornecia as condições exigidas na câmara cavada no seu centro. Pirâmide construída graças ao trabalho das tribos primitivas dos arredores, aos instrumentos, à direcção e aos conhecimentos de uma equipa de sete gigantes (um comandante e mais seis), que dispunham de todo o material necessário.

A altura destes Antigos Astronautas, ou seres humanos muito evoluídos, como atrás disse, situava-se entre três metros e meio e mais de quatro metros.

Tula, ou Tullan, ou Teollan — que significa «a voz dos deuses» —, começou assim a existir, como centro de extracção de matéria radiactiva, há cerca de dez mil anos.

As faces da pirâmide principal foram exactamente orientadas para responder às suas necessidades, segundo a linha

zero de um magnetómetro. A colunata, ou sala das colunas, como hoje é designada, compõe-se de pilares de secção quadrada que suportavam um tecto, ou melhor, um terraço-plataforma para aterragem das naves e para protecção das pessoas contra as radiações.

Vêem-se colunas redondas em torno de covas rectangulares, hoje cobertas, que constituíam reservatórios de armazenamento de água para tratamento do metal e para uso dos trabalhadores primitivos. Esta água era trazida da ribeira que corria junto. As colunas redondas destinavam-se a sustentar o sistema auto-orientado de pilhas solares *em ressonância*, que eles utilizavam para a conversão da energia no seu processo de tratamento e para a iluminação.

Ali se encontram vestígios de radiactividade superior à normal, formando uma linha, o que deixa supor a provável existência de um túnel que conduz ao centro da pirâmide.

Depois da construção desta pirâmide, utilizada no tratamento do metal, foi construída uma outra, destinada a escola (Templo da Estrela da Manhã) e também a um centro de cura, onde começaram a ensinar à população primitiva uma língua, a forma de cultivar os produtos da terra e o modo de curar as doenças, como veremos adiante.

Construíram também uma espécie de pirâmide para armazenamento do cereal, hoje completamente destruída, mas de que podem ainda encontrar-se alguns vestígios num pequeno monte.

Todas as outras construções ali existentes provêm das destruições e reconstruções do lugar, por diferentes tribos.

Chegamos assim ao nosso principal objectivo, a descrição dos Atlantes colossais, os representantes, no nosso tempo, dos Antigos Astronautas, uma vez que os Colossos de Tula são imagens fiéis dos titãs ou da tripulação atlante que chegou à região, como atrás mostrámos. Passarei assim a interpretar, sob o ponto de vista científico e sem ideias preconcebidas, o respectivo trajo e equipamento.

Pela figura 36 vemos a representação completa de um

gigante, que foi descrita como uma «enorme estátua de guerreiro». Deveria, todavia, ser identificada como «uma representação autêntica e funcional de um gigante ou de um extraterrestre, ou ainda de um "Antigo Astronauta"».

A cabeça representada na figura 37 exibe aquilo que normalmente se interpreta como sendo «a cabeleira de um valente guerreiro, feita de pedras preciosas [1] e plumas», quando deveria dizer-se «um capacete com células fotoeléctricas», cujo conjunto lhe dá uma ressonância que aumenta o rendimento do máximo habitual, de vinte e dois por cento, na melhor pilha solar, para noventa e oito por cento, na conversão da energia solar em energia eléctrica. Distinguem-se dois tipos de células: (*a*) células hexagonais, em torno da cabeça, destinadas a fornecer energia à aparelhagem de comunicação e ao equipamento de protecção (descrito mais à frente), e (*b*) células em forma de prancha, na parte superior, destinadas ao fornecimento de energia ao equipamento de trabalho, que veremos adiante.

As «compridas orelhas» (*c*) são na realidade auscultadores de intercomunicação destinados a manter o contacto entre eles e também com a nave.

Note-se a almofada de matéria protectora, ou segundo capacete protector (*d*), que se assemelha a cabelo. Este pormenor é paralelo ao capacete de protecção que encontramos nas gigantescas cabeças de pedra dos Olmecas.

Note-se também, na mesma figura 37, a larga placa peitoral (*f*), habitualmente interpretada como «uma borboleta estilizada», símbolo do planeta Vénus e da alma do guerreiro morto.

Nós explicamo-la como sendo um dispositivo electrónico protector, em forma de pranchas, que emite um campo eléctrico de alta frequência, alimentado por células de conversão da energia solar; encontra-se igualmente, ao alto e ao meio, um microfone de intercomunicação.

[1] Alguns até especificam, dizendo tratar-se de turquesas.

O campo eléctrico de alta frequência tinha dois fins:

1. Proteger o astronauta das radiações provenientes da nave e do tratamento a actínio.

2. Aumentar o campo de protecção contra os vírus e afastar os insectos.

Na parte inferior do gigante (fig. 38), o objecto seguro na mão direita (*g*), que é tido como uma «arma de defesa, de ataque ou de caça» [1], deveria ser considerado «um instrumento de trabalho», uma pistola de raios semelhantes à pistola *laser*, alimentada a energia pelas células (*b*) da figura 37. Com a ajuda deste instrumento, o Atlante podia talhar pedras enormes, cortá-las em ângulo recto ou agudo e obter superfícies planas por fusão ou «fundição».

Trata-se de uma pistola de plasma, com a qual talharam também alguns modelos e estátuas maciças de pedra para ensinarem à população primitiva a arte da escultura. Isto pode verificar-se através de certas pedras, que não são esculpidas mas moldadas por fusão.

Nessa pedra fundida encontram-se vestígios de obsidiana. Ora, este mineral encontra-se especialmente em regiões vulcânicas, pois trata-se de um vidro natural de origem eruptiva; pode igualmente obter-se através de um impacte de grande energia sobre a pedra; por exemplo, por meio de uma pistola de plasma.

Hoje em dia, este processo ultrapassou o estádio experimental para atingir a aplicação industrial.

Vejam-se ainda, na figura 38, os pormenores do vestuário, particularmente os punhos elásticos e os cintos, de lã entrelaçada, muito apertados. Estes pormenores encontram-se também na personagem da tampa de sarcófago, em Palenque (México), que veste igualmente um fato cingido nos punhos e nas canelas.

A figura 39 mostra as costas e o lado esquerdo da estátua.

[1] Um propulsor (*artlol*), segundo o arqueólogo J. R. Acosta.

Os arqueólogos dizem que o disco (*h*) [1] é um símbolo solar ornamental com um rosto humano rodeado de quatro serpentes de fogo. Vemos aí um *senseur* (detector) de proximidade, um dispositivo estilizado de acústica electrónica de protecção. Este dispositivo avisava o atlante de tudo o que se aproximava por trás dele. Impunha-se como necessidade, por causa do género de capacete que trazia e praticamente o impossibilitava de virar a cabeça sem ter de voltar o corpo todo. Este *senseur* era um reflector parabólico com um microfone central ligado aos auscultadores (*c*) da figura 37 e era alimentado pelas células hexagonais (*a*) da mesma figura. Repare-se nos cintos utilizados para fixar esse *senseur* de proximidade.

Na mão esquerda acha-se um objecto geralmente qualificado como «arma de ataque e de caça» [2]. Sabemos tratar-se de um saco que contém um alimento especial, desidratado e concentrado em *tablettes*, que vinha da cidade-mãe de Mu.

Também na figura 38 se vêem sandálias de couro gravado. Tal significa que precisavam de um calçado especial para trabalhar ou ir em missão, e que eles próprios fabricavam essas sandálias de couro gravado. Ensinavam também o povo primitivo a confeccioná-las, para protecção dos «seus pés».

Os Atlantes foram também ao Sul do México e ainda mais além, entrando em contacto com os Maias e os Incas. Esta a razão por que encontramos tantas semelhanças em numerosos domínios.

Seguidamente, as tripulações atlantes voltaram à cidade-mãe e regressaram ao seu planetóide, cumprida que foi a missão.

Os povos primitivos beneficiaram de uma mudança e evolução enormes, de que são testemunho alguns legados, no passado e no presente. São eles:

[1] «Grande jóia em forma de disco (*tezcacuitlapilli*). É o famoso espelho lombar peculiar aos guerreiros toltecas... Ignora-se a sua função.» Pierre IVANOF: *Cités sacrés et tribus du Mexique*, Scemi, Paris, 1968.

[2] «Um saco de copal, uma espada curva e flechas», ob. cit.

1. As religiões solares nas tribos primitivas. Os primitivos viram que os Astronautas desembarcavam de um Sol ou de uma estrela (por causa do brilho da irradiação ou da ionização da nave na atmosfera circundante).

Os Astronautas constituíam para eles um verdadeiro milagre, pela maneira como utilizavam os seus instrumentos, e eram ao mesmo tempo *bons*, já que os ensinavam a construir, a cultivarem-se, a curarem, etc. Depois, quando se retiraram, os primitivos viram, na sua óptica simplista, que eles se dirigiam para o Sol e para as estrelas. E daqui nasceram as *religiões solares*.

2. O modo de curar as doenças:

a) Por um lado, graças às propriedades de certas plantas, mostraram-lhes como escolhê-las e empregá-las, em numerosas doenças, utilizando-as em tisanas e de outras formas, como ainda hoje se pratica. Refiro-me concretamente a tisanas de ervas e não a destilações, como acontece com a *tequilla*, bebida alcoólica obtida a partir do agave;

b) Por outro, através de um processo electromagnético, com a ajuda da célula rectangular especial, conversora da energia e aumentando a potência do campo natural, ou *aura*, que os envolvia. Ao aumentar a potência deste campo e mudando a sua polaridade, produziam um campo inerte de repulsa dos vírus, como consequência da inerente carga eléctrica. É por esta razão que vemos em tantos sítios vestígios de intervenções cirúrgicas nas tribos primitivas, sem podermos compreender como era obtida, em certos casos, a assepcia, particularmente nas operações ao cérebro.

Quando os Atlantes partiram, as populações primitivas ficaram impossibilitadas de continuar a usar placas especiais de conversão de energia e começaram a utilizar um tijolo quente colocado no abdómen, à maneira dos deuses, como foi representado pelos Maias, no Chac Mol. Este apresenta-se numa posição estranha e com um objecto chato e rectangular entre as mãos.

No Chac Mol original que os Atlantes esculpiram, re-

conhece-se, nitidamente, um processo avançado de cura (placa energética).

Em Tula, é muito fácil observar a perfeição deste modelo de pedra, feito pelos Atlantes, em confronto com as reproduções que dele fizeram as tribos.

Os Atlantes previram exactamente o futuro desses primitivos e a forma como iam reagir depois da sua partida. Postos perante a impossibilidade de disporem das placas de conversão de energia, decidiram, então, utilizar um tijolo quente ou morno, colocado no abdómen em posição igual à do Chac Mol. Tudo isto se verificava perante a estátua do deus e com uma enorme percentagem de curas, sobretudo quando se tratava de doenças *psicossomáticas.*

Poderia estar aqui uma boa solução para milhões de pessoas que vivem nas cidades superpovoadas do mundo inteiro!

3. Outro legado: a língua original. Por isso se encontram tantas semelhanças em muitas palavras e signos entre os Toltecas, os Maias, os Egípcios, etc.

4. Os brincos, com origem nos auscultadores. Os grandes chefes das tribos primitivas viram que os deuses traziam qualquer coisa nas orelhas ou delas pendente. Contudo, não tendo auscultadores à sua disposição, entenderam então como útil dever pendurar qualquer coisa nas orelhas.

5. Os Antigos Astronautas usavam como protecção um peitoral electrónico. Se os deuses traziam qualquer coisa ao pescoço, pendendo sobre o peito, é porque se tratava de algo benéfico. E este uso perpetuou-se até aos nossos dias, sob a forma degenerada de colares.

6. E, finalmente, outro legado. Os Antigos Astronautas ensinavam primeiro a reprodução em pedra ou pintura — representação estática de um animal ou de um ser humano, como se pode ver em Tula e noutros sítios, através do trabalho grosseiro dos primitivos —, e, depois, a representação dinâmica, ou ideográfica, que encontramos em esculturas de pedra e pinturas. Por exemplo, a cabeça de um homem dentro

do bico aberto de uma águia significava um homem que voava... um Antigo Astronauta.

Esta representação dinâmica, que os povos primitivos tão bem apreenderam, podemos encontrá-la em numerosas pinturas antigas e recentes, etc.

Tudo o que acima referimos dá-nos apenas alguns exemplos dos índices seguros que encontramos em todos os lugares arqueológicos importantes e que são testemunho científico da visita de Antigos Astronautas.

Devemos examinar esses testemunhos com espírito isento de preconceitos, com a ideia de que não estamos sozinhos no universo e de que a nossa civilização tecnológica não é a única.

16

A GRANDE PIRÂMIDE E OS SEUS SEGREDOS

POR TOM VALENTINE

Nascido a 20 de Agosto de 1935, na Califórnia. Jornalista, conferencista, autor de diversas obras sobre fenómenos parapsicológicos e de uma tese importante sobre a Grande Pirâmide, a primeira das maravilhas do mundo antigo.

ENSINARAM-ME na escola que a grande pirâmide de Gizé mais não era do que um túmulo e era assim que eu efectivamente pensava. Um dia, mais tarde, li num livro de bolso, publicado em 1968 e intitulado *A Última Fronteira,* que a Grande Pirâmide não era um túmulo.

Foi assim que despertei para este assunto, e resolvi então separar o verdadeiro do falso quanto a tudo o que a respeito da Grande Pirâmide, num ou noutro sentido, fora dito.

É preciso reconhecer que se trata de uma pirâmide especial, diferente do comum das pirâmides. Há com efeito muitas pirâmides no Egipto que, na verdade, são túmulos. Mas a Grande Pirâmide não é um túmulo. Existe sobre o facto uma enorme quantidade de provas.

A Grande Pirâmide é a maior obra de pedra alguma vez construída pelo homem. Verdadeira montanha de pedras, contém mesmo um número maior do que a Grande Muralha da China.

Por que razão emitiram e sustentaram os historiadores e os arqueólogos a hipótese de que este monumento, verdadeiramente colossal, era um túmulo?

É preciso lembrar de novo que tanto a arqueologia oficial como o ensino funcionam numa base de informação muitíssimo estreita. Quer uma quer outro consideram o progresso humano como iniciado há uma dezena de milhares de anos, com o aparecimento da agricultura. Ambos entendem que a Grande Pirâmide foi construída por um faraó que queria preparar uma sepultura digna de si. Teria, assim, utilizado nessa construção, que foi o maior estaleiro do mundo de todos os tempos, centenas de milhares de escravos e soldados. Pessoalmente, esta concepção da construção da Grande Pirâmide parece-me ridícula [1], mas ela corresponde a todo um quadro da nossa história clássica.

Este fabuloso monumento é de tal forma vasto que poderiam alojar-se simultaneamente no seu interior as catedrais de Colónia e de Milão, a cúpula de São Paulo, de Londres, e ainda sobejava espaço. Se se britassem as pedras da Grande Pirâmide, poder-se-ia construir uma estrada de mais de três mil quilómetros, indo de Nova Iorque a Salt Lake City, do outro lado dos Estados Unidos [2].

Tomemos o mapa-mundo e façamos passar um círculo imaginário pelos dois pólos e pela Grande Pirâmide. Teremos um meridiano muito especial, que, em comparação com todos os outros meridianos possíveis, atravessa o máximo de continentes e o mínimo de mares. Recordemos que se discutiu muito tempo até ser escolhido o meridiano oficial, que foi primeiro o de Paris e depois o de Greenwich. Nenhum deles

[1] Lembramos aqui um chiste de François le Lionnais: «A própria forma das pirâmides nos mostra que também no Egipto antigo os operários trabalhavam cada vez menos.» Isto resume de forma brilhante o ponto de vista da ciência oficial, segundo o qual não existe na Pirâmide qualquer segredo.

[2] Digamos, para melhor referência do leitor, que se trata da distância que vai de Paris a cento e cinquenta quilómetros para lá de Moscovo.

é ideal, ao passo que o da Grande Pirâmide divide as terras habitadas do mundo inteiro *em duas partes iguais*.

Também o paralelo em que se acha situada a Grande Pirâmide atravessa o máximo de continentes. É, quanto mais não seja, curioso, e muita gente competente pensa não se tratar de mera coincidência. É grande o número dos que crêem que a Grande Pirâmide foi, assim, deliberadamente colocada *no centro* das massas continentais.

É impossível, dizem outros. Os egípcios do tempo de Quéope, como as outras civilizações antigas, tinham apenas um conhecimento parcial do mundo habitado... É certo, mas a nossa teoria dos Antigos Astronautas permite responder a essa objecção; os visitantes vindos do espaço conheciam, naturalmente, toda a superfície da Terra.

Também a orientação da Grande Pirâmide, no que respeita aos quatro pontos cardeais, é bastante interessante. É costume tomarem-se estes quatro pontos cardeais como qualquer coisa de evidente, sem que nos expliquem a sua razão de ser. Na verdade, teríamos sérias dificuldades em individualizá-los se nos encontrássemos sozinhos no deserto, como acontece com os pastores de rebanhos. Não é a olho nu, olhando o céu, que nos podemos aperceber de que nos encontramos numa esfera. Os pontos cardeais não sobressaem naturalmente dos movimentos aparentes do Sol.

Os Egípcios, esses, sabiam como encontrá-los, talvez por razões militares; é preciso não esquecer que o Egipto foi a primeira nação política da História. Dizem-nos, porém, que julgavam que a Terra era plana, opinião que pessoalmente não perfilho. A rigorosa orientação da Grande Pirâmide, que os europeus da Idade Média, para citar apenas um exemplo, não teriam conseguido construir, constitui um problema que a ciência oficial prefere ignorar. Também a orientação dos observatórios colocava, na época, problemas insolúveis: a do observatório de Tycho Brahé, de Nuremberga, tem um erro de oito minutos de arco. Foi com enorme espanto que os astrónomos do Observatório de Paris verificaram que a

Grande Pirâmide apresentava apenas um erro máximo de orientação de quatro minutos de arco (exactamente 4′ 35″). Isto leva-nos a reflectir quanto à precisão dos meios empregues...

Mas o interior da Pirâmide é ainda mais perturbante. É que existe ali algo de absolutamente ímpar em toda a história da arquitectura mundial: uma organização fundada em conhecimentos secretos. Mais de cento e cinquenta pormenores correspondem a valores numéricos precisos. Como foram todas essas pedras, talhadas com inverosímil exactidão, transportadas e colocadas na Pirâmide? Ninguém sabe.

De facto, todas as pirâmides têm uma passagem proveniente de um subterrâneo e aparentemente destinada àquela colocação. Parece também haver em todas elas, e mais especialmente na Grande Pirâmide, um caminho «iniciático» que se dirige para o cimo. E isto constitui sem dúvida o aspecto mais notável da arquitectura sagrada.

Sobe-se por lances de 130 pés (40,62 m). Era certamente possível descer do cimo até à base deixando-se apenas escorregar pelo pavimento liso.

A primeira coisa que pude verificar ao visitar a Grande Pirâmide foi a impossibilidade de introduzir no interior, por meios técnicos conhecidos, os blocos de granito com que a mesma era construída. As passagens que atravessam a pirâmide foram dissimuladas de forma muito intencional e com um objectivo que para nós continua desconhecido. Ao subirmos, atingimos uma grande galeria (distando do solo 47,85 m e do cimo 45,63 m), através de corredores vindos do exterior (décima sexta fileira de pedras da face norte). Achamo-nos então, mais ou menos, à altura de um segundo andar. Esta galeria compreende sete fileiras de pedra branca, provavelmente calcário, invadindo cada uma delas a fileira inferior; embora bastante larga na base (cerca de um metro), é muito estreita no tecto. Passa-se, em seguida, a uma pequena câmara (antecâmara) e depois a uma grande câmara, que, com a sua

homóloga subterrânea, colocada em sentido inverso, a cem pés abaixo da primeira fileira, são únicas (fig. 40).

A teoria oficial pretende que os construtores da Grande Pirâmide mudaram três vezes de opinião ao longo dos trabalhos. Segundo esta tese, teriam primeiramente construído a câmara subterrânea e depois decidido levantar um edifício de superfície (altura em que construíram a grande câmara); finalmente, resolveram erguer a Grande Pirâmide. Quer dizer, a grande maravilha do mundo antigo teria sido obra do acaso.

A primeira coisa necessária para estabelecer o plano de uma pirâmide perfeita consiste em dispor de uma unidade de medida considerada ideal. Nem o metro nem a polegada são unidades perfeitas. O pensamento científico generalizado é o de que uma unidade de medida de comprimento deve ter uma relação extremamente bem definida com as dimensões da Terra. No caso do metro, os sábios tomaram a distância que vai do equador ao Pólo Norte e dividiram-na exactamente por dez milhões. Não se aperceberam, contudo, que outros tinham chegado há muito a uma solução melhor. Foi, aliás, necessário alterar a definição do metro para ter em conta erros de medida. Actualmente, faz-se derivar o metro de radiações luminosas, e não já do globo terrestre [1].

Os Anglo-Saxões referem-se a leis do rei Jorge I ou, talvez, ao pé romano. Finalmente, sabemos de onde vem a polegada! O grande astrónomo inglês Sir John Herschel mediu no século XIX, por triangulação, as grandes extensões da Terra, nomeadamente a distância entre os dois pólos. Dividiu depois em quinhentos milhões de partes iguais esta distância do Pólo Norte ao Pólo Sul, passando pelo centro da Terra, e encontrou assim a 1,0001 *inch*, ou polegada (25,40 mm).

E é esta polegada, visivelmente antiquíssima e ligada às

[1] Recordemos que a definição dada pela lei do 19 Frimário, ano VIII (10 de Dezembro de 1799), foi a da décima milionésima parte do quarto do meridiano terrestre. Ela é, presentemente, «1 650 763,73 comprimento de onda no vazio da radiação entre os níveis $2p_{10}$ e $5d_5$ do átomo de crípton 86».

dimensões do globo terrestre — ou, mais precisamente, a polegada piramidal (25,4264 mm), mas a diferença é diminuta —, que está na base da construção da Pirâmide! Contudo, os Egípcios, na sua geometria quotidiana, não utilizavam esta unidade. Porquê?

Porque não foram eles que dirigiram a construção da Grande Pirâmide; os que a fizeram utilizavam uma medida que era a quincentésima milionésima parte do diâmetro polar terrestre, o que os Egípcios não podiam conhecer. É aquilo a que poderia chamar-se a polegada eterna...

Se traçarmos um círculo onde a base da Pirâmide se ache exactamente inscrita, a sua circunferência é de 36 524 polegadas. Encontramos aí, imediatamente, a extensão do ano solar, de 365,242 dias, que nem os Gregos nem os Romanos puderam calcular [1]. Se eu tivesse de construir uma pirâmide ideal, seria num tal círculo solar que inscreveria a sua base.

A despeito dos vândalos que roubaram as pedras e dos tremores de terra que abalaram o conjunto, todas as dimensões da Grande Pirâmide se mantêm invioladas há milhares de anos... Convém lembrar que o sultão Barbuk, achando, por volta de 1400, que a Grande Pirâmide era demasiado «falante», mandou demolir o revestimento de calcário liso, na esperança de que as suas medidas primitivas escapassem às épocas futuras. Mas o sacrilégio não contou com as admiráveis proporções do monumento, onde tudo está minuciosamente talhado e interligado [2]. E foi possível reconstituir todas essas dimensões invioláveis tal como foram fixadas pelos construtores.

A altura total da Grande Pirâmide — 5813 polegadas (148,208 m) —, segundo a medição de Piazzi Smith, continua a ser o raio do nosso círculo solar. Contrariamente à arqueo-

[1] O círculo no qual se inscreve o misterioso cromeleque de Stonehenge tem exactamente dez vezes a circunferência daquele em que se inscreve a base da Grande Pirâmide.

[2] G. Barbarin: *Le Secret de la Grande Pyramide* e *L'Enigme du Grand Sphinx*, Adyar, 1936-1946.

logia oficial, isto supõe, da parte dos antigos egípcios, um conhecimento do número π. Com efeito, se somarmos o comprimento dos quatro lados da Grande Pirâmide, cada um com 232,805 de base, obtemos um perímetro de 931,220 m; se dividirmos por dois a altura total (ou R2 do círculo solar), obtém-se 3,1416. E os antigos egípcios eram igualmente capazes do mais difícil cálculo de um triângulo e de um quadrado possuindo áreas iguais. É deste cálculo que se deduz o ângulo de 26° 10′, que é fundamental na Grande Pirâmide.

Todo o sistema de câmaras e corredores interiores está intimamente ligado à sua geometria exterior e deduz-se por fórmulas de trigonometria. Também a posição das câmaras interiores se deduz de uma fórmula de trissecção aproximativa de um ângulo, o que é de elevado nível matemático. Reconhece-se, assim, que nem quanto às câmaras nem quanto às passagens intervém qualquer elemento casual.

Há contudo um problema: medidas feitas em 1925 mostraram que o perímetro da Grande Pirâmide não corresponde exactamente à fórmula teórica. É demasiado pequeno. A diferença entre o quadrado de base ideal e o quadrado da base efectivo é de 286 polegadas! Mas o engenheiro inglês Demon Davidson, cujos trabalhos sobre a Grande Pirâmide acabaram por conduzi-lo à loucura mística, demonstrou que esta diferença é intencional. O perímetro acusa um reentrante de 35,76 polegadas nos quatro lados (35,76x4 = 143,04, ou seja, 286,1:2).

O que é ainda mais espantoso é que Davidson, antes das medições de 1925, tinha anunciado esta diferença entre as dimensões exteriores e a teoria. Segundo ele, este diferencial (286,1) aparece muitas vezes na Grande Pirâmide. Chamou-lhe «factor de deslocação». Pessoalmente, prefiro a expressão «coeficiente de relatividade».

É com esta óptica que deve observar-se que a entrada não se acha situada no centro do triângulo da face norte, mas desviada, em razão deste coeficiente de relatividade, para a esquerda (para leste). O mesmo acontece com o sistema de

corredores e câmaras, deslocado para leste 286,1 polegadas em relação ao plano do eixo vertical central norte-sul da Grande Pirâmide. Esta deslocação aparece também na centragem da câmara principal (Câmara do Rei): o seu centro não corresponde ao da Pirâmide e acha-se desviado do mesmo coeficiente. E este volta a encontrar-se na diferença entre as larguras maiores das câmaras. Os arqueólogos oficiais falam de uma pedra que falta. Creio que nunca existiu nenhuma. Penso tratar-se de um acto deliberado dos construtores para chamarem a atenção para esse número que designo por coeficiente de relatividade. Quanto a mim, este factor é de natureza astronómica e não terrestre.

A altura «total» de 5813 polegadas, calculadas por Piazzi Smith, toma em consideração a parte «que falta», a ponta truncada da Grande Pirâmide, que termina por uma plataforma quadrada com 6 metros de lado. Ainda aí, esta «falta» é de 286,1 polegadas (7,162 m). E muitos outros cálculos são possíveis a partir da Grande Pirâmide. As diagonais da base têm 25 826,5 polegadas, o que corresponde, com extraordinária precisão, ao número de anos do ciclo da precessão dos equinócios (hoje, contentamo-nos geralmente em dar a ordem de 26 000 anos; raras são as obras que arriscam um número mais preciso; por exemplo, 25 765 anos). Se multiplicarmos por um milhão a altura total da Grande Pirâmide, encontramos também uma extraordinária aproximação da distância média da Terra ao Sol: 148 208 000 quilómetros [1] (23 400 raios terrestres). E multiplicando o polegar piramidal por cem mil milhões, obtém-se a distância percorrida pela Terra, na sua órbita, num dia de 24 horas, com uma aproximação pelo menos igual à dos nossos melhores cálculos actuais.

Os que construíram a Grande Pirâmide sabiam tanto ou mais que nós acerca das forças de gravitação exercidas no sistema solar.

[1] A unidade astronómica (UA) foi fixada por convenção, a partir de 1964, em 149 600 000 quilómetros.

Utilizaram seis milhões de toneladas de pedra para nos dizerem o que sabiam. O sultão Barbuk tinha razão: a Grande Pirâmide é espantosamente «falante». Mal começamos a compreendê-lo. Foi só em 1905 que Simon Newcomb, através de cálculos difíceis, conseguiu apreender o que ela nos dizia.

Mas quem construiu a Grande Pirâmide? Certamente que não foi Quéope. Os vinte e três anos do reinado deste faraó da IV dinastia, 2600 anos a. C., não seriam suficientes. De resto, não sabemos ao certo quando foi ela construída. Temos apenas algumas razões para acreditar que foi no início da era do Touro, o que a situaria num passado ainda mais distante.

Podem aventar-se a este respeito muitas outras hipóteses, por vezes verdadeiramente fantásticas. Alguns pretendem que ela foca a energia e que qualquer objecto que a reproduza proporcionalmente conserva as mesmas características. Os Caldeus já o diziam...

Quando se decidiu confiar à sonda *Pionnier X* uma mensagem destinada a eventuais «inteligências» extraterrestres, a mesma foi feita sob uma forma gráfica. Mas os desenhos e os sinais não são um meio tão bom de comunicação como os números. A Grande Pirâmide, que não exibe quer no exterior quer no interior qualquer inscrição hieroglífica, comunica-nos relações geométricas universais, e não o nome de Quéope ou de qualquer outra personagem egípcia da Antiguidade. De facto, ela constitui uma verdadeira mensagem de pedra.

A única chave encontra-se nos cento e cinquenta e seis captítulos do *Livro dos Mortos* egípcio, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Em 1898, o americano Marshall Adams estudou longamente este «ritual funerário» e deu-lhe a primeira interpretação conhecida. Em minha opinião, encontra-se no *Livro dos Mortos* a réplica da Grande Pirâmide; o simbolismo das alegorias corresponde estreitamente ao simbolismo da pedra e

explica o sistema de corredores e câmaras da Grande Pirâmide.

Nem todas as almas sobem (corredor ascendente e grande galeria); algumas descem (corredor descendente) para se perderem na câmara subterrânea inversa, no mais baixo do sistema. No topo encontra-se a câmara chamada «do Rei», mas designada no *Livro dos Mortos* por «Câmara do Mistério», a «Sala do Julgamento». Mesmo para quem não seja mais religioso do que eu, é difícil não chocar com o paralelismo havido com a Bíblia.

A Grande Pirâmide é uma obra demasiado perfeita, demasiado «ideal» para ter sido construída ao acaso. A sua perfeição geométrica, astronómica e matemática denuncia conhecimentos que certamente não possuíam os egípcios dessa longínqua época. Esses conhecimentos indispensáveis para construir a Grande Pirâmide devem ter vindo necessariamente de alhures. E o colossal monumento leva então inevitavelmente a pensar na intervenção de «visitantes» de uma civilização muito avançada: os Antigos Astronautas.

17

O FABULOSO UNIVERSO DAS ESCRITURAS SAGRADAS HINDUS

POR SERGIUS GOLOVINE

Nascido a 31 de Janeiro de 1930. Conservador bibliotecário durante dezoito anos, depois escritor, conferencista e homem político muito conhecido na Suíça. Autor de uma dezena de obras diversas.

HÁ cerca de duzentos anos, o astrónomo francês Jean-Sylvain Bailly (1736-1793) escrevia que a existência de uma idade de ouro não era necessariamente utópica ou imaginária. O próprio Voltaire se interessou pelo assunto e pensava que a existência de um período em que os deuses eram benevolentes e o paraíso real não devia ser rejeitada *a priori*.

Compreende-se que Voltaire tenha colocado a Idade de Ouro no tempo dos nossos longínquos antepassados. Bastava olhar à volta para se aperceber de que essa idade de ouro já não existia.

À época, porém, podia encarar-se, no passado, uma idade de justiça e de inocência. Era a opinião de Bailly, que fora influenciado por uma estranha personagem, Antoine Etteilla. Etteilla era o pseudónimo flagrante (tratava-se do seu nome

simplesmente invertido) de um cabeleireiro chamado Alliette. Era interessante esclarecer quais as suas fontes de informação. Não só possuía conhecimentos muito curiosos sobre as primeiras civilizações como fez ainda predições sobre o desenvolvimento da Revolução Francesa, as quais vieram todas a verificar-se.

Estava ligado a sociedades secretas, tinha livros em sânscrito e relacionava-se com filósofos ousados que, no século XVIII, consideravam as cartas de predizer o futuro dos ciganos como a chave de uma religião primária. Estes pensadores julgavam ser possível descobrir no passado todas as chaves do mistério da natureza. Segundo ele, os Antigos teriam possuído o saber divino e tinham compreendido a ordem do universo.

Parece que as escrituras sagradas conservadas, o mais fielmente, nos mosteiros dos Himalaias, estão cheias de informações que uma espécie de superstição nos impede de atribuir a tempos supostos «primitivos». As suas indicações sobre a dimensão do universo, o tamanho do átomo, os habitantes de outros planetas, a idade do universo, a velocidade de naves espaciais, a possibilidade de produzir superarmas, etc., foram inicialmente consideradas na Europa e na América como puras fantasias mitológicas. Mas pouco a pouco foi demonstrado que podiam encontrar equivalência nas mais recentes teorias científicas.

As mesmas ideias começam a reaparecer hoje, mas a distância, no tempo, da Idade de Ouro parece ser da ordem dos milhões de anos. Estaria ligada a uma configuração de estrelas que se teria verificado nessa muito longínqua época do passado.

Esta ideia foi também expendida, aparentemente de forma independente, pelo autor americano Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), que recusou sempre qualquer iniciação e pretendia ter inventado todos os elementos da sua mitologia, que apresenta algumas analogias com o que acabamos de dizer.

Na realidade, é necessário mais de um milhão de anos para que a configuração das estrelas mude. Além disso, as constelações são apenas grupos aparentes de estrelas «fixas», vistos da Terra e sem qualquer realidade física. As estrelas de uma dada constelação não têm a mínima relação entre si.

Sendo assim, trata-se apesar de tudo de uma mitologia muito curiosa. Os textos védicos, datando de três mil anos a. C., chamam à nossa época a idade das trevas, ou *Kali Yuga*. Estas narrativas hindus descrevem com bastante precisão naves voadoras que podiam atingir outros planetas, armas de tal maneira avassaladoras que a recordação do seu emprego se mantém desde há cinco mil anos, engenhos capazes de destruir toda a humanidade. Os escritores e os filósofos do Século das Luzes, ao tomarem contacto com tais ideias, criaram uma imagem totalmente nova do universo.

Esta imagem formou-se nos salões de Paris, nos clubes, nas bibliotecas, nos círculos de estudo. Misturava-se com a feitiçaria e os relatos de viagens fantásticas num Próximo Oriente e numa Índia de sonho.

Encontramos este género de imaginação de mistura com a realidade no que nos resta dos documentos da Loge des Soeurs, de que fazia parte Voltaire, e num certo número de outros documentos onde se procuram os vestígios da Idade de Ouro.

Sabemos infelizmente que tanto Voltaire como Bailly chocaram com o ensino oficial e a religião. Bailly, que presidia à Constituinte na famosa sessão do Jeu de Paume e foi *maire* de Paris depois da tomada da Bastilha, foi guilhotinado em 1793 em circunstâncias muito estranhas.

O presidente do Tribunal Revolucionário censurou-lhe ter falado demasiado e declarou na sua peroração que «Bailly era uma boca que era preciso calar».

As execuções de pessoas que sabiam de mais fazem parte do folclore da Revolução Francesa, tal como se lê, por exemplo, no livro de Patrick Toussaint *Le Grand Secret*. É muito difícil ser objectivamente preciso.

Os ensinamentos dos padres hindus, e nomeadamente das principais religiões e seitas, as Jain em especial, davam números absolutamente fantásticos para a idade do mundo, e particularmente um número de anos igual a 6 697 150 seguido de doze zeros. Era, segundo eles, o tempo que levavam as estrelas a descrever um ciclo.

Na astrofísica moderna, parece não haver retornos cíclicos. Há, pelo contrário, populações de estrelas: populações 1, 2, 3..., que são gerações das novas estrelas que nascem sucessivamente após o termo de uma primeira geração. Mas será a astrofísica moderna a última palavra?

Pode duvidar-se.

Neste incomensurável passado, praticamente inacessível à mentalidade europeia, reinavam deuses que governavam outros deuses, cada um dos quais reinava sobre um milhar de mundos.

Os fabulosos escritos sânscritos davam igualmente medidas do espaço dificilmente compreensíveis para os Europeus. Números como 257 152 milhões de *tchoinas*; um *tchoina* era igual a duas milhas geográficas, obtendo-se, assim, distâncias que ultrapassavam vários anos-luz. Diga-se de passagem que Bailly, a quem tinham ensinado que o mundo fora criado havia apenas seis mil anos e se limitava praticamente a um pequeno planeta, ficou, pelo menos, surpreendido.

E mais ainda quando lhe surgiu a ideia do «dia de Brahma», equivalente a quatro mil trezentos e vinte milhões de anos! Contudo, os astrónomos mais avançados da época, como Laplace e Lalande, discutiram estes números hindus. O século XVIII achava-se assim na posição em que se encontrou Cristóvão Colombo ao aperceber-se de que os navegadores celtas (século VI) e vikings (século X) tinham razão e que de facto existia um outro continente. Mais tarde os dados geológicos haviam de demonstrar que os tempos imensos das lendas hindus eram verídicos e que os seis mil anos da Bíblia eram, pelo contrário, uma simples fábula.

Só a descoberta da radiactividade, no fim do século XIX,

permitiu, ao mesmo tempo, explicar a fonte de energia do Sol e das estrelas e confirmar as longuíssimas durações que a tradição hindu aventava.

Encaram-se, actualmente, tempos da ordem dos seis mil milhões de anos para a idade da Terra. Quanto ao universo, pensa-se, cada vez mais, que ele é eterno e a teoria da criação contínua da matéria está em vias de retomar a vanguarda.

As discussões dos astrónomos Laplace e Lalande deviam ser paralelas às que travamos hoje. Os mitos hindus faziam surgir também titãs mais que humanos: os Assuras, os Ratchassas e muitos outros seres ou outros deuses incompreensíveis. A lenda da Torre de Babel começava a apresentar-se sob um outro aspecto, o da construção de um navio interplanetário e interstelar.

O espírito humano atingia a vertigem.

Parecia possível que um retorno dos deuses, verdadeiramente inconcebível, podia mudar o mundo.

Os mitos cujos «deuses», vindos das estrelas, discutimos hoje — a ideia de entidades extraterrestres, extremamente poderosas, que teriam intervido na História —, são o prolongamento disso. Livros como *O Despertar dos Mágicos* e *Presença dos Extraterrestres* podem ser, com tantos outros, citados como exemplo desta corrente de ideias. Pressagiam talvez um renascimento que, no século XXI, há-de conduzir à aproximação dos antigos ciclos com as ideias ultramodernas da cosmogonia.

Penso que foi o desejo de um maior conhecimento e de entrar em contacto com os grandes segredos que levou Bonaparte a empreender a expedição ao Egipto, e mais tarde a campanha da Rússia, ambas preliminares da conquista das Índias.

Voltaire escreveu na correspondência trocada com Bailly que os que pudessem mergulhar nas nascentes do Ganges renasceriam como deuses.

Vejo em Napoleão um desejo de apossar-se dos conheci-

mentos dos deuses hindus e do poder que daí lhe adviria. E esta obsessão das Índias persiste para além de Napoleão. Encontra-se na obra de Schopenhauer, e pode mesmo estar a ela ligada o mito ariano.

Creio que o mesmo retorno dos mitos, entre outros o do mito romântico indo-germânico, se verifica presentemente.

A noção de universo cíclico apareceu no século XIX, nomeadamente na obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e na de Louis-Auguste Blanqui (1805-1881). Encontramo-la de forma atenuada no «Eterno Adão» de Júlio Verne. Uma actualização de todos estes dados foi feita por René Guénon.

Fala-se actualmente muito da Era do Aquário, mas não há unanimidade de opiniões quanto à data do seu começo. É geralmente situada por volta do ano 3000 da nossa era. Ela pressagia a substituição do nuclear por novas energias. Isso corresponde astrologicamente à substituição de Saturno por Úrano.

Bailly sonhava com a conquista do ar, com o acesso a uma atmosfera vivificante. Chegaremos, talvez no século XXI, à conquista das montanhas dos deuses, àquela compreensão de que os mitos da Torre de Babel, os mitos da viagem através dos ares, e depois através do espaço, são os mesmos.

Posfácio

A TEORIA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS SERÁ UMA SOLUÇÃO ?

POR ERICH VON DÄNIKEN

Nascido a 14 de Abril de 1935, em Zofingen, na Suíça. O seu livro Chariots des Dieux, *publicado em 1960, pode considerar-se o ponto de partida da astro-arqueologia. Fez, em cerca de vinte países, mais de duzentas e cinquenta conferências sobre as suas investigações e respectivos resultados, setenta e quatro das quais em universidades americanas. As edições das suas obras, em trinta e cinco idiomas, ultrapassam os trinta e um milhões de exemplares.*

TENHO sobre a minha secretária mais de vinte mil recortes de imprensa, todos directa ou indirectamente relacionados com a teoria dos Antigos Astronautas. Ressalta da sua leitura que um número enorme de objecções sérias se opõem a esta teoria. Ela não nasceu, contudo, unicamente do meu cérebro desequilibrado. Permitir-me-ei, portanto, responder a tais críticas.

A nossa teoria assenta, em princípio, na existência de astronautas extraterrestres e sustenta que eles vieram à Terra num passado longínquo, como visitantes que pensam, sentem, agem e dispõem de um poder tecnológico. Seguir-se-ão depois outras considerações sobre o mesmo assunto.

Comecemos pelo princípio.

A inteligência o que é? Para mim, a inteligência conduz necessariamente à conquista do espaço.

Muito boas cabeças pensam, com efeito, que, se a saída dos oceanos foi um fenómeno puramente instintivo, a saída da vida, da amosfera para o espaço, do planeta para o cosmo, ficará a dever-se à inteligência. É o ponto de vista expresso pelo grande sábio americano Loren Eiseley na sua obra *A Imensa Viagem.*

Eiseley pensa mesmo que o fenómeno já se verificou: «Talvez tenhamos vindo do espaço e queiramos voltar a ele com a ajuda das nossas máquinas.» Outros partidários da astronáutica são igualmente desta opinião.

Disponham-se a entrar no jogo e partam da seguinte hipótese: um planeta onde surge a inteligência. Esta inteligência começa a dominar as outras espécies e contempla o céu onde brilham pontos luminosos. Que pontos são esses? E a questão põe-se.

A ciência fornece-lhe a medida das distâncias e respectivas posições. Mais tarde ou mais cedo, a viagem no espaço surge, sejam esses astronautas semelhantes ou não ao homem.

Só na nossa galáxia existem cem mil milhões de estrelas fixas. A estatística deixa pensar que um grande número de planetas pode conter as substâncias preliminares da vida e que um número mais pequeno de planetas possa mesmo desfrutar da vida. A vida consistiria, pois, na evolução que conduziria a qualquer coisa mais ou menos semelhante a nós.

Não digo exactamente igual. Não rejeito a possibilidade de formas de vida com quatro olhos e sete dedos. Contudo, depois dos trabalhos de Bernal, na Grã-Bretanha, existem razões para crer que qualquer forma avançada de vida deve ter uma simetria de cinco ou seu múltiplo, como a centopeia. Desta forma, seres com sete dedos seriam verdadeiramente impossíveis.

Mas penso que uma cabeça sobre os ombros, órgãos que

possam agarrar e pés que permitam a deslocação constituem muito provavelmente características gerais.

Isto por razões lógicas.

Por exemplo, o cérebro deve estar o mais próximo possível dos olhos — mostrem-me um único animal que seja uma excepção a este princípio. Também o nariz, nas espécies que o têm, se encontra o mais próximo possível dos pulmões.

Nós próprios, produtos da evolução, estamos à beira de assistir a um desembarque no planeta Marte. Contrariamente, Vénus parece ser demasiado quente para a nossa espécie. Em Júpiter, a gravidade é excessiva, e a atmosfera de metano-amoníaco demasiado irrespirável para se poder caminhar sem protecção. Contudo, a nossa história no sistema solar mostra a vida alargando-se de uma forma perfeitamente lógica.

Abandonarei, agora, a lógica para dar livre curso à imaginação. Algures nesta galáxia, existem e encontram-se planetas que produziram seres análogos ao homem. Alguns desses seres resolveram o problema da viagem interstelar para grandes distâncias.

Para tal, essas inteligências extraterrestres tiveram de vencer o tempo. A relatividade mostra que, a grandes velocidades, o tempo contrai-se. Os nossos hipotéticos viajantes, utilizando o princípio da relatividade, podem fazer viagens durante vinte anos, para eles, mas que representam cem mil anos para o planeta donde partiram.

Ao regressarem, ensinam à sua espécie que a vida existe alhures. Dizem-lhe também que há um certo número de planetas que detêm as substâncias prebióticas.

Qual a proporção desses planetas?

Um em cada dez mil?

Um em cada vinte mil?

Não sei.

Mas alguns deles podem estar ou ter sido explorados e colonizados.

Defendo que, entre esses planetas, se encontra a Terra,

cujas mitologias, bem como os livros sagrados, mostram a intervenção dos Antigos Astronautas.

«Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança. Adão e Eva nasceram do nateiro da Terra.»

E porque não?

Sabemos hoje que as mutações artificiais são possíveis.

Aqui, objectam-me:

«Meu caro senhor Däniken, você especula desenfreadamente. Você não pode calcular nenhuma das durações do seu tempo imaginário.»

A isto respondo que todos os dias fazemos progressos em genética. Considero possível a ideia de poder tornar uma espécie inteligente em vinte anos. Logicamente, não se trataria de uma mutação, o que seria impossível em vinte anos, mas de uma transformação dos próprios indivíduos.

Porque não?

Talvez se possa partir de uma espécie que apenas utilize um por cento do seu cérebro, para conseguir bruscamente na Terra uma espécie que o utilize dez vezes melhor, ou seja, dez por cento, o homem actual.

Escritores de ficção científica, como Poul Anderson, imaginaram essa possibilidade.

Se se trata simplesmente de diminuir a resistência à passagem do influxo nervoso, tal não é impossível.

Digo que a teoria da evolução não considera de forma nenhuma este fenómeno do nascimento da inteligência. Os primatas — gorilas, chimpanzés —, sobre os quais não se produziu qualquer intervenção, continuam na floresta. Observei-os na natureza e não os vi de calças.

Falam-me de mutações espontâneas. É uma teoria tão louca como a minha. O darwinismo continua a ser uma teoria. Na realidade, as mutações têm um fim e é difícil crer que as espécies previssem esse fim há quinhentos milhões de anos.

Quando não existe intervenção, assistimos a espécies inalteráveis; os escorpiões viveram seiscentos e cinquenta milhões de anos sem qualquer progresso.

Pode a este respeito aventar-se uma hipótese: o campo magnético terrestre varia. É possível que as espécies que evoluíram sejam as que contêm no sangue um metal magnético — o ferro ou o cobalto, por exemplo —, enquanto as espécies que o não têm não evoluíram.

Isto parece coerente com os factos.

Seria preciso construir um «evolutrão», submetendo várias espécies a um campo magnético poderoso e variável. A ideia parece não ter surgido aos biologistas.

Quando se observa o ser humano, vê-se que, dos dentes aos músculos, nada foi feito ao acaso. O mesmo se diga do cérebro, muito exagerado para o presente, mas muito útil no futuro.

Não creio tratar-se de mero acaso.

Penso que as mitologias e as antigas religiões têm razão: o homem não se criou ao acaso, os deuses fizeram-no à sua imagem.

Esta ideia esclarece tudo, incluindo, aliás, a programação sexual da espécie e a puberdade. Julgo que o nosso cérebro foi formado e programado, e que os biologistas clássicos jamais explicarão por que razão nascem crianças e não bebés crocodilos. O mesmo sucede no domínio do pensamento. Se somos o resultado do pensamento e das acções dos Outros, há que concluir que eles pensam como nós. E as semelhanças do pensamento são, talvez, mais importantes que as semelhanças de forma; pelo menos assim me parece lógico.

Claro que existem objecções.

Se os Outros operaram há dois milhões de anos mutações em nós, por que razão não somos inteligentes desde essa data? A minha resposta é justamente que somo-lo e que cada vez mais se encontrarão no passado vestígios de inteligência. Pessoalmente, penso que nos separamos nitidamente do mundo animal.

Aventaria mesmo a hipótese de que, simultaneamente com mutações, os Outros deixaram neste planeta «cápsulas do tempo», que esperamos vir a encontrar.

Cápsulas do tempo antigas e relativamente recentes: vinte e cinco mil anos ou talvez dez mil anos apenas.

Sabemos que, na História, os templos, as bibliotecas, os hospitais, desaparecem.

Pode citar-se, a propósito, a bela frase de Talbot Mundy atribuída a um membro da Sociedade dos Nove Desconhecidos:

«Vanarasi foi destruída sete vezes, mas a Verdade continua.»

Houve certamente mais livros destruídos durante o período que se estende de dois mil anos antes da nossa era até mil anos depois da mesma do que os que possuímos relativos a essa época.

Sabemos também que há épocas de obscurantismo — chame-se-lhes monarquia, teocracia, ditadura, o que se queira — onde todo o vestígio da viagem espacial, do domínio do tempo, da genética, desaparece da civilização.

Os monumentos permanecem; os terraços de Balbeque são um exemplo disso. E também — quantos monumentos foram destruídos pelos dilúvios, tremores de terra, etc. Quantos cataclismos apagaram e hão-de apagar ainda vestígios no futuro?

Sou da opinião de que nós próprios deveríamos colocar cápsulas do tempo em pontos convenientemente escolhidos: Pólo Norte, Pólo Sul, linha de divisão entre os continentes e os mares. Penso também que deveríamos, quando fosse possível, depositar cápsulas do tempo em pontos, logicamente escolhidos, do sistema solar e particularmente no ponto de equilíbrio entre a Terra e a Lua. Será tarefa para as gerações futuras.

Até lá restam-nos os mitos: as astronaves de Ezequiel, as lendas suméricas e tantas outras. Essas sobrevivem igualmente.

Bem entendido, seria preciso explorar também os continentes que a arqueologia desprezou, como a Austrália e a África Negra. Presentemente, apenas podemos recolher indícios e divulgá-los. Quanto a mim, publiquei centenas e continuarei a fazê-lo.

O escritor americano Charles Berlitz atribui as diversas catástrofes ocorridas no «Triângulo das Bermudas» a uma cápsula do tempo que se encontraria no fundo do Atlântico desde a submersão da Atlântida e que emitiria sinais produtores de interferências tanto nas bússolas dos navegadores de outrora como nas aparelhagens de rádio dos navios e aviões dos nossos dias. Referenciando esses sinais, chegar-se-á, talvez, a localizar e encontrar essa cápsula. Quem sabe?

Penso que o homem, que aprendeu a voar e que está sempre apto a aprender mais, chegará à ideia dos Antigos Astronautas. Antes disso, é preciso que ponha ordem na sua casa e que suprima as guerras e o excesso de população.

Apelo para todos os espíritos lógicos deste planeta, para todos os especialistas, para todos os sábios. O problema diz respeito a todo o nosso futuro.

THE ANCIENT ASTRONAUT SOCIETY

PELO DR. GENE M. PHILLIPS

Nascido a 17 de Dezembro de 1926, em Beaver, Virgínia, EUA. Diplomado pelo Virginia Polytechnic Institute e pela Universidade de Harvard e doutorado em Direito pela Northwestern University de Chicago. Fundador da Ancient Astronaut Society. Casado, com quatro filhos, residente em Highland Park, Illinois.

A hipótese segundo a qual seres extraterrestres teriam vindo à Terra em tempos pré-históricos, ou uma civilização altamente tecnológica teria existido na Terra antes da História, ou uma combinação de ambas, é agora claramente conhecida por «teoria dos Antigos Astronautas».

Foi perante um programa de televisão dedicado ao livro *Chariots des Dieux*, do escritor suíço Erich von Däniken, que me surgiu a ideia de uma sociedade extensiva a todo o mundo cujo principal objectivo fosse a verificação daquela teoria. O programa apresentava vários enigmas físicos, mal explicados até aqui, que Däniken tinha exposto na sua obra. Figuras rupestres, construções ciclópicas, esculturas, estátuas colossais de pedra e estranhos desenhos no solo eram fornecidos em apoio da tese de que inteligências extraterrestres tinham vindo à Terra na Pré-História e aqui haviam difundido o saber e a tecnologia. Conhecedor das interpretações dadas pelos meios científicos para esses enigmas, fiquei estu-

pefacto com a simplicidade das explicações de Von Däniken. E estupefacto fiquei também ao aperceber-me de quanto as suas interpretações dos maiores enigmas — as religiões e a própria origem da vida —, que obcecaram a humanidade durante toda a sua história, eram satisfatórias. Tornou-se-me evidente ser imperioso que alguém fizesse um estudo organizado e objectivo deste domínio, a fim de encontrar resposta para esses enigmas. Além disso, aspirava por uma ocasião, para mim e para outros leigos, em que pudéssemos ver, com os nossos olhos, os diversos testemunhos físicos existentes no mundo.

Assim, a 14 de Setembro de 1973, foi fundada a Ancient Astronaut Society, sociedade sem fins lucrativos, aberta a toda a gente, que conta presentemente com um milhar de membros em quarenta e sete dos cinquenta estados da América do Norte e em trinta e cinco países, que representam um quinto das nações do mundo.

Um mês após a fundação desta sociedade, tive a oportunidade de encontrar Erich von Däniken e de lhe expor os seus objectivos e respectivas ambições. A sua reacção foi imediata: «Como posso aderir?» E o seu apoio foi a razão principal do êxito da Sociedade. De então para cá, beneficiou-a generosamente com muito do seu tempo, reputação e recursos financeiros.

Os primeiros meses foram dedicados à sua divulgação, o que não foi tarefa fácil para uma organização completamente nova, destinada ao estudo de ideias tão profundas como a de saber se homens do espaço visitaram a Terra no passado longínquo ou se o homem é um híbrido de formas superiores de animais terrestres e de seres inteligentes vindos do espaço. A decisão de dar à Sociedade uma orientação científica e literária tornou os seus primeiros tempos mais fáceis, pois raramente ela foi qualificada de «extravagante» ou de «louca», como o foram muitas organizações com fins menos elevados. As tentativas de descrédito da teoria dos Antigos Astronautas e os seus principais demolidores situavam-se fun-

damentalmente entre alguns dos elementos mais destacados da comunidade científica. Tradicionalmente dogmáticos, este tipo de sábios apresentam as suas teorias como verdades científicas e não admitem a consideração de uma teoria divergente ou concorrente. A teoria divergente é muitas vezes a que tem êxito, aquela em que o grande público crê. O objectivo, portanto, da Ancient Astronaut Society é o de facultar uma tribuna para apresentação e discussão de teorias populares sobre arqueologia, antropologia e as origens da humanidade e da civilização.

A primeira tarefa da Sociedade foi a de promover uma série de conferências e publicar os seus pontos de vista e conclusões. Von Däniken foi o nosso primeiro conferencista, e a partir dessa altura fez para a Sociedade numerosas conferências. Além disso, o nosso boletim bimensal, *Ancient Skies*, é hoje considerado como uma publicação científica de alta qualidade, apresentando artigos originais dos principais escritores e cientistas da nossa especialidade.

A proliferação de publicações neste campo, ao longo dos últimos dez anos, fez-lhe perder o sensacionalismo que a caracterizava a princípio, e um vasto público em todo o mundo aceita hoje como séria a teoria dos Antigos Astronautas.

Verificando o êxito internacional das ideias da Sociedade, decidimos em breve organizar uma conferência mundial, um ano em cada país, a fim de pôr em contacto os membros da Sociedade e o público de todo o mundo. A primeira conferência, que se realizou próximo de Chicago, em Abril de 1974, foi atentamente seguida e apresentou catorze conferencistas, entre os quais Erich von Däniken, o engenheiro espacial da NASA Joseph F. Blumrich, o professor de Filosofia Dr. Luis E. Navia e outras importantes personalidades. A primeira conferência mundial constituiu um extraordinário êxito, pois reuniu pessoas que tinham pouco ou nenhum contacto umas com as outras. O *Chicago Tribune* declarou que era «provavelmente a tentativa mais significativa para dar credibilidade à teoria dos Antigos Astronautas».

A segunda conferência mundial realizou-se em Zurique, em Maio de 1975, e foi organizada e financiada por Erich von Däniken. Pela primeira vez, se achou reunida a maior parte dos autores de nomeada nesta matéria. Homens como Jacques Bergier, W. Raymond Drake, Andrew Tomas, Frede Mehledegaard, Peter Krassa, o Prof. Hans Schindler Bellamy, Max Flindt, Gerardo Levet, o Dr. Luis E. Navia, Joseph F. Blumrich, o Dr. Kurt Melhose, Gerhard Steinhauser, Walter Ernsting e o Dr. Josip Kotnik participaram nesta conferência, bem como, evidentemente, Erich von Däniken, a quem foi atribuído o primeiro «prémio por serviços excepcionais» da nossa sociedade, em recompensa da sua luta tenaz para promover a teoria dos Antigos Astronautas e os objectivos da Ancient Astronaut Society.

A terceira conferência mundial efectuou-se em Crikvenica, na Jugoslávia, em Maio de 1976. Teve o apoio do Gabinete do Turismo Jugoslavo e foi organizada pelo Dr. Josip Kotnik. Pela primeira vez, escritores e jornalistas dos países do Leste aí se reuniram com os dos países do Ocidente. Novas caras apareceram, nomeadamente o inglês George Sassoon e o Dr. Harry O. Ruppe, um dos grandes especialistas do mundo em matéria de astronáutica.

A cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para a quarta conferência, em 1977, e novamente Chicago, para a quinta, em 1978.

Para além da organização destes congressos anuais, conferências e reuniões e da publicação do seu boletim, a Ancient Astronaut Society organizou também, para os seus membros, em Julho de 1975, expedições ao Peru e à Bolívia, com visitas a Tiahuanaco, Cuzco e Macchu Picchu, e um voo numa avioneta sobre a planície de Nazca; em Novembro de 1975 e Novembro de 1976, ao México, com visitas a Tula, Teotihuacan, Chichen Itza, Uxmal, Labna, La Venta, Palenque, Bonampak e Yaxchilan. Alguns dos membros mais audaciosos prosseguiram estas visitas até mais longe, em jipe e em avião de turismo, através da selva do México do Sul e mesmo

da Guatemala, até às ruínas de Tikal e Copan, nas Honduras. Depois de uma nova expedição à Bolívia e ao Peru, em Julho de 1977, outras estão previstas: a Stonehenge, na Inglaterra, à Grande Pirâmide, no Egipto, às estátuas colossais da ilha da Páscoa e aos petroglifos da Austrália e da Nova Zelândia.

A Sociedade pensa ainda estender as suas actividades dando o seu apoio a expedições particulares, como, por exemplo, a dos dois ingleses Stephen Woolley e John Sissons, que irão estudar os desenhos rupestres descobertos por Henry Lhote no Tassilli. Também apoiará as investigações no domínio da teoria dos Antigos Astronautas e o seu ensino nas escolas e universidades, assim como a publicação de novos livros, a organização de grupos de estudo e a criação de filiais em todo o mundo.

É intenção da Sociedade encorajar o ensino da teoria dos Antigos Astronautas, como matéria reconhecida nas grandes universidades, e, através de bolsas, dar uma ajuda financeira aos jovens que desejarem seguir uma carreira científica neste sector. A Sociedade esforçar-se-á igualmente por persuadir os meios científicos a reexaminarem os antigos testemunhos físicos existentes em todo o mundo, para assim modernizar as respectivas explicações à luz da tecnologia da idade espacial. Por fim, a Sociedade espera fundar uma biblioteca e um museu, destinados à conservação dos conhecimentos e dos testemunhos físicos da tecnologia do passado longínquo.

A Ancient Astronaut Society continuará a proporcionar uma tribuna para a livre troca de ideias provindas de leigos e a encorajar os contactos entre os seus membros, em todo o mundo.

Informações gratuitas sobre a Ancient Astronaut Society podem ser obtidas escrevendo para: 600 Talcott Road, Park Ridge, Illinois 60 068, USA.

ÍNDICE

Primeira Parte

Segunda Parte

Terceira Parte

A HERANÇA DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

Quarta Parte

OS VESTÍGIOS DOS ANTIGOS ASTRONAUTAS

POSFÁCIO

THE ANCIENT ASTRONAUT SOCIETY

Extraterrestres — os Antigos Astronautas — vieram à Terra há alguns milénios. Foram observados por populações dessa época longínqua, que deles fizeram os «deuses» de todas as suas religiões.

Esta é a tese de Erich von Däniken, chefe de fila daquilo a que hoje se chama a «astro-arqueologia» e que Jacques Bergier (um dos autores de *O Despertar dos Mágicos*) e Georges H. Gallet abordam neste livro, sem pretenderem, de modo algum, fazer um julgamento definitivo. Para isso recolheram e reuniram as opiniões de duas dezenas de cientistas de todos os sectores, tanto do Ocidente (Raymond Drake, Andrew Tomas, Josef Blumrich, o próprio Erich von Däniken, etc.) como do Leste (Vladimir I. Avinsky, Josip Kotnik, J. S. Lissievitch); do Norte (Frede Mehldegaard, Gerhard R. Steinhauser) como do Sul (Luis E. Navia, Gerardo Levet), esforçando-se por apresentá-las com um certo método, simples e claro.

A «astro-arqueologia» é uma ciência singular, não reconhecida pela maioria do pensamento oficial e até ridicularizada. Talvez seja uma imitação de ciência, mas é uma excelente imitação... E se, amanhã, for possível estabelecer de uma forma positiva a realidade das visitas dos Antigos Astronautas, teremos a resposta para um grande número de enigma[illegible] hoje ainda inexplicáveis.

COLECÇÃO
ENIGMAS
DE TODOS OS TEMPOS